

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Lucilene da Silva Luz

**EDUCAÇÃO ESPECIAL, ESCOLA BÁSICA E PANDEMIA COVID-
19: TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DE ESTUDANTES E DOCENTES**

Porto Alegre
2024

Lucilene da Silva Luz

EDUCAÇÃO ESPECIAL, ESCOLA BÁSICA E PANDEMIA COVID-19: TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DE ESTUDANTES E DOCENTES

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Cláudia Rodrigues de Freitas

Linha de Pesquisa: Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos.

Porto Alegre
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Liliane Giordani (Diretora)

Aline Cunha (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Fabiana de Amorim Marcello (Coordenadora)

Cláudia Rodrigues de Freitas (Vice-Cordenadora)

CIP - Catalogação na Publicação

LUZ, Lucilene da Silva
EDUCAÇÃO ESPECIAL, ESCOLA BÁSICA E PANDEMIA
COVID19:TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DE ESTUDANTES E
DOCENTES / Lucilene da Silva LUZ. -- 2024.
133 f.
Orientador: Cláudia Rodrigues de Freitas.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Educação Especial. 2. Atendimento Educacional
Especializado. 3. Escolarização. 4. Educação. 5.
Inclusão. I. Rodrigues de Freitas, Cláudia, orient.
II. Título.

Lucilene da Silva Luz

EDUCAÇÃO ESPECIAL, ESCOLA BÁSICA E PANDEMIA COVID-19: TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DE ESTUDANTES E DOCENTES

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestra” e aprovada em sua forma final/com alterações indicadas pela banca.

Porto Alegre, 28 de maio de 2024.

Prof.^a Dra. Fabiana de Amorim Marcello
Coordenador do PPG

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cláudia Rodrigues de Freitas
Orientadora
UFRGS

Prof.^a Dra. Clarissa Haas
PPEGEDU/UFRGS

Prof.^a Dra. Mayara Costa da Silva
(UFRGS)

Prof.^a Dra. Karla Rosane do Amaral Demoly
(UFERSA)

Este trabalho é dedicado às minhas amadas filhas Priscila e Carolina, pois, quando há amor na jornada, sempre é mais leve. Sou grata por tanto!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha força, resiliência e determinação. Sem ela, não teria chegado neste momento com o qual tanto sonhei!

Agradeço à minha professora e orientadora Cláudia Rodrigues de Freitas, pelos conhecimentos compartilhados, pelas muitas horas de orientação e de reflexão sobre este tema, por caminhar junto na busca e na construção do conhecimento que compõem esta pesquisa.

Agradeço às minhas amadas filhas Priscila e Carolina, pela compreensão das minhas ausências no tempo de dedicação aos estudos. Essa vitória, assim como muitas outras que virão, é nossa!

Agradeço à minha família, pela compreensão por muitas ausências e o suporte sempre que necessário. Vocês são minha base e meu porto seguro.

Agradeço à banca, pela disponibilidade, sugestões e contribuições. Vocês foram e seguem sendo muito importantes para este estudo: Clarissa Haas e Mayara Costa da Silva, pelas valiosas contribuições na qualificação quando esta dissertação ainda era um projeto e por aceitarem o novo desafio de fazer parte da banca que compõe a defesa final. Karla Rosane do Amaral Demoly, que aceitou o desafio de fazer parte da defesa final.

Aos meus queridos colegas do grupo de orientação, da linha de pesquisa em Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos, pelos maravilhosos momentos de estudos nas sextas-feiras à noite, obrigada por compartilhar tanto.

Aos meus queridos educandos, é por vocês que acredito e luto pela transformação proporcionada pela educação.

Muito obrigada a todos que, diretamente ou indiretamente, tornaram esta jornada um pouco mais leve.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Nelson Mandela (2003).

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral: compreender os possíveis efeitos da pandemia Covid-19 na escolarização dos estudantes público-alvo da educação especial na escola básica regular com ênfase na ação docente e nas trajetórias de aprendizagem desses estudantes, havendo por referência pesquisas realizadas entre 2020 até 2023; e como objetivos específicos: a) analisar as orientações e normativas nacionais divulgadas pelos órgãos competentes para orientar os sistemas de ensino sobre os processos de escolarização na educação básica durante a pandemia Covid-19, com especial atenção ao público-alvo da educação especial; b) refletir sobre as trajetórias de aprendizagem dos docentes especializados e do ensino comum durante a pandemia Covid-19 a partir do planejamento e da organização das práticas pedagógicas com foco na escolarização dos estudantes público-alvo da educação especial. Os questionamentos norteadores foram: como se deu o planejamento e a organização das práticas pedagógicas no transcorrer da pandemia da covid-19? Como foram as trajetórias de aprendizagens dos estudantes e dos docentes? Que potenciais conhecimentos esse momento evidenciou? O que já foi pesquisado acerca do tema? A pesquisa, aqui empreendida, é de cunho qualitativo, apresenta revisão bibliográfica articulada com estudo documental, especificamente, os pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE). As buscas foram desenvolvidas por meio de documentos públicos, sites de documentos oficiais e nas plataformas CAPES e *Scielo*. As lentes que se uniram às da pesquisadora e ajudaram nas análises foram, prioritariamente, de estudiosos vinculados ao pensamento sistêmico. Os resultados sugerem: um escancaramento de formas de exclusão relacionadas à situação de vulnerabilidade social; a importância do diálogo entre família e escola; o quanto a escola ainda necessita avançar para se tornar inclusiva; e com a pandemia a exclusão e a desigualdade se potencializaram. Entende-se que esse período afetou os processos de escolarização, e o atendimento na modalidade remota foi desafiador tanto aos professores quanto aos estudantes e ao seu grupo de apoio.

Palavras-chave: Educação Especial; Atendimento Educacional Especializado; escolarização, educação; inclusão; pandemia; Covid-19.

ABSTRACT

The main objective of this study was to understand the effects of the Covid-19 pandemic on the schooling of students who are the target audience of special education in regular basic schools, with focus on the teaching action and learning trajectories of these students, based on a research developed between 2020 and 2023; and as specific objectives: a) to analyze the national guidelines and rules released by the competent institutions to lead education systems on the schooling processes in basic education during the Covid-19 pandemic, with special attention to the target audience of special education; b) to reflect on the learning trajectories of specialized teachers and regular education during the Covid-19 pandemic, based on the planning and organization of pedagogical practices with a focus on the schooling of students who are the target audience of special education. As the guiding questions, we had: how was the planning and organization of pedagogical practices during the covid-19 pandemic? How were the learning trajectories of students and teachers? What potential knowledge did this moment highlight? What has been researched on the topic? The research, undertaken here, is of a qualitative nature, presenting a bibliographic review articulated with a documentary study, specifically, the opinions of the National Council of Education (CNE). The searches were made using public documents, official document websites and on the CAPES and *SciELO platforms*. The lenses that joined those of the researcher and helped in the analyses were, primarily from scholars linked to systems thinking. The results suggest: a widening of forms of exclusion related to the situation of social vulnerability; the importance of dialogue between family and school; how far the school still needs to advance to become inclusive; with the pandemic, exclusion and inequality have been exacerbated. We can hat this period affected the schooling processes, and the service in the remote modality was challenging for both teachers and students and their support group.

Keywords: Special Education; Specialized Educational Service; schooling, education; inclusion; pandemic; Covid-19.

RESUMEN

El objetivo general de este estudio fue: comprender los posibles efectos de la pandemia de Covid-19 en la escolaridad de los estudiantes que son el público objetivo de la educación especial en las escuelas básicas regulares, con énfasis en la acción docente y las trayectorias de aprendizaje de estos estudiantes, a partir de investigaciones realizadas entre 2020 y 2023; y como objetivos específicos: a) analizar los lineamientos y normas nacionales emitidas por los organismos competentes para orientar a los sistemas educativos sobre los procesos de escolarización en la educación básica durante la pandemia de Covid-19, con especial atención al público objetivo de la educación especial; b) reflexionar sobre las trayectorias de aprendizaje de los docentes especializados y de la educación regular durante la pandemia de Covid-19, a partir de la planificación y organización de prácticas pedagógicas con enfoque en la escolarización de los estudiantes que son el público objetivo de la educación especial. Las preguntas orientadoras fueron: ¿cómo fue la planificación y organización de las prácticas pedagógicas durante la pandemia de covid-19? ¿Cómo fueron las trayectorias de aprendizaje de estudiantes y docentes? ¿Qué conocimiento potencial puso de relieve este momento? ¿Qué se ha investigado sobre el tema? La investigación, aquí realizada, es de carácter cualitativo, presenta una revisión bibliográfica articulada con un estudio documental, específicamente, las opiniones del Consejo Nacional de Educación (CNE). Las búsquedas se realizaron a través de documentos públicos, sitios web de documentos oficiales y en las plataformas CAPES y *Scielo*. Los lentes que se unieron a los de la investigadora y ayudaron en los análisis fueron, principalmente, de académicos vinculados al pensamiento sistémico. Los resultados sugieren: una ampliación de las formas de exclusión relacionadas con la situación de vulnerabilidad social; la importancia del diálogo entre la familia y la escuela; cuánto le falta a la escuela para ser inclusiva; Y con la pandemia, la exclusión y la desigualdad se han exacerbado. Y se entiende que este período afectó los procesos de escolarización, y el servicio en la modalidad remota fue un reto tanto para los docentes como para los estudiantes y su grupo de apoyo.

Palabras-clave: Educación Especial; Servicio Educativo Especializado; escolarización, educación; inclusión; Pandemia; Covid-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tears of joy / lágrimas de alegría – obra de Priscila Luz

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

SciELO – Scientific Electronic Library Online

CNE- Conselho Nacional de Educação

CF – Constituição Federal

LS- Língua de Sinais

DUA- Desenho Universal da Aprendizagem

PCD- Pessoa com Deficiência

OMS- Organização Mundial da Saúde

TEA- Transtorno do Espectro do Autismo

DI- Deficiência Intelectual

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

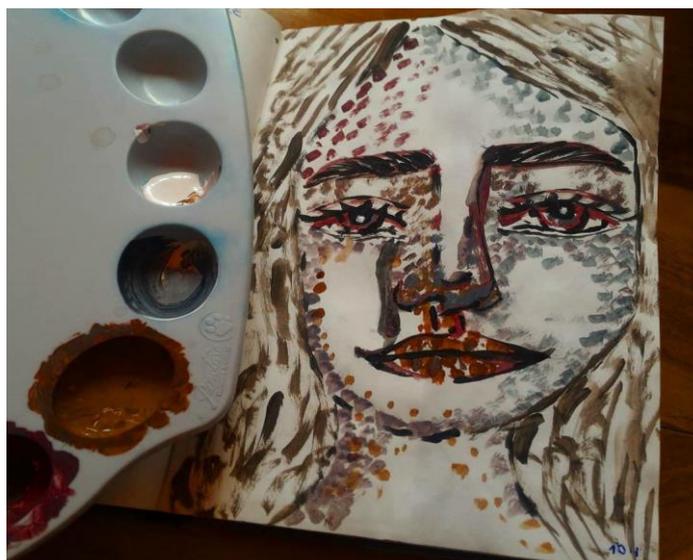
PRIMEIRAS PALAVRAS.....	13
HORIZONTES EXPANDIDOS	16
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 TODOS OS HORIZONTES	18
2 PERCURSO METODOLÓGICO E REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	26
2.2 CONVERSACIONES COM O PENSAMENTO SISTÊMICO	27
2.3 REFLETINDO SOBRE COMPLEXIDADE	29
2.4 REFLETINDO SOBRE A INSTABILIDADE	31
2.5 REFLETINDO SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE	32
3 UM SOBREVÃO EM DIREÇÃO AOS ESTUDOS RELACIONADOS A ESTA PESQUISA.....	35
3.1 O QUE DISSERTAM OS PESQUISADORES.? (UM SOBREVÃO PELA CAPES).....	35
3.2 O QUE DIZEM OS PESQUISADORES? (UM SOBREVÃO PELA SCIELO).....	42
4 ANÁLISE DE AÇÕES DOCENTES: O QUE NOS CONTAM AS PESQUISAS JÁ PUBLICADAS.....	51
4.1 O ENCONTRO COM A NOVA REALIDADE: NORMATIVAS EM FOCO.....	51
4.2 ORIENTAÇÕES SOBRE O RETORNO.....	61
4.3 O CAPACITISMO ESTAMPADO NO PARECER CNE/CP nº 11 e 15/2020.....	63
5 TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES.....	68
5.1 REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DURANTE O ENSINO REMOTO...68	
5.2 O INÍCIO DAS ATIVIDADES REMOTAS	71
5.3 A COMPLEXIDADE DE MAPEAR AS TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES	73
5.4 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DIGITAL.....	75
5.5 A AVALIAÇÃO.....	78
5.6 PONTOS IMPORTANTES PARA DESTACAR SOBRE OS ESTUDANTES.....	80
6 CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO.....	83
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE A: DISSERTAÇÕES CAPES.....	95
APÊNDICE B: ARTIGOS SCIELO.....	111

PRIMEIRAS PALAVRAS

Faltam palavras para descrever a emoção de ter chegado até aqui. Carrego no peito gratidão a todos os seres desse universo que fizeram com que eu me aproximasse, e por isso me apaixonasse, pela área da educação.

Que momento extraordinário! As primeiras palavras soam com orgulho da minha jornada até aqui. Sinto uma profunda gratidão reverberando em meu ser, irradiando em todas as direções. É como se cada passo, cada encontro e cada desafio superado se fundissem em uma sinfonia de gratidão. O coração transborda de emoção ao contemplar o caminho percorrido, repleto de aprendizados, conexões e descobertas. E é na área da educação que encontro o fulcro desse encantamento, onde cada ensinamento se transforma em uma semente de crescimento, cada educando em uma fonte de inspiração. Nesse ponto da jornada, o que mais posso expressar senão um profundo agradecimento a todos os seres que cruzaram meu caminho, iluminando-o com sua sabedoria, seu apoio e seu amor incondicional. É com esse sentimento de gratidão que abraço o presente e avanço rumo ao futuro, confiante de que cada passo adiante será guiado pela luz da aprendizagem e pela chama da paixão pela educação.

Figura 1 - Tears of joy / lágrimas de alegria – obra de Priscila Luz



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bf8jBl0FIQx5aUKhBs81iFHdefMCcL5CIH4MU00/?igshid=NjZiM2M3MzIxNA==>

Descrição da imagem: (início da descrição). A imagem apresentada é uma fotografia de uma pintura em processo, de um rosto. O formato da imagem é retangular. Utiliza-se na pintura, predominantemente, cores em tons marrons, com alguns toques em vermelho, cinza e amarelo. O contorno facial, sobrancelha, boca, nariz, olhos e cílios é utilizado delineado com tinta preta. A esquerda palheta com tintas guache, com a cores

utilizadas na pintura, a direita o desenho em papel canson branco, o rosto da pintura é de uma mulher com a fisionomia séria, em lágrimas, que segundo a autora são lágrimas de alegria.(fim da descrição).

A imagem acima é a fotografia de um desenho feito pela minha filha, arte que eu admiro, assim como outras dela, que estão disponíveis no Instagram. Evoco essa imagem no sentido de pensar sobre o processo de tornar-me: pessoa, profissional, pesquisadora, mãe... Constituímo-nos diariamente: profissionais, acadêmicos e, até mesmo como pessoas, nossas vivências ao longo da vida, principalmente as da infância, que de, uma certa forma, marcam-nos profundamente. Nessa perspectiva, carrego algumas marcas da infância referentes ao meu processo de escolarização. Entre os 11 e 17 anos, não tive acesso à escola. Nem nos melhores sonhos imaginava chegar ao mestrado em Educação. Muito chorei de tristeza na infância, pois queria voltar às classes escolares e, na primeira oportunidade, retornei. Recordar sobre esses anos de afastamento escolar me traz tristeza. Hoje, ao chegar aqui, as lágrimas, assim como as da imagem acima, são de alegria. Caso a Lucilene de hoje pudesse voltar no tempo, diria para aquela menina de 11 anos que ela chegaria a um determinado momento da vida que teria conquistas acadêmicas e poderia continuar estudando.

Por mais que eu tente olhar para o passado com empatia, essas marcas sempre existirão em mim. Dependendo do passado, nem sempre fica no passado. Na minha vida profissional, estou sempre em alerta aos primeiros sinais de evasão escolar. Difícil foi na pandemia, porquanto tal sentimento de dúvida e de insegurança em relação à falta de certeza sobre o acesso e como estariam as crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade social em tempos tão incertos, aumentava. Foi a partir dessa tensão pessoal e profissional que surgiu o meu desejo em pesquisar sobre a presente temática. Escrevo esta dissertação prioritariamente na primeira pessoa, pois este documento diz muito sobre a pessoa, profissional e pesquisadora, que venho me tornando diariamente, dando e (re)fazendo sentidos do meu passado.

De fato Maturana e Varela (1983) nos mostram que nosso passado, nossa história de interações estão contidos em nossa estrutura presente e que esta está a permitir, ou não, estas ou aquelas ações/interações. Mas, por outro lado, estes autores nos mostram também que somos (vivos, humanos) na linguagem e que esta permite descrever-se a si mesmo a às suas circunstâncias (Vasconcellos, 2018, p.13).

Hoje, com pesquisa na linha de pesquisa em Educação Especial, Saúde e

Processos Inclusivos, e próximo dos vinte anos de meu ingresso no magistério, o resgate do meu caminhar profissional e pessoal se fez presente: a jovem, que se encantou com as práticas inclusivas, que acreditou (e segue acreditando) que a aprendizagem se refere a processos os quais todos os educandos têm direito a ter acesso, ainda me acompanha. A aprendizagem é um vasto campo, que eu escolhi e sigo escolhendo diariamente. Aposto no cuidado, visto que, se dadas as condições necessárias, todos têm condições de aprender, talvez em outros tempos ou de formas diferentes, basta seguir apostando e investindo no processo de aprendizagem de cada um. Constato que o olhar e a observação atenta, que estarão neste estudo, foram os responsáveis pelo tema inclusão se manifestar e se imbricar ao longo de minha trajetória, da formação como professora.

A fim, até mesmo, de dar a ver como a inclusão está (e se faz) presente em minha vida, apresento momentos importantes da minha trajetória acadêmica-profissional-pessoal, que, de muitas formas, seguem contribuindo para o meu processo de tornar-me pesquisadora.

HORIZONTES EXPANDIDOS

Ser professora, para a caçula de nove filhos de um casal não escolarizado, que reside no interior de Butiá, uma cidade da região carbonífera, a uma hora e meia da Capital, distante, aproximadamente, 80 quilômetros, foi um movimento de independência, e, hoje, entendo, que em um país com tantas desigualdades, tornou-se, igualmente, uma ação de quebrar barreiras impostas a uma família de baixa renda e com pouco acesso ao processo de escolarização. Fui a primeira e, até o momento, única filha a ingressar no ensino superior. Duas graduações, Pedagogia e Psicologia, pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial e Inclusiva. Professora. Psicopedagoga. Pesquisadora.

Iniciei o magistério no ano de 2005 e, realmente, não saberia garantir se ali existia uma vocação, entretanto, posso afirmar que, em 2007, quando concluí o curso, a Educação, a Educação Especial e Inclusiva estavam no meu horizonte de interesse. No ano seguinte, dei início à graduação em Pedagogia, no mesmo ano no qual se publicou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (Brasil, 2008), na qual surgiram efeitos desse movimento na minha formação. Assim, muito estudei sobre esta Política que refletiu significativamente na minha formação.

O que aconteceu nesses anos no curso de magistério? Foram anos de conhecimento e de prática, um divisor de águas, os quais reafirmaram que eu havia feito a escolha certa em trabalhar com e para a educação. Aconteceu que tive contato com outras visões de educação, outras visões de infâncias, aprendizagens, crianças e suas particularidades; eu consegui, dentro desse universo novo, inclusive, ressignificar uma parte de minha história familiar.

Minha irmã mais velha foi retirada da escola pelos meus pais em função do histórico de reprovações nos anos iniciais e, para a escola, não havia o progresso esperado (ela não “conseguiu aprender a ler”), por isso devia ficar em casa. Excluída dos bancos escolares regulares. Realidade para uma geração anterior à minha, sem o direito, que no Brasil, a partir da Constituição Federal (CF) de 1988, é constitucionalmente assegurado a todos o direito à educação. A perspectiva inclusiva, sustentada desde a Constituição de 1988 por uma série de documentos, normativas e políticas sociais, traz à cena discussões acerca de concepções importantes para que a inclusão ocorra.

No curso de Pedagogia, vivenciava as possibilidades de inclusão, tanto a partir de teorias quanto nas práticas e nos estágios. Minha vivência, então, ia até o chão da escola, onde todos os alunos devem estar. No artigo 3, da Declaração de Salamanca (1994), reafirma-se “[...] que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras” (Declaração de Salamanca, 1994, p.17-18). Todas as crianças e a Pedagoga na escola. E eis que meus horizontes foram novamente expandidos: a matriz curricular do curso foi modificada, exigindo dos acadêmicos um estágio em Pedagogia em ambientes não escolares, ou seja, a pedagoga atuaria em outros “chãos”. Então, estagiei na Política Pública: Primeira Infância Melhor (PIM), Primeira Infância Alegre (PIA)-(PIM PIA), que é uma política pública de estado intersetorial que ampliou os meus horizontes sobre inclusão, principalmente social.

O encontro com a segunda graduação, Psicologia, deu-se nessa expansão de horizontes. A Psicopedagogia (hoje compreendo) fez mais do que a “costura” entre os saberes, forneceu ferramentas para que eu (re)afirmasse que todos os sujeitos, quando lhe dão condições propícias, têm a capacidade de aprendizado.

1 INTRODUÇÃO

1.1 TODOS OS HORIZONTES

“[...] você é a melhor professora que um(a) aluno(a) podia ter” [...] “você me ajudou e me acolheu quando mais eu precisei” [...] “você é a melhor professora do mundo” [...] “10/10” [...] “te amo do fundinho de meu coração” [...] ‘a melhor conselheira’ [...].(escrita dos estudantes).

Horizonte, no sentido geológico, é um espaço terrestre que a vista alcança. “Até onde a vista chega”, diziam meus pais. No sentido figurado, horizonte é como uma previsão de futuro, algo que esperamos que aconteça. As declarações (frases bonitas) utilizadas como epígrafe desta introdução não estavam no meu horizonte em 2005, quando iniciei o magistério, e, confesso que, na pandemia do coronavírus, mostraram-se elas enquanto um dos combustíveis para que eu me movimentasse naqueles meses de isolamento em tempos tão incertos.

Zizek (2020) atribui a frase “[...] este vírus é democrático e não faz distinção entre pobres e ricos ou entre políticos e cidadão civil”¹ ao vice-ministro de Saúde do Irán, Iraj Harischi, proferida após contrair o coronavírus e, dias depois de ele aparecer em uma coletiva de imprensa para minimizar, exatamente, a propagação do coronavírus, afirmando que as quarentenas massivas (o nosso “fique em casa”) não eram necessárias. Donald Trump (na época presidente dos Estados Unidos), por sua vez, ainda segundo Zizek, disse que “[...] a pandemia vai se reduzir rapidamente e só temos que esperar “o pico” (equivalente ao nosso “imunização de rebanho”) e a vida vai voltar ao normal”² (Zizek, 2020, p. 25).

Eu poderia, facilmente, relembrar declarações negacionistas do governo (à época) brasileiro, contudo, acredito que todos nós estamos saturados (e enojados) delas. Mas deixo anotado que, junto às inseguranças frente ao desconhecido (o vírus que veio de Wuhan e também, por isso, aqui se transformou em vírus chinês, denominação que já trazia uma conotação pejorativa, em vias de negação). “Paralelamente, assistiu-se à intensificação dos nacionalismos agressivos e xenófobos”(Morin, 2021, p.46 -47). No Brasil, enfrentamos um governo negacionista, com um presidente que se recusou, primeiro, a acreditar se tratar de um vírus mortal,

¹ Tradução livre de versão em espanhol pela autora.

² Tradução livre de versão em espanhol pela autora.

depois, tanto a usar máscara como a tomar vacinas. Em março de 2021, em um dos piores momentos da pandemia, com o número de vítimas fatais superando os meses anteriores, minha família se somou aos vitimados, perdemos a minha amada irmã em decorrência das complicações do coronavírus haja vista uma política negacionista.

Negacionista foi o termo que se adotou para se referir às pessoas que seguiam, o agora, ex-presidente e que desacreditavam nos processos com base científica. No entanto, estávamos (o mundo inteiro) com nossas vidas nas mãos da ciência, que enfrentava um vírus novo, e, dessa forma, acompanhamos as descobertas, praticamente, em tempo real. Nossas vidas foram (estão) afetadas, assim como

[...] nossas interações mais básicas com outras pessoas e com os objetos que nos rodeiam, incluindo nossos próprios corpos; evite tocar nas coisas que podem estar (invisivelmente) sujas, não toque nas maçanetas, não se sente em banheiros ou bancos públicos, evite abraçar as pessoas ou dar as mãos (Zizek, 2020, p. 26).³

O vírus não discrimina, consoante nos diz Butler (2020, p. 60)⁴, “[...] nos trata por igual, nos coloca igualmente em risco de adoecer”, porém, fatores como “[...] a incapacidade de alguns estados ou regiões para se preparar com antecedência, o reforço de políticas nacionais [...] a chegada de empresários ansiosos por ganhar com o sofrimento global”, favoreceram, dentro da pandemia, as várias formas de desigualdades virem à tona. Nas palavras da filósofa estadunidense, “[...] o vírus por si só não discrimina, mas os humanos, com certeza, o fazem, modelados, como estamos, pelos poderes entrelaçados de nacionalismo, racismo, xenofobia e o capitalismo” (Butler, 2020, p. 62).⁵

O vírus não discrimina, mas as condições financeiras, sanitárias, de acesso até às intervenções remotas discriminam, excluem. Como medidas protetivas, tivemos/vivemos a quarentena, e “qualquer quarentena é sempre discriminatória” conforme nos ensina Boaventura Santos (2020, p. 15). Quarentena que durou muito

3 Tradução livre de versão em espanhol pela autora.

4 Tradução livre de versão em espanhol pela autora.

5 Tradução livre de versão em espanhol pela autora.

mais que quarenta dias. Protocolos de distanciamento sociais foram adotados: bares, teatros, cinemas e escolas foram “fechados”. Pediu-se para todos os que têm direito a estarem na sala de aula comum para ficarem em casa. Boaventura Santos (2020) quando se propõe a analisar a quarentena a partir da perspectiva dos coletivos, os quais ele atribui uma “reclusão” que a sociedade impõe a determinados grupos, inclui “os deficientes”⁶ (p. 20), que, segundo o autor, sentem-se, constantemente, em quarentena, porquanto “[...] trata-se da forma como a sociedade os discrimina, não lhes reconhecendo as suas necessidades especiais, não lhes facilitando acesso à mobilidade e às condições que lhes permitiriam desfrutar da sociedade como qualquer outra pessoa” (Santos, 2020, p. 20).

Transitando pelo campo da filosofia, Boaventura Santos enriquece o debate sobre sentimentos ao entender como fatores de uma quarentena a não visibilidade, as barreiras arquitetônicas, as barreiras de comunicação. Esta dissertação coloca em foco os indivíduos que, de acordo com Santos, vivem (viveram) duas quarentenas simultâneas, e, aqui, ater-me-ei à segunda quarentena, porque, depois de muita luta para um tratamento educacional igualitário⁷ nas salas de aula comum, o público-alvo da educação especial teve que ficar em casa.

Ficar em casa não é sinônimo de ficar sem atendimento da/do professor/a. A educação não parou. A educação teve que se reinventar em um território totalmente desconhecido. Cada rede de ensino organizou-se de acordo com os recursos pedagógicos disponíveis e que estivessem no alcance dos estudantes. As dúvidas surgiam: o que fazer e como fazer? E a parcela da educação que é mais vulnerável? E os que precisam de mais apoio para o seu processo de escolarização? Quais as consequências do distanciamento físico? Quais as consequências de tudo isso a curto, médio e longo prazo? Onde encontraremos as respostas?

A geração que nasceu ou cresceu depois da Segunda Guerra Mundial habituou-se a ter um pensamento excepcional em tempos normais. Perante a crise pandémica, têm dificuldade em pensar a exceção em tempos excepcionais. O problema é que a prática caótica e esquiva dos dias foge à

⁶ Não querendo “corrigir” o professor Boaventura Santos, porém, deixo o registro da forma de nomeação, e chamo a atenção para uma ainda construção epistemológica acerca do campo da educação especial.

⁷ Faz-se necessário citar Boaventura Santos: “Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza. Temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.)

teorização e exige ser entendida em modo de sub-teorização (Santos, 2020, p.13).

Fomos, todos nós, convocados a pensar em modos de viver e de intervir, para os quais não tínhamos respostas, e também não encontrávamos no nosso fiel companheiro *Google*. Não sabíamos o dia de amanhã e isso gerava as mais diversas emoções em cada um. Enfrentamos o desejo da volta dos tempos ditos normais e a rebeldia em não usar o termo “novo normal”, substituindo por “nova realidade”, porque de normal não havia nada.

Vi-me, novamente, atravessada por questões ditas básicas: como algumas famílias, assim como redes de ensino, conseguiriam proporcionar os direitos básicos de aprendizagens, assim como as condições psicossociais para os estudos, se a questão financeira é tão precária para esses tempos pandêmicos? Qual é o tamanho do abismo social na educação em que nos encontramos? Como diminuir, ou melhor, não deixar aumentar os problemas que já existiam, que já eram detectados?

Muitas dessas perguntas se transformaram em outras; algumas, mesmo sem respostas definitivas, através de “soluções”, foram sanadas. Mas, todas, ainda me atravessam. Após as doses seguras de vacina, o “retorno” dos estudantes e dos professores, as perguntas que estavam em um tempo-presente, tramaram-se no seguinte questionamento de pesquisa: “Quais os efeitos na aprendizagem causados aos sujeitos da Educação Especial na perspectiva Inclusiva durante a pandemia?” Boaventura Santos pergunta: “[...] que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus?” (Santos, 2020, p. 5). Junto-me ao autor e lanço outros questionamentos: como se deu o planejamento e a organização das práticas pedagógicas no transcorrer da pandemia da covid-19? Como foram as trajetórias de aprendizagens dos estudantes e dos docentes? Que potenciais conhecimentos esse momento evidenciou? O que já foi pesquisado acerca do tema?

Como justificativa desta dissertação, entendo que pesquisar sobre um campo que ainda tem que se assentar em consensos é imprescindível para os movimentos inclusivos e, também, a temática me atravessa e me move, como pesquisadora, professora, psicopedagoga e psicóloga. Atualmente, nas duas Redes Municipais de Educação (nesta capital e na região do vale dos sinos) em que exerço a função de professora do AEE, e, nos períodos de aulas remotas, em que era professora da sala de aula regular, enfrentei e enfrento os desafios de incluir em tempos de pandemia,

em tempos de distanciamento físico, de ensino remoto (no qual o estudante não precisou ir para a instituição de ensino, pôde estudar onde estivesse) e de o ensino híbrido (executado de forma mista: presencial e remota) até o retorno total à presencialidade. Desafios esses exigem um planejamento diferenciado, porquanto, em muitos momentos, precisa ser repensado, flexibilizado e readaptado de acordo com a realidade de cada estudante. Além disso, o momento em que vivemos exige maior participação dos pais na vida escolar dos filhos.

A partir dos questionamentos, elaborei o seguinte problema: quais os possíveis efeitos da pandemia Covid-19 na escolarização dos estudantes público-alvo da educação especial na escola básica regular com ênfase na ação docente e nas trajetórias de aprendizagem desses estudantes?

A partir do problema tenho como objetivo geral:

Compreender os possíveis efeitos da pandemia Covid-19 na escolarização dos estudantes público-alvo da educação especial na escola básica regular com ênfase na ação docente e nas trajetórias de aprendizagem desses estudantes com base em pesquisas realizadas entre 2020 até 2023;

Como objetivos específicos:

Analisar as orientações e as normativas nacionais divulgadas pelos órgãos competentes para orientar os sistemas de ensino sobre os processos de escolarização na educação básica durante a pandemia Covid-19 com especial atenção ao público-alvo da educação especial.

Refletir sobre as trajetórias de aprendizagem dos docentes especializados e do ensino comum durante a pandemia Covid-19 a partir do planejamento e da organização das práticas pedagógicas com foco na escolarização dos estudantes público-alvo da educação especial.

Esta dissertação organiza-se da seguinte forma: após este capítulo de introdução, há o segundo capítulo, que aborda o percurso teórico e metodológico desta pesquisa, assim como as lentes, predominantemente sistêmicas, que se uniram às lentes da pesquisadora e ajudaram na análise e nas reflexões durante esse percurso. Ressalto que uma das principais autoras que nos presenteia com a teorização do pensamento sistêmico é Maria José Esteves Vasconcellos, para quem escrevi uma carta de agradecimento (epístola) e, com ela, introduzo o capítulo. No terceiro capítulo, *Um Sobrevoo em Direção aos Estudos Relacionados a Esta*

Pesquisa, apresento os principais resultados e conclusão de estudos relacionados à temática em questão, as buscas foram realizadas, majoritariamente nas plataformas de produção acadêmica Scientific Electronic Library Online (*SciELO*) e banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O quarto capítulo analisa as ações docentes mobilizadas para atender a um público em processo de inclusão na escolarização. O território da escola pública nos faz questionar sobre o nosso papel na vida de cada estudante. É possível aprender com fome? É possível aprender durante o ensino remoto sem adultos orientando? Quais foram as primeiras normativas nacionais que nortearam a escolarização remota da educação especial?

O quinto capítulo apresenta as trajetórias de aprendizagens dos estudantes, analisando-as, ampliando o olhar para suas diversas redes e barreiras. A abordagem para essa análise é baseada na complexidade, compreendendo os sistemas por meio de suas interações, ampliando o escopo de observação e reconhecendo que nossa perspectiva é responsável pela criação de uma realidade estabelecida.

O sexto capítulo apresenta as considerações em movimento, ou seja, sem a precisão dos “relógios”, mais perto do tempo das “nuvens”, sempre aberto a novas configurações (Vasconcelos, 2018).

Todos os capítulos apresentam elementos textuais que antecedem os capítulos. O primeiro capítulo que é o da introdução, sendo antecedido por primeiras palavras minhas, na qual tento trazer elementos importantes que me fizeram tornar-me a pesquisadora que sou, assemelhando-se a um prólogo. O segundo capítulo antecede de uma carta aberta a Maria José Esteves Vasconcellos, estudiosa vinculada ao pensamento sistêmico, a qual muito contribuiu enquanto referencial teórico desta pesquisa. O terceiro capítulo apresenta uma carta aberta aos colegas/pesquisadores como forma de agradecimento ao riquíssimo material que conduziu este estudo. O quarto capítulo é uma carta aberta aos professores como agradecimento da sua participação em pesquisas e o comprometimento com a escolarização dos estudantes, assim como o quinto capítulo como remetente os estudantes. O sexto e último capítulo é antecedido por uma poesia construída coletivamente com os estudantes, e que foi premiada em um concurso de poesias, que em verso está a *Vida*, mesmo sendo escrita antes da pandemia, parece que o

título tem muito a ver, porquanto a educação foi sacrificada para preservar a vida, as produções e as interações coletivas também.

Tanto o prólogo, as cartas e a poesia têm como objetivo de iniciar de forma mais leve os capítulos, para que o leitor encontre momentos de delicadeza e de leveza antes de iniciar a leitura de um novo capítulo, e que alguns, de certa forma, sintam-se contemplados pelas cartas principalmente os professores e estudantes, sujeitos esses que são o foco deste estudo, e também os pesquisadores, uma vez que pesquisa não seria a mesma sem a contribuição de cada um. O próximo capítulo contextualiza o percurso metodológico e o referencial teórico, em que busco estabelecer conversações com estudiosos vinculados ao pensamento sistêmico.

Carta aberta para uma estudiosa do pensamento sistêmico

Olá!

Cara Vasconcellos, escrevo-te para agradecer tuas contribuições em relação ao pensamento sistêmico...

Colocar a “objetividade entre parênteses” em um mundo de metas é uma tarefa desafiadora. Mesmo, nem sempre sendo possível, o simples fato de pensar sobre e buscar meios para aproximar-me do paradigma sistêmico, auxilia a sair desta bolha automática.

Nós nos constituímos a partir das nossas conversações com o outro. Destaco o quanto as tuas lentes têm auxiliado esta pesquisa ao unir-se às minhas.

Tuas lentes, também, têm me auxiliado no meu processo de tornar-me profissional e pesquisadora!

Gosto da tua forma de escrever, no gerúndio, e principalmente o significado que isso tem, os acontecimentos estão ocorrendo, ou seja, o processo de tornar-se, o mundo em movimento. Seguimos neste movimento!

2 PERCURSO METODOLÓGICO E REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresento a metodologia alicerçada às lentes que ajudam a refletir sobre esta pesquisa. Início apresentando os primeiros movimentos desta pesquisa, que vão se expandindo, à medida que este trabalho vai se desenvolvendo. Utilizo o método de pesquisa bibliográfica, que conta como instrumento de coleta de dados a revisão de literatura. Busco, inicialmente, aprofundar os estudos sobre os efeitos da pandemia no público-alvo da educação especial e espero contribuir para a construção de conhecimento, falando do lugar de professora/pesquisadora.

Além disso, uso o recurso de análise de produções do banco de teses e dissertações, assim como artigos do período de 2020 a 2023. As buscas são realizadas, predominantemente, nas plataformas de produção acadêmica Scientific Electronic Library Online (*SciELO*) e banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Direciono o olhar aos efeitos da pandemia no público-alvo da educação especial (a partir do Atendimento Educacional Especializado - AEE), tendo o banco de artigos da *SciELO* (20 artigos) e Banco de teses e dissertações da CAPES (12 dissertações) como referência⁸, assim foi a primeira busca, utilizando como palavras-chave para a pesquisa “Covid-19 e Atendimento Educacional Especializado” e “Educação Especial”. Posteriormente, a busca foi variada, utilizando palavras sinônimas e relacionadas à primeira busca. Com base nesse levantamento, organizei tabelas com cada um dos bancos de dados e realizei a análise do que já temos de relevante.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa. Segundo Martins (2004), a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados. Ela é caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Portanto, minhas buscas se deram em documentos oficiais e artigos produzidos a partir do ano de 2020, relacionados às temáticas aqui já citadas.

Nos primórdios da pesquisa, criei um drive com as produções bibliográficas relacionadas aos objetivos deste estudo, datadas a partir do ano de 2020 até os dias,

⁸ As referências usadas estão indicadas nos apêndices em sua íntegra.

em que esta pesquisa esteve na sua fase de tessitura/elaboração. No segundo momento, direciono o meu olhar para o que foi pesquisado, destaco o que é relevante e o que está de acordo com a situação-problema desta pesquisa com objetivos que eu, professora/pesquisadora, pretendo alcançar. Busco, principalmente, identificar as possíveis lacunas deste tema tão importante e de relevância social.

Aspiro, também, a contextualizar o trabalho, trazendo fragmentos do cotidiano, das minhas práticas e registros, entre outras reflexões que minhas lentes de professora/pesquisadora permitiram capturar.

2.2 CONVERSACIONES COM O PENSAMENTO SISTÊMICO

As lentes que ajudaram a analisar esta pesquisa de abordagem qualitativa foram, prioritariamente, sistêmicas, pois, como é de vital importância falar sobre educação e sobre os desafios atuais, encontramos relevante apoio nesse referencial. Destaco que o pensamento sistêmico representou uma intensa revolução na compreensão de que os sistemas vivos não podem ser analisados isoladamente. Segundo Capra (1996), “[...] as propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro de um contexto de um todo mais amplo” (Capra, 1996, p. 41). O autor acrescenta que, “[...] quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes” (Capra, 1996, p. 23).

Capra (1996) é assertivo nas suas reflexões sobre o quanto precisamos evocar o pensamento sistêmico para podermos entender os problemas contemporâneos. A pandemia e os seus efeitos podem ser entendidos com um problema sistêmico, tanto em suas causas, como em seus efeitos, principalmente na educação. Como professora/pesquisadora, escolho usar na fundamentação do meu estudo, prioritariamente, essas lentes, porque as percebo como uma grande possibilidade de reflexão, tendo em vista que o pensamento sistêmico nos convoca a pensar a complexidade.

A pesquisa em educação, por ser uma temática sensível, provoca-me a pensar utilizando o paradigma da complexidade, de acordo com Vasconcellos (2018, p.174), em concordância com Maturana, na afirmação: “[...] como seres humanos, dotados de linguagem e emoção, nos movemos em espaços de conversação e

constituímos diferentes domínios linguísticos, com diferentes critérios de validação das afirmações”. Nesse estudo, busquei “conversar” com produções, dissertações e artigos da plataforma *Scielo*, de diferentes pesquisadores, estabelecendo conexões com os objetivos desta pesquisa.

Segundo Vasconcellos (2018, p. 116), “[...] pensar complexamente é pensar e aceitar a contradição, confrontá-la e superá-la, sem negá-la e sem querer reduzi-la”, ou seja, a presente investigação busca refletir sobre os efeitos e atravessamentos vivenciados na pandemia analisando/contextualizando:

Contextualizar é reintegrar o objeto no contexto, ou seja, é vê-lo existindo no sistema. E ampliando ainda mais o foco, colocando o *foco nas interligações*, veremos esse sistema interagindo com outros sistemas, veremos uma rede de *padrões interconectados*, veremos conexões ecossistêmicas, veremos redes de redes ou *sistemas de sistemas* (Vasconcellos, 2018, p.112).

Vasconcellos (2018) traz importantes conexões entre contextualizar e reintegrar, além de dissertar sobre a importância da ampliação do foco, nas interligações, nas interações e nas redes. Outros pensadores sistêmicos também constroem importantes relações entre a contextualização e a complexidade. Vasconcellos (2018, p.113), reafirmando o pensamento de Morin (1982), afirma que

Contextualizar é, portanto, realizar operações lógicas contrárias às de disjunção e redução, contrárias às de simplicidade atomizada. As operações lógicas que constituem este movimento contrário a disjunção e à redução são de distinção e conjunção, que permitirão ver uma complexidade organizada. Como diz Morin, “o pensamento complexo segrega os antídotos contra o simplificado” (Morin, 1982, p.240, *apud* Vasconcellos, 2018, p. 113).

Na nossa vida cotidiana, muitas vezes, somos surpreendidos com a afirmação “depende do contexto”, que nos remete a pensar sistemicamente. Referimo-nos como contexto não só ao espaço físico, mas também ao contexto das relações, das redes, das interligações.

Bateson (1986) pensou nos conceitos de contexto e de relação quando abordou como um dos princípios fundamentais do pensamento sistêmico, ao trazer a concepção de um “padrão que liga”, buscando entender como operam as conexões constitutivas dos fenômenos. A análise contextual desta pesquisa se associa, igualmente, a experiências que unem e questões que pulsam na pesquisadora/professora, ou seja, os padrões em que essa estabelece conexões. O mesmo autor refere-se ao padrão que liga ou padrão que une como

[...] o caminho certo para começar a pensar sobre o padrão que liga é pensar nele como primordialmente [...] uma dança de partes que interagem e é só secundariamente restringida por vários tipos de limites físicos e por aqueles limites que os organismos impõem (Bateson, 1979, p.21)

Vasconcellos (2018, p. 147) sustenta que “[...] pensar sistemicamente é pensar a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade”. Esses pressupostos constituem, em conjunto, uma visão sistêmica de mundo, ou seja, quando fala em pensamento sistêmico, a autora fala de uma visão de mundo que contempla essas três dimensões, que ajudaram a contextualizar esta pesquisa. A autora destaca que existe uma relação de recursividade entre as três dimensões, “[...] impossível um cientista adotar qualquer um desses pressupostos epistemológicos sem assumir também os outros” (Vasconcellos, 2018, p. 153).

Assumo, na tessitura desta pesquisa, as possibilidades de articulá-la com estes três pressupostos. E, ainda, sobre as lentes com que busquei desenvolver esta pesquisa, tomei do pensamento sistêmico alguns conceitos: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Conceitos que, nos subcapítulos a seguir, foram articulados à intencionalidade desta pesquisa.

2.3 REFLETINDO SOBRE COMPLEXIDADE

Pesquisar sobre a pandemia, educação especial e escolarização, utilizando predominantemente as lentes sistêmicas, convoca-me a recorrer ao paradigma da complexidade. Segundo Vasconcellos (2018),

[...] faz pouco tempo que a complexidade deixou de ser uma invocação de dificuldade de compreensão ou de realização, ou uma justificativa da falta de teoria ou da insuficiência das explicações, para se tornar uma questão a abordar, um objeto de estudo e de pesquisa sistemática (Vasconcellos, 2018, p. 105).

Vasconcelos (2018) destaca que a complexidade é uma importante dimensão ou um pressuposto epistemológico, que ela distingue na ciência nova paradigmática como emergente. Na contemporaneidade, fala-se tanto em complexidade das organizações, da sociedade, dos sistemas. Com isso, corremos o risco de pensarmos na complexidade como um novo produto que devemos consumir na atualidade.

Pesquisar sobre um tema da história recente, na qual se apresentam vários estudos transversais e, ainda, não existem estudos longitudinais publicados evoca o

paradigma da complexidade, pois, ao mesmo tempo em que se buscam pistas sobre o que é necessário aprofundar para os estudos, também se reflete o que é mais emergente para um estudo longitudinal, sobre os efeitos na aprendizagem dos estudantes a longo prazo. Na conversação sobre o que dizem outros pesquisadores, encontram-se importantes pistas para análise e reflexão presentes neste estudo. De acordo Vasconcellos (2018),

[...] você se lembra de que dissemos que nossa linguagem constitui a realidade? Pois bem, esse novo modo de falar nos fará ver não uma situação estática ou características definidas de nosso objeto de estudo, mas características que estão se manifestando nesse momento, algo que está acontecendo, que está em processo. Isso nos permitirá pensar que a situação está assim, mas poderá vir a estar diferente e nos levará a perguntar: em que condições esta característica que distingue se manifesta? Essa pergunta pelo contexto em que o fenômeno acontece; uma pergunta pelas relações que o fenômeno distinguido tem com outras coisas que estão também acontecendo. É uma pergunta que também abre perspectivas para a possibilidade de mudanças acontecerem, das coisas poderem vir a acontecer de outro jeito (Vasconcellos, 2018, p.150).

Constituímo-nos a partir das nossas conversações com o outro. Cada reflexão contribui para o processo de conhecimento, e grande parte desse conhecimento se desdobra a partir de nossas conversações com o outro.

Vasconcellos (2018) reflete sobre a tendência de os sistemas seguirem avançando no sentido de uma maior complexidade, fazendo parte da evolução, do desenvolvimento e do progresso. “[...] A auto criatividade é considerada como uma resposta do sistema a condições do ambiente que não podem ser enfrentadas com a estrutura existente” (Vasconcellos, 2018, p. 230). Os sistemas, estando interligados na natureza, provocam mutuamente respostas criativas. Os sistemas sociais têm respondido às novas condições ambientais, “[...] globalizadas e interligadas pelos meios de comunicação, com formas criativas, qualitativamente novas, de funcionamento. Ou seja, os sistemas naturais se auto-organizam diante dos desafios do ambiente [...]” (Vasconcellos, 2018, p. 231).

As reflexões expostas até aqui estão relacionadas ao que vivenciamos no período da pandemia, no qual a nova realidade nos levou a pensar em diferentes possíveis para a educação. Os meios de comunicação e as formas criativas, possíveis ou não (em função das desigualdades) de serem acessados pelo público-alvo, conduziram a uma diferente organização, diversificada e não padronizada, não

recomendada antes do período de incertezas e de instabilidade que a pandemia trouxe à sociedade.

2.4 REFLETINDO SOBRE A INSTABILIDADE

De acordo com Silva (2020, p.39), “[...] o pressuposto de instabilidade contrapõe-se à ideia de um mundo estável e envolve a compreensão de transformação contínua.” Para Vasconcellos (2018 p. 119), o mundo estaria em um “[...] constante processo de tornar-se”, ou seja, nós não somos, mas, sim, estamos nos tornando. É inegável que a pandemia trouxe muitas incertezas à sociedade, atingiu diversos setores e afetou-se a educação, a qual segue sendo afetada.

Dessa forma, no período pandêmico, o pressuposto da instabilidade permeou o território educacional, sobretudo, em questões que nos remetem à desordem, à imprevisibilidade, à falta de controle. Vasconcellos (2018) reflete sobre a instabilidade do mundo:

[...] hoje, não só cientistas, como também profissionais de diversas áreas e leigos, estão falando de caos, caos determinístico, lógica da desordem, incertezas e assimetrias, dinâmicas caóticas, dinâmicas singulares, atratores estranhos de fenômenos imprevisíveis do universo. E há muitas propostas de aplicação da teoria do caos à economia, ao tráfego urbano, a casos de pânico coletivo, enfim, para a compreensão de diversos fenômenos complexos (Vasconcellos, 2018, p.118).

A partir do pressuposto da instabilidade, passamos a ter uma compreensão de um mundo “[...] em transformação contínua e formado por constante auto-organização. Por isso, se fala muito hoje em devir, que significa vir a ser, tornar-se.” (Vasconcellos, 2018, p.119). Vasconcelos, em sua obra, usa os verbos, particularmente, nos capítulos e subcapítulos, no gerúndio, o que nos passa a ideia de que estão acontecendo, tornando-se.

O nosso processo de vir a ser, de nos tornarmos, tem muito a ver com a forma que nos constituímos como sujeitos, dos conhecimentos e das relações que estabelecemos com o conhecimento, dos padrões que unem as vivências que tivemos e as implicações no nosso processo de nos tornarmos. Vasconcellos (2018) afirma que somos seres de linguagem, constituímo-nos, moldamo-nos a partir das nossas relações e das nossas conversações com o outro, ou seja, não somos, estamos nos tornando a partir da intersubjetividade.

2.5 REFLETINDO SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE

O pressuposto de intersubjetividade evoca a ideia da impossibilidade de uma percepção objetiva do mundo, isto é, refere-se à ideia de que não existe uma verdade absoluta. Essa concepção articula-se com a noção de que tudo que é observado envolve quem observa. (Silva, 2020, p.40).

Conforme Vasconcellos (2018, p.101), “[...] não existe uma realidade independente do observador”, isto é, o pesquisador estará sempre implicado no que observa, e o que ele descreve sempre estará relacionado ao seu modo de perceber

Hoje, os cientistas podemos nos compreender como observadores, com base em nossa forma de sermos biológicos e em nossa forma de sermos humanos na linguagem, e, a partir dessa nova compreensão, rever o nosso modo de estar e agir no mundo e de construir conhecimento científico (Vasconcellos, 2018, p. 135).

Como professora/pesquisadora no período pandêmico, principalmente no período de distanciamento físico, tive algumas inquietações que já explicitarei neste texto. Portanto, esse pesquisar sobre pandemia e educação diz respeito a algumas perguntas em construção de respostas ou, até mesmo, perguntas às quais ainda estou sem respostas.

O que observamos é sempre a partir de nós mesmos; logo, não deveríamos estar indiferentes à observação, pois a ação de investigar exige que nos reconheçamos como incluídos na realidade observada. Sendo assim, as observações da minha pesquisa associam-se ao meu fazer docente, com minhas inquietações do presente momento como professora/pesquisadora. Como nos apontam Maturana e Varela (2001, p. 79), “[...] toda arte de fazer explicações científicas está em um saber usar a vida cotidiana”. De acordo com Silva (2020):

Maturana e Varela (2001) reconhecem a impossibilidade de desvincularmos os processos de conhecer e fazer. Com isso, compreendemos a necessidade de articulação da experiência do observador/pesquisador na produção e na construção do conhecimento. Dessa forma, o pesquisador atua sobre o objeto ou o sujeito investigado, produzindo-o, assim como está em constante transformação a partir da sua pesquisa. (Silva, 2020, p.47).

Cada leitura realizada tem causado possibilidades de repensar o método em pesquisa. Movimentos que contribuem para a profissional/pesquisadora em formação. As pistas que eu encontro muito auxiliam nesse processo. Quanto mais me aproximo da incompletude desse processo, mais me abro para a aproximação do conhecimento.

Quanto mais aberta a desconstrução das coisas que já sei, mais me abro para o conhecimento das que ainda não sei.

Quem ler este texto vai, talvez, pensar por que esta investigadora resolveu pesquisar sobre a educação especial especificamente sobre questões do período pandêmico. Há um grande volume de literatura digital construída e em construção sobre a pandemia e a educação. Sobre a Educação Especial é um recorte de uma área que eu desejo estudar e me aprofundar. Por meio deste estudo, viso a algumas respostas para os meus questionamentos sobre este assunto ou com o aprofundar das análises, construir outras perguntas a serem respondidas com a continuidade dos estudos.

O próximo capítulo traz uma ampla revisão de estudos já publicados acerca do tema: alunos público-alvo da educação especial na pandemia. Ao decidir por construir um capítulo sobre os estudos já publicados, tenho clareza de tratarem de fontes seguras de pesquisa, assim como acredito que nos movimentos de varredura dos já-produzidos, nas pistas e nos achados por outros pesquisadores, pode-se obter tanto um mapeamento das discussões já realizadas, como para novos achados. Como se poderá ver nas próximas sessões, minhas pesquisas, até o momento, dão-se nesses moldes. Introduzo o capítulo a seguir com uma carta aberta aos pesquisadores, peças fundamentais para o avanço da ciência, da vida e desta pesquisa em educação.

Carta aberta aos colegas pesquisadores

Prezados Colegas Pesquisadores,

Dirijo-me a vocês com um misto de admiração e de gratidão pelo trabalho que realizam. Como membros da comunidade científica, vocês desempenham um papel fundamental na busca pelo conhecimento, na resolução de problemas complexos e na criação de um futuro mais promissor para todos.

Em tempos de incertezas e de desafios, o valor da pesquisa torna-se ainda mais evidente. Vocês são os arquitetos das descobertas que moldam nossa compreensão do mundo e impulsionam o progresso da humanidade. Seja na ciência básica, explorando os fundamentos do universo, na pesquisa aplicada, desenvolvendo soluções práticas para questões urgentes ou na interseção entre disciplinas, seu trabalho é vital.

Porém, reconheço que a jornada da pesquisa nem sempre é fácil. Sei que enfrentam obstáculos, desde a obtenção de financiamento até a publicação de resultados. Os desafios são numerosos e, muitas vezes, árdusos. No entanto, é justamente a sua dedicação, paixão e resiliência que nos inspira.

Além disso, gostaria de expressar meu apreço pela integridade que vocês trazem ao seu trabalho, e é essencial que cada descoberta seja fundamentada em rigor, ética e transparência. Seu compromisso com esses princípios é fundamental para manter a confiança do público na pesquisa e na comunidade científica como um todo.

À medida que avançamos para o futuro, enfrentamos desafios cada vez mais complexos, desde as mudanças climáticas até as pandemias globais. Nesse contexto, a importância da pesquisa nunca foi tão evidente. É através do seu trabalho que se encontra soluções inovadoras e constrói-se um mundo mais sustentável e equitativo para todos.

Portanto, quero estender a vocês minha mais sincera gratidão e encorajamento. Que vocês continuem inspirando-me com sua curiosidade, liderança e dedicação à busca do conhecimento. Juntos, podemos superar os desafios que enfrentamos e construir um futuro mais brilhante para as gerações vindouras.

Com admiração e respeito,

3 UM SOBREVIVO EM DIREÇÃO AOS ESTUDOS RELACIONADOS A ESTA PESQUISA

3.1 O QUE DISSERTAM OS PESQUISADORES? (UM SOBREVIVO PELA CAPES)

Após decidir sobre a temática que será abordada, é absolutamente necessária a mobilização da professora/ pesquisadora na busca do que já vem sendo construído relacionado ao que se objetiva pesquisar. No entanto, é extremamente importante, antes de traçarmos a pesquisa, ter conhecimento sobre o que anteriormente já foi construído por outros pesquisadores sobre a temática, com o objetivo de ter conhecimento das análises e discussões já realizadas, assim como possíveis lacunas, que possam ser preenchidas ou clareadas.

Começa-se então a falar de um mundo excessivamente complexo e acusa-se a ciência de não dar conta de responder as novas necessidades nele instaladas. Passa-se então a falar da urgência de se adotarem “novos paradigmas”, sob pena de não acompanhar o fluxo da vida no planeta no terceiro milênio (Vasconcellos, 2018, p.19).

A citação acima é de um ano anterior à pandemia, todavia, ao mesmo tempo, diz muito sobre o período em questão, com o fluxo da vida no planeta ameaçado, perdas de vidas muito próximas, luto e lutas. O sistema de saúde em risco de colapso, qual seria o lugar da educação? Surgiram novas modalidades de ensino para a educação básica: remotas e, logo, híbridas. Período de isolamento, que tirou a potência da escola relacionada às interações sociais presenciais.

O longo período de isolamento, ocasionado pela pandemia da Covid-19, apresentou afetações significativas na educação, especialmente ao público-alvo da educação especial. Diferentes estudos foram realizados relacionados a esse momento de incertezas e os atravessamentos com os processos inclusivos. Neste capítulo, apresento o que já foi pesquisado com possíveis relações com este estudo por meio de publicações no banco de teses e dissertações da CAPES. Inicio a conversa com o que já foi discutido por pesquisadores.

Lima (2022) realizou um estudo sobre a ação docente no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o ensino não presencial no território brasileiro com o recorte temporal do ano de 2020, no qual os resultados evidenciaram que a falta de recursos, as dificuldades de acesso à internet e de formação para o uso das

tecnologias, por parte dos docentes e das famílias dos estudantes público-alvo da Educação Especial, apresentaram-se como fatores que não favoreceram a evolução da ação do professor do AEE. Os resultados também mostraram que a articulação entre as famílias e os professores do ensino comum contribuíram significativamente para a ação docente do professor do AEE no modelo de ensino emergencial. Destaco que esse resultado foi de uma amostra com 55 professores de Sala de Recursos, ou seja, um recorte diante da grandiosidade do cenário educacional brasileiro.

Ainda sobre os professores do AEE durante o ensino emergencial, Cunha (2021) realizou um estudo sobre a atuação desses professores e do ensino comum quanto ao processo avaliativo dos educandos do público-alvo da Educação Especial no modelo de ensino remoto, no qual os resultados apresentaram obstáculos e desafios tanto para as educadoras quanto aos educandos devido à ausência de acesso tecnológico e suporte por parte dos cuidadores, ocasionando implicações ao processo de avaliação dos educandos.

Os dados denotaram que, mesmo em um cenário de ensino remoto, a parceria entre as educadoras se limitou em comunicações pontuais, trocas de ideias acerca da construção de atividades para os educandos, colocando, em evidência, a inexistência de perspectivas de um ensino colaborativo consistente que englobasse planejamento, estratégias, formas de avaliação e flexibilização curricular. Também, percebeu-se que, apesar de o ensino remoto trazer à tona várias dificuldades e vulnerabilidades, as concepções das educadoras apresentam limitações e das restrições ao modelo biomédico em relação à deficiência, resultando em estereótipos e limitações na criação de elementos que permitam maior flexibilidade no currículo, ações e avaliações para o aprendizado dos alunos mencionados como alvo principal da Educação Especial.

A partir das reflexões apresentadas, é essencial refletir sobre a realização de discussões relativas às práticas de avaliação inclusiva, com o objetivo de romper com noções de avaliação ligadas ao enfoque médico e à quantificação do conhecimento. Propõe-se também a adesão do ensino colaborativo entre as educadoras do ensino comum e do AEE, objetivando a promoção de práticas inclusivas, que não dependam da modalidade de ensino, remota ou presencial.

Rosa (2022) realiza um estudo sobre a aprendizagem de Educadores em tempos de Pandemia e a formulação de abordagens pedagógicas na educação

especial, na qual “[...] identifica-se que os desafios experienciados no contexto da pandemia foram imensos e trouxeram a necessidade urgente de uma reorganização por parte de todos os envolvidos no processo educacional” (Rosa, 2022, p.130). Desafios esses que também refletiram no retorno presencial para os educandos, educadores e famílias.

Lima (2022), Cunha (2021) e Rosa (2022) destacam importantes ponderações dos professores do AEE no período pandêmico. Esses apontam como desafio da falta de acesso tecnológico, explicitando as dificuldades e as vulnerabilidades, que já existiam, porém, com a pandemia, tornaram-se mais visíveis. De acordo com Morin (2021), de modo desigual, a pandemia atingiu a toda população mundial.

No Brasil, a pandemia atingiu a educação de modo desigual. O público em situação de vulnerabilidade social e o público-alvo da educação especial, possivelmente, foram os mais prejudicados. Ressalto que os profissionais da educação e as famílias tiveram que se reinventar nos modos de fazer educação no período de isolamento físico. Dessa forma, será que as políticas de educação especial em tempos de pandemia se reinventaram na mesma proporção que a comunidade escolar se reinventou?

Alves (2022) realiza um estudo sobre a política de educação especial no período pandêmico, especificamente no ano de 2020, no qual os resultados da análise sinalizam o aumento das probabilidades de “[...] privatização da Educação Especial, ampliação da Educação a Distância, envolvimento dos aparelhos privados de hegemonia e empresas na formulação das políticas” (Alves, 2022, p.7), proposta de formação de educadores para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e ensino híbrido, proposta de educação longe de uma perspectiva de humanização reduzida a atividades, aumento da desigualdade escolar e da exclusão de educandos com deficiência. Os resultados evidenciaram que as políticas propostas para Educação Especial no ano de 2020, o primeiro ano de pandemia, não apresentaram inovação em relação ao que já era proposto antes, no entanto, aprofundam relações constituídas historicamente na área como a privatização e a separação dos educandos público-alvo dessa política. Essas condições que reafirmam a necessidade da continuidade e fortalecimento da luta em defesa da escola pública.

Correa (2022) realiza uma pesquisa, cujo método é um estudo de caso com professores do AEE, da rede municipal de Canoas, sobre as medidas tomadas por

esses professores para assegurar acesso à Educação Especial no período pandêmico, traz questões referentes ao “[...] despertar de interesses para práticas pedagógicas inéditas” (Correa, 2022, p.8). Inédito no sentido de serem diferentes das presenciais, ao mesmo tempo que se construía novas práticas para uma modalidade diferente do que a comunidade escolar estava acostumada. Nesse estudo, chegou-se à seguinte conclusão:

Foram detectados três grandes acidentes na paisagem psicossocial educativa em Educação Especial: solidão e superação individual das professoras; risco e exposição à saúde mental dos alunos; e perdas e ganhos: os esperados e os inesperados da Educação Especial em meio à pandemia. O ensino mediado por tecnologias foi interpretado, às vezes, como "a grande preocupação"; às vezes, "a grande salvação"; e, às vezes, "o despertar de interesses para práticas pedagógicas inéditas. (Correa, 2022, p. 7).

Alves (2022) traz questões sobre a política de educação especial que não inovaram, enquanto Correa (2022) aponta questões referentes ao despertar de interesses para as práticas pedagógicas inéditas das professoras do AEE, ou seja, uma política que não se movimentou enquanto profissionais esperavam por orientações e normativas direcionadas ao ensino remoto emergencial, essas professoras despertaram o interesse para as práticas inéditas, mostrando as possibilidades de reinvenção em um contexto tão incerto e duvidoso.

Os atores docentes no contexto pesquisado por Correa (2022) inovaram, ao contrário das políticas. Morin (2021) atribui a profissão docente como desvalorizada, e apresenta a necessidade de a profissão passar a gozar do reconhecimento social, e ressalta a “[...] desigualdade que estão submetidas as mulheres, majoritariamente presentes na saúde e educação, cuja remuneração é 22% inferior à dos homens com funções e competências similares” (Morin, 2021, p. 30).

Ainda discorrendo sobre práticas pedagógicas e as fragilidades das políticas públicas, Tavares (2022) analisou “[...] os impactos da pandemia no processo pedagógico de sujeitos em situação de vulnerabilidade, através das reflexões promovidas nos encontros com educadores e educadoras, através da intervenção via observação participante” (Tavares, 2022, p.9). As reflexões promoveram a interpretação das experiências dos educadores e educadoras no período pandêmico, como também as modificações de seus cotidianos. O trabalho realizado propiciou mudanças no olhar para o retorno às aulas presenciais, destacou-se “[...]a reflexão

crítica sobre as políticas públicas educacionais, através da experiência de cada participante” (Tavares, 2022, p.9).

Constatou-se a fragilidade das políticas públicas durante a pandemia, o que causou situações de maior vulnerabilidade, atingindo a comunidade escolar. Quando o autor cita a vulnerabilidade, reitero o quanto o público-alvo da educação especial se encontra em uma posição de maiores vulnerabilidades frente aos demais estudantes no período pandêmico, tais vulnerabilidades evidenciaram-se durante as práticas pedagógicas online frente ao novo desafio educacional.

Stein (2021) realiza um importante estudo sobre as impressões dos professores, dos educandos referidos como público-alvo da Educação Especial, de seus pais e responsáveis, referente às vivências em realizarem as propostas pedagógicas *online* durante o período de distanciamento do espaço físico escolar, e da comunidade escolar, chegando aos seguintes resultados:

Destaca-se que: a) anterior ao atendimento remoto os alunos tinham o hábito de acesso à internet para lazer, mas não para aquisição de conhecimento; b) sobre o atendimento remoto, a docente considera que a ferramenta utilizada era uma novidade para todos, e, muitas vezes, a dificuldade dos alunos não estava no entendimento do conteúdo, e sim nas questões relacionadas ao manuseio das ferramentas. Em sua perspectiva, o apoio da família foi fundamental para a organização da rotina de estudos, que deixou de ser presencial; c) alguns alunos gostaram do sistema on-line, mas preferem o retorno presencial, mesmo apontando que acham interessante a manutenção de alguns aspectos, como o uso dos jogos, de materiais interativos e outros. (Stein, 2021, p.7)

O estudo de Stein (2021) concluiu que o atendimento educacional na modalidade remota apresentou desafios tanto para o educador quanto para educandos e responsáveis, ou seja, para toda a comunidade escolar. A experiência de atendimento educacional na modalidade remota ocorreu de modo não esperado; porém, proporcionou importantes reflexões.

Dessa forma, o uso das tecnologias digitais teve um papel importante na inclusão social. Lamentável que, em função da grande desigualdade social, nem todas as pessoas tiveram o acesso aos recursos necessários para que a inclusão ocorresse no período pandêmico.

Palavissini (2022) realiza um estudo sobre as visões e os planos implementados por educadores durante a pandemia de covid-19 no suporte

educacional especializado para alunos com deficiência auditiva, na qual se evidenciaram os avanços tecnológicos e como esses têm contribuído para melhorar a qualidade de vida das pessoas surdas, tanto na área clínica quanto na educacional por meio de materiais e de instrumentos específicos e estratégias pedagógicas. Além disso:

[...] A adequação da Língua de Sinais (LS) na ampliação cognitiva do aluno surdo, associada à utilização de materiais adaptados ao processo de alfabetização e letramento, parece articulada com as políticas públicas de educação de surdos. Nesse sentido, tão logo o diagnóstico da surdez infantil seja revelado, independentemente do acesso que a criança surda tenha às novas tecnologias, entendemos acertado que os pais recebam instruções qualificadas para estimular o uso da LS aos filhos surdos, dando-lhes a oportunidade de construir um saber linguístico no tempo apropriado, mitigando atrasos educacionais costumeiramente observados nas crianças surdas. Observa-se ser propício um repensar sobre as diferenças linguísticas, sociais, culturais e econômicas que possam interferir na vida escolar de crianças surdas e suas famílias. (Palavissini, 2022, p.9-10).

Contrapondo com o que foi apresentado anteriormente a respeito das políticas públicas, Palavissini (2022) faz importantes ponderações sobre a articulação e a importância do avanço tecnológico em relação ao público investigado em sua pesquisa, que analisou as estratégias e as perspectivas docentes acerca da educação dos alunos surdos no período pandêmico, citando que as políticas públicas parecem ser articuladas.

Seguimos pensando na educação à diversidade no período pandêmico, para alunos com deficiência visual. Assim, destacamos os estudos de Junior (2021) sobre o Desenho Universal da Aprendizagem (DUA) e o ensino remoto em uma aula inclusiva. O DUA é uma abordagem que busca minimizar as barreiras metodológicas de aprendizagem, que torna o currículo acessível para todos os educandos. Conforme o estudo, o DUA teve sua aplicação fragilizada em decorrência da pandemia. A pesquisa também sinalizou sobre a importância de os docentes conhecerem o DUA para avançarem nas práticas inclusivas.

Tonocchi (2021) realiza um estudo sobre as aprendizagens em um ambiente inclusivo durante tempos de pandemia, levando em consideração as habilidades e os desafios individuais de cada pessoa, que inclui em sua análise as perspectivas das crianças e suas famílias sobre a temática em questão, chegando à seguinte conclusão:

As famílias foram fortemente impactadas com a mudança de rotina imposta pela pandemia, expondo as dificuldades de pais, filhos e escola no processo de inclusão e aprendizagem, pois enquanto os primeiros não sabiam como ajudar, ao mesmo tempo percebiam as dificuldades apresentadas pelos seus filhos em comparação com os colegas de turma, enquanto a escola ainda está na busca de uma inclusão efetiva. [...]essa dificuldade dos pais evidenciou a importância da parceria família escola, pois a troca entre o que os pais conhecem de seus filhos, só tem a contribuir para a aprendizagem das crianças na escola” (Tonochi, 2021, p.7 e 8).

À vista disso, ficou evidente a importância dessa articulação entre família e escola, tão necessária, principalmente em tempos tão incertos.

Por fim, esse estudo discute o efeito da pandemia na rotina da comunidade escolar, mostrando o quanto esse momento foi relevante para que conseguíssemos nos repensar como comunidade educacional em relação às práticas inclusivas. Em outras palavras, houve grandes avanços em relação ao tema, mas ainda há muito a ser feito em relação aos processos inclusivos.

Ao explicar sobre processos inclusivos, muito citamos os processos de escolarização. Ressalto que a inclusão ultrapassa os muros escolares e é importante reforçar a inclusão também nos espaços de lazer. Bagatini (2021) realiza um estudo sobre os efeitos nas atividades de lazer de crianças com paralisia cerebral no período que antecede e durante o período de isolamento social, nos resultados indicaram que:

As crianças com paralisia cerebral tiveram alterações nas atividades de lazer, participação e rotina devido à pandemia da Covid-19. Tiveram as atividades comunitárias prejudicadas; nas atividades em domicílio, não houve diferença antes e durante o isolamento social, no entanto, as crianças passaram mais tempo em casa e sentiram falta de frequentar a escola e da diversão que o espaço oferece (Bagatini, 2021, p.8).

A pesquisa de Bagatini (2021) remete à escola também como um espaço de lazer. O isolamento social apresentou efeitos consideráveis às crianças da pesquisa, o que reivindica atenção tendo em consideração as oportunidades na área de lazer que as crianças com Paralisia Cerebral têm comparadas às crianças com desenvolvimento dentro dos critérios considerados normais. “[...] O estudo conclui que a pandemia da Covid-19 impactou nas atividades de lazer de crianças com paralisia cerebral também em outros aspectos da rotina a convivência social além da condição de saúde física em si” (Bagatini, 2021, p.8). Além disso, também, ocasionou modificações na rotina, mudanças de humor e na convivência familiar.

Os estudos analisados enfatizam a educação especial, os processos inclusivos, durante a pandemia. É possível concluir que há fragilidades, dificuldades de acesso e, principalmente, a escassez de orientações e de normativas que dessem conta das imprevisibilidades que o momento de incerteza apresentou para a sociedade.

3.2 O QUE DIZEM OS PESQUISADORES? (UM SOBREVOO PELA SCIELO)

Seguindo ainda o objetivo de investigar sobre o que já foi produzido relacionado à temática que pesquisei, realizei um levantamento bibliográfico utilizando as mesmas palavras-chaves já utilizadas na plataforma CAPES, porém, dessa vez, as buscas se deram nas bases de informações científico-tecnológica Scientifico Eletronic Library Online (SciELO), “[...] um modelo para a publicação eletrônica de periódicos científicos na internet, desenvolvida para assegurar a visibilidade e o acesso universal da literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno “ciência perdida” (Correa, 2022, p.47).

Início a reflexão com as importantes contribuições de Esper, Araújo, Santos e Nascimento (2022), que alertam sobre a necessidade de desenvolver futuras pesquisas, que possam agregar novas contribuições, trazendo “[...] práticas vivenciadas em diferentes contextos educacionais, de modo a suprir as lacunas existentes sobre a temática” (p.14). A temática investigada pelos autores foi sobre a atuação do docente de educação especial no cenário da pandemia de Covid-19.

Seguimos na linha sobre atuação dos professores. Bueno, Leite, Vilaronga, Mendes (2022) concluem que a falta de diretrizes à elaboração de planos de ensino, falta de maior articulação entre os professores de educação especial, afeta a qualidade do ensino. Os autores sugerem que outras pesquisas sejam desenvolvidas, com maior aprofundamento, assim como avaliação das ações docentes durante o ensino remoto no contexto pandêmico.

Barbosa, Anjos, Azoni (2022) realizam uma pesquisa nas bases de dados, que objetivou: identificar artigos e analisar os impactos desse isolamento no processo de aprendizagem de crianças e de adolescentes que cursavam a educação básica durante o isolamento físico social causado pela pandemia do Covid-19, tendo como principal resultado um alerta aos estudantes em vulnerabilidade social, principalmente aos que dependem da escola para sobreviver. Como conclusão, evidenciou-se,

também, que existem poucos estudos com a atenção direcionada para estudantes público-alvo da educação especial, no território brasileiro, não existem estudos relacionados ao processo de aprendizagem com educandos da educação básica durante a pandemia da Covid-19.

Ainda sobre os efeitos na escolarização, Lima, Novato, Carvalho, (2022) realizam uma revisão bibliográfica nas bases de dados disponíveis no acervo de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e concluem que a educação dos surdos foi impactada de forma negativa no período pandêmico. Cabe ressaltar que fatores socioeconômicos nacionais e individuais formam a proporção desse efeito.

Camizão, Conde, Victor (2021) realizam estudos documentais, utilizando os registros produzidos pelas Secretarias de Educação, nos quais concluíram que a abordagem de educação especial adotada pelos municípios não parece estar diretamente orientada com a proposta inclusiva que estava previamente estabelecida antes do período de pandemia. Proposta de educação especial dos municípios não correspondem diretamente à proposta inclusiva prevista nas orientações anteriores ao período de pandemia. Os objetivos de estabelecer vínculos podem ter sido alcançados, no entanto, quando se trata do compromisso com a aprendizagem e desenvolvimento desses estudantes, ainda há um longo caminho a percorrer.

Amorim, Gertner, Costa, Feminella (2022) realizam um ensaio que optaram pela coletivização do refletir, sobre o habitar, ser e estar em uma cidade capacitista com ruas não acessíveis, concluindo que os efeitos causados pela pandemia foram sentidos em diferentes segmentos da população, principalmente, entre os que habitam territórios vulneráveis, notadamente sujeitos com deficiências e/ou sofrimento psíquico. As inacessibilidades hostilizam a existência das pessoas com deficiências.

Lockmann e Klein (2022) empreendem uma análise sobre o processo de inclusão e exclusão experienciado por educandos com deficiência no período de distanciamento causado pela Covid-19. Houve a identificação de dois eixos de discussão: o primeiro indica um aprofundamento das desigualdades na escola e uma diminuição das forças da democracia; e o segundo se refere a práticas de inclusão e de exclusão realizadas por via das atividades individualizadas dos professores materializadas no coletivo. Por fim, a escola é entendida como um lugar compartilhado para a produção de práticas mais inclusivas. Além disso:

As desigualdades de acesso às tecnologias evidenciam os poucos investimentos no campo da educação e em políticas públicas para atender às necessidades escolares. Coube-nos apontar que, em decorrência desse pouco investimento, o comprometimento com a atuação pedagógica escolar precisa ser considerado quando se pretende discutir sobre a atuação docente.

Primeiramente, apontamos que houve e continua havendo, neste ano de 2021, em que continuamos a conviver com a sindemia covídica, a negação ao atendimento dos alunos com deficiência. (Lockmann; Klein, 2022, p. 18).

Assis (2021) realiza um estudo sobre educação e pandemia: outras ou refinados formatos de exclusão, nos quais se problematizam os discursos dos professores e estudantes, com ênfase nos processos de exclusão que têm tendência a ressaltar as perspectivas de inovação, de proatividade e/ou de sucesso. Atualmente, é possível ignorar a realidade, que está cada vez mais difícil de ser compreendida, independentemente da teoria utilizada para dialogar com ela. As ciências, principalmente as humanas, são frequentemente alvo de críticas que questionam sua utilidade. Para minimizar o efeito desse momento, é possível utilizar o conhecimento, o estudo e a familiaridade com os objetos de trabalho para realizar análises. Enquanto as Ciências Biológicas e Exatas lideram a batalha contra a Covid-19, as Ciências Humanas fornecem suporte ao discutir o contexto e ao apontar questões a serem consideradas em planejamentos para manter a vida e a sociedade, é necessário desvendar os discursos excludentes e dualistas que pregam a escolha entre trabalhar ou morrer. Embora não sejam as respostas desejadas, são as respostas da ciência, e, com elas, é possível construir o cenário desejado. Há o questionamento sobre a validade dos argumentos que agravam fatores de exclusão em vez de amenizá-los.

Melo, Siqueira, Maciel, Delcarro, Robaina, Jabor, Goncalves Junior e Zandonade (2022) se dedicaram a um estudo sobre sujeitos com Deficiência e Covid-19 no estado do Espírito Santo (no território brasileiro), entre a não visibilidade e a ausência de Políticas Públicas, o objetivo foi realizar uma análise do perfil das pessoas com deficiência dentre os casos informados pelo painel Covid-19 do Espírito Santo e associações possíveis com o resultado reagente do teste Covid-19. A partir dos resultados do estudo, é importante destacar o quanto a população com deficiência é impactada devido às desigualdades em saúde, levando em consideração que se trata de uma população que já apresenta mais dificuldades, exatamente, para o acesso aos serviços de saúde e ações educativas. A pandemia enfatiza a necessidade de ter mecanismos que assegurem os direitos de pessoas com deficiência.

Saldanha, Pereira, Santos, Miranda, Carvalho, Nascimento, Amaral, Macedo, Catrini, Almeida (2021) realizaram uma revisão nas bases de dados PubMed, *Scopus*, BIREME, SciELO e *Web of Science* sobre garantia de direitos fundamentais e equidade no cuidado das pessoas com deficiência na pandemia da Covid-19. O resultado da revisão sinalizou que a literatura sobre o tema apresenta três categorias temáticas que refletem as principais discussões. De acordo com os autores, são as “[...] vulnerabilidades das pessoas com deficiência diante da pandemia; direitos das pessoas com deficiência nesse contexto; e medidas de proteção e acesso à informação sobre Covid-19 voltadas para pessoas com deficiência” (Saldanha, Pereira, Santos, Miranda, Carvalho, Nascimento, Amaral, Macedo, Catrini, Almeida, 2021, p.1). Diante da pandemia, é importante considerar as vulnerabilidades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, bem como seus direitos e medidas de proteção e acesso à informação sobre Covid-19. Em situações de emergência em saúde pública, grupos historicamente excluídos, como as pessoas com deficiência, podem se sentirem vulneráveis e enfrentar privações e discriminação durante a triagem de atendimento. A assistência em saúde prestada a esse grupo é influenciada por preconceitos e estigmas, o que intensifica desigualdades já existentes e os torna mais suscetíveis a adoecer e a sofrer com a falta de proteção social.

Ainda sobre o estudo de Saldanha, Pereira, Santos, Miranda, Carvalho, Nascimento, Amaral, Macedo, Catrini, Almeida (2021) mesmo com o reconhecimento das pessoas com deficiência como grupo de risco para Covid-19, os governos não agiram rapidamente na elaboração de planos de enfrentamento à doença para essa população. Há escassez de estudos sobre os efeitos da pandemia da Covid-19 em indivíduos com deficiência, especialmente no que se refere à implementação de medidas de prevenção, controle e proteção que garantam a equidade no cuidado.

Vale, Silva, Costa, Carvalho e Carvalho (2021) efetivaram um estudo sobre os efeitos da pandemia da Covid-19 em mães-crianças com síndrome congênita do Zika. Chegando aos seguintes resultados: a pandemia da Covid-19 gerou um aumento de novas responsabilidades relacionadas ao cuidado infantil e doméstico, além de ter aumentado os níveis de sobrecarga das mães, o que pode levar a mudanças significativas na saúde física e mental. Os resultados indicam a necessidade de implementação de Planos de Cuidados de Enfermagem que reduzam a carga de cuidado materno, ajudem na reestruturação da rotina diária, incentivem a divisão de

tarefas entre rede de apoio social e familiares, melhorem a qualidade do sono e incentivem ações de sociabilidade da criança. É importante sugerir que pesquisas científicas sejam realizadas para investigar as atividades que sobrecarregam a mãe durante esse período, bem como as possíveis consequências para o desenvolvimento motor, intelectual e social da criança, decorrentes da ausência de continuidade da assistência em função da pandemia.

Carvalho, Finamori (2022) realizaram um estudo sobre o autismo, parentesco e pandemia, e as temporalidades do cuidado, chegando à conclusão de que não existe uma homogeneidade na maneira como esses eventos e transições da vida são vividos, já que há uma multiplicidade de fatores que se interligam e influenciam nas percepções e nas práticas “[...] marcadores sociais, como raça, classe, gênero, sexualidade, geração e religião” (Carvalho; Finamori, 2022, p.22), estão inclusos. Contudo, os aspectos pessoais dessas narrativas estão interligados a contextos mais amplos, que envolvem diversas “[...] concepções históricas, sociais, políticas e biomédicas sobre deficiência em geral” (Carvalho; Finamori, 2022, p.22). O autismo é um tema que tem sido amplamente discutido, especialmente em relação aos cuidados, gênero e família-esta que foi peça fundamental nos bastidores do processo de escolarização durante o período de isolamento.

Givigi, Silva, Menezes, Santana e Teixeira (2021) estudaram sobre as consequências do isolamento durante a pandemia de Covid-19 no comportamento de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A pesquisa revelou que o confinamento agravou os sintomas do autismo, o que reforça a importância de intervenções com as crianças, adolescentes e suas famílias. Entre as limitações do presente estudo, destacam-se a relação entre a faixa etária das crianças e os efeitos da pandemia, a possibilidade de viés nas respostas a algumas perguntas, a relevância dos atendimentos remotos. É importante considerar a possibilidade de influência nas respostas a algumas questões; avaliar a relevância dos teleatendimentos; analisar os impactos da pandemia a longo prazo, uma vez que a situação na época do estudo ainda não havia se estabilizado e indicava que continuaria por um tempo. Apesar das limitações, o estudo se concentra em um público vulnerável, o que torna relevante a adoção de medidas para reparar os danos.

Costa, Picharillo e Elias (2023) efetuaram um estudo sobre as consequências da pandemia de Covid-19 na educação de pessoas com TEA, no qual se observaram

as adversidades enfrentadas pelas famílias em relação à educação durante o período de isolamento, aponta-se que, a respeito dos serviços de educação a distância para crianças com TEA, é importante considerar as particularidades desses estudantes. “[...] De acordo com os estudos analisados, a pandemia de covid-19 trouxe inseguranças no que tange à qualidade da educação destinada a crianças e adolescentes com TEA” (Costa; Picharillo; Elias, 2022, p.12).

Em síntese de acordo com Verztman e Dias (2020), a pandemia da Covid-19 nos trouxe dor e desconforto, ocasionados pelas mudanças e a instabilidade em função “[...] da indeterminação, com a conseqüente imprevisibilidade de alguns fenômenos, e da sua irreversibilidade, com a conseqüente incontrabilidade desses fenômenos” (Vasconcellos, 2018, p. 101). A situação de vulnerabilidade de grupos das crianças e dos adolescentes com autismo preocupa os pesquisadores, que foram convocados a refletir sobre outras possibilidades de exercício das práticas familiares, clínicas, educacionais, diante da pandemia. É importante que as pessoas se conscientizem em relação à inclusão, sobre as questões educacionais, sociais e familiares, e que usem a pesquisa para encontrar maneiras de tornar a comunidade mais inclusiva.

Pagaime, Kumada, Rago, Prieto, Melo e Artes (2022) publicaram um estudo sobre educação especial na pandemia: estratégias e desafios no ensino fundamental. O estudo, de natureza quanti-qualitativa, foi concebido a partir de um questionário eletrônico, desenvolvido na plataforma SurveyMonkey. Foram constatados resultados que mostram que, mesmo com o investimento em tecnologias digitais antes da pandemia, o ensino remoto foi conduzido principalmente com material impresso, para atender aos alunos a distância, fator este de maior desafio. O propósito desse estudo foi colaborar com o mapeamento das conseqüências do ensino remoto para a educação especial.

Muitos pontos de convergências comuns entre os estudos sobre os processos de escolarização do público-alvo da educação especial “[...] durante a crise confirmam que precisamos de um modo de conhecimento e pensamento capaz de responder aos desafios das complexidades e aos desafios das incertezas” (Morin, 2021, p.35). As incertezas acompanharam o período em questão, e novos desafios se apresentam na forma de recompor as aprendizagens desses estudantes.

No período de conclusão da escrita deste referencial teórico, especificamente no início de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou o fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à Covid-19. Até na guerra há o momento de recuar; semelhantemente, chegou o momento de a pandemia recuar. Não há como recuperar as perdas que tivemos, mas dá um conforto em pensar que estamos um pouco mais seguros que antes, principalmente para recuperar os danos que a pandemia causou para a educação.

No próximo capítulo, serão abordadas as ações docentes no período pandêmico. Aprofundarei os estudos bibliográficos, refletindo sobre as ações docentes, fazendo o exercício de pensar na trajetória de aprendizagem dos docentes. Os desafios complexos e incertos também apresentam possibilidades de transformação. “[...] Não devemos nos fiar nas probabilidades nem esquecer que todo acontecimento histórico transformador é imprevisto” (Morin, 2021, p.35).

Carta aberta aos colegas professores,

Caros, colegas professores, gostaria de começar esta carta expressando minha sincera gratidão por seu comprometimento, dedicação e resiliência ao longo desta pandemia e após também. Sabemos que os últimos tempos foram desafiadores em muitos aspectos, mas sua determinação em continuar a educar e a apoiar nossos estudantes, mesmo durante as aulas remotas, foi verdadeiramente admirável.

As aulas remotas trouxeram desafios sem precedentes à educação. Professores como vocês/nós tiveram/tivemos que nos adaptar rapidamente ao ambiente virtual, enfrentando novas tecnologias, barreiras de conectividade e a ausência do contato pessoal que é tão essencial no processo de ensino-aprendizagem. Essa flexibilidade e a capacidade de enfrentar o desconhecido são dignas de reconhecimento.

Durante esse período, vimos vocês superarem inúmeras dificuldades para garantir que o aprendizado continue. Vocês não apenas adquiriram novas habilidades tecnológicas, mas também demonstraram empatia e compreensão para com os estudantes que podem estar passando por dificuldades financeiras e dificuldades no ambiente de ensino remoto. Sua resiliência em apoiar os estudantes, muitas vezes, enfrentando desafios emocionais e acadêmicos, é uma inspiração para todos nós.

As aulas remotas exigiram um esforço adicional na preparação de materiais, na adaptação de currículos e na criação de ambientes virtuais acolhedores. Muitos de vocês trabalharam movidos de esperança, em boa parte dos casos sendo para os seus educandos conforto, estabilidade, apoio emocional e oportunidades de aprendizado contínuo, mesmo quando as situações são desafiadoras.

Importa destacar que a carga de trabalho aumentou consideravelmente, para além da carga horária de trabalho para garantir que cada aluno tenha atenção necessária. O equilíbrio entre o ensino e o autocuidado foi o mais desafiador, mas o esforço incansável em superar esses desafios demonstra o comprometimento com a educação.

À medida que navegamos pelas incertezas do futuro, gostaria de expressar meu contínuo apoio a vocês/nós. Seu/ nosso trabalho é inestimável, assim como a influência na vida dos estudantes é profunda e importante. Continuaremos a apoiar as suas iniciativas, a valorizar as suas contribuições e a defender a educação de qualidade para todos, independentemente do formato de ensino.

Mantenham-se seguros, confiantes de que o que vocês fazem é realmente notável. O comprometimento é digno de elogio. Obrigado por serem heróis na educação, não importam os desafios que a pandemia impôs, ou potencializou os já existentes.

Com profunda gratidão e admiração,

4 ANÁLISE DE AÇÕES DOCENTES: O QUE NOS CONTAM AS PESQUISAS JÁ PUBLICADAS

4.1 O ENCONTRO COM A NOVA REALIDADE: NORMATIVAS EM FOCO

Para suprir a insuficiência dos poderes públicos na oferta de máscaras, assistimos a proliferação de atitudes e invenções solidárias, com produções alternativas por parte de empresas reconvertidas, confecção artesanal ou doméstica também vimos a união de produtores locais, entregas gratuitas em domicílio, ajuda entre vizinhos, fornecimento de refeições gratuitas aos sem-teto, guarda de crianças, *contatos mantidos nas piores condições entre professores e alunos*. (Morin, 2021, p.28, grifo nosso)

Este capítulo busca analisar as ações docentes que foram mobilizadas para atender a um público que, em sua grande parte, carece do mínimo considerado básico para a sobrevivência. O território da escola pública nos faz questionar sobre o nosso papel na vida de cada estudante. É possível aprender com fome? É possível aprender durante o ensino remoto sem adultos orientando? Quais foram as primeiras normativas nacionais que nortearam a escolarização remota da educação especial?

O momento em questão, caracteriza-se “[...]pela necessidade de reaprendizagem, reinvenção e reorganização dos processos educacionais, revelando o espanto e o medo diante das mudanças impostas pela pandemia ao sistema educacional e a urgência de adaptação” (Stein, 2021, p.87). Na minha prática e acredito que na prática da maior parte dos docentes, a citação do parágrafo anterior resume parte dos sentimentos que o período de suspensão das aulas nos trouxe enquanto professores, somado a isso a necessidade de fazer a diferença para os estudantes.

Iniciam-se os primeiros movimentos das ações docentes, alguns professores, nos primeiros dias de suspensão das aulas presenciais, encaminharam atividades para os estudantes realizarem nos próximos dias, em suas casas, despretensiosamente, com intencionalidade de preservar os vínculos, pois poucos imaginavam que aulas remotas se estenderiam por dias, meses e até mais de um ano, de acordo com as orientações de cada rede, seja ela federal, estadual ou municipal.

Considerando que os sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios têm liberdade de organização e poder regulatório próprio, devem buscar e assegurar medidas locais que garantam a oferta de serviços, recursos e estratégias para que o atendimento dos estudantes da Educação Especial ocorra com padrão de qualidade. (Brasil, 2020, p. 14).

As produções bibliográficas (artigos e dissertações) analisadas nesta pesquisa são de pesquisadores brasileiros, as quais, busco articular com orientações dos pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE), opto por essas orientações por serem mais abrangentes no âmbito dos sistemas. Os estudos bibliográficos traduzem a realidade de diferentes regiões brasileiras.

No Parecer CNE/CP Nº 5/2020, aprovado em 28/04/2020, foram abordadas a reorganização do calendário escolar e a viabilidade de contabilizar atividades não presenciais para atender aos requisitos da carga horária mínima anual, devido à pandemia de Covid-19. No que diz respeito à Educação Especial, o parecer estabeleceu que:

As atividades pedagógicas não presenciais aplicam-se aos alunos de todos os níveis, etapas e modalidades educacionais. Portanto, é extensivo àqueles submetidos a regimes especiais de ensino, entre os quais os que apresentam altas habilidades/superdotação, deficiência e Transtorno do Espectro Autista (TEA), atendidos pela modalidade de Educação Especial. As atividades pedagógicas não presenciais, mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação, adotarão medidas de acessibilidade igualmente garantidas, enquanto perdurar a impossibilidade de atividades escolares presenciais na unidade educacional da educação básica e superior onde estejam matriculados. (Brasil, 2020, p. 14).

Nos primeiros pareceres, que orientam sobre a reorganização do calendário escolar e atividades pedagógicas não presenciais, são destacados o público-alvo da educação especial, salientando sobre a adoção de medidas de acessibilidades “igualmente garantidas”. Porém, questiono: quais medidas de acessibilidades este parecer evocou pensando no público com marcadores sociais importantes, principalmente, o referido público-alvo da educação especial em situação de vulnerabilidade social? O documento também orienta sobre ações do AEE no período de emergência, com a perspectiva de ação docente colaborativa.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve também ser garantido no período de emergência, mobilizado e orientado por professores regentes e especializados, em articulação com as famílias para a organização das atividades pedagógicas não presenciais a serem realizadas. Os professores do AEE atuarão com os professores regentes em rede, articulados com a equipe escolar, desempenhando suas funções na adequação de materiais, provimento de orientações específicas às famílias e apoios necessários. Eles também deverão dar suporte às escolas na elaboração de planos de estudo individualizados, segundo a singularidade dos alunos, a serem disponibilizados e articulados com as famílias. No caso dos estudantes matriculados em instituições privadas, de qualquer nível e modalidade de ensino, o Atendimento Educacional Especializado deverá ser realizado pelos profissionais responsáveis no âmbito de cada escola. (Brasil, 2020, p. 15).

O parecer chama atenção para o olhar à singularidade dos estudantes. Segundo o Conselho Nacional de Educação, cada instituição deveria “[...] encontrar a melhor solução para o seu caso em particular, mas sugere a organização de atividades remotas justificada nas dificuldades para repor toda a carga horária posteriormente” (Alves, 2022, p.63).

Qual seria a melhor solução? Vale destacar que responsabilidade da escolarização foi designada às instituições. Pareceres nacionais, estaduais e municipais orientaram, mas quem precisou encontrar a solução foram os docentes. O momento apresentou incertezas, com todas as adversidades do momento de cada sujeito, não nos faltou esperança, foi o que nos moveu. Esperança, que segundo Morin (2021, p.94), “[...] não é certeza, traz consciência dos perigos e das ameaças, mas nos faz tomar partido e fazer apostas”.

No decorrer do isolamento, as apostas foram múltiplas. De início, o objetivo principal era manter o vínculo com todos os estudantes, com o prolongamento do isolamento social, os objetivos foram se expandindo, de acordo com os decretos e normativas de cada rede. O que ninguém sabia era quando todas as escolas, principalmente, as públicas, teriam condições sanitárias para receber os seus estudantes. Falo a partir da minha ótica e de minha vivência como professora da rede pública, que busca entender o contexto de cada estudante, que viveu em um período de incertezas, no qual as interações com os estudantes foram modificadas “[...] tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo” (Maturana; Varela, 2001, p. 22).

Neste sentido, dominou-se a instabilidade, as certezas foram desconstruídas. Como nos aponta Vasconcellos (2013, p. 129), a instabilidade no mundo exigiu de forma natural uma “[...] revisão de papéis que aprendemos a ter, num mundo pensado como um ‘mundo de relógios’, ou de autômatos, para incluir uma convivência com as ‘imagens das nuvens’, sempre abertas a novas configurações.”

Como professores/as, tivemos que reconfigurar nossas práticas e, ao mesmo tempo, lidar com as adversidades do momento. No período de fechamento das escolas, eu atuava na educação básica em duas redes municipais, que, a partir dos decretos nacionais e estaduais, produziam os seus decretos municipais e mobilizavam seus professores para diferentes ações, de acordo com as particularidades de cada

comunidade escolar. Foram diferentes apostas, entre elas alguns pontos de divergências.

Uma das redes apostava no retorno dos seus professores após as primeiras doses da vacina. A outra rede, na escolarização presencial como um serviço essencial, desconsiderando a vulnerabilidade das escolas: as condições físicas e os recursos humanos precários, sendo que no primeiro momento de retorno presencial, os grupos de risco não o fizeram, ação que considero justa, pois, pensando na saúde desses servidores, porém, não houve uma reposição desses profissionais para o apoio nas atividades que poderiam ser realizadas apenas de forma presencial, gerando uma sobrecarga em quem fez o retorno, ou seja, reassumiu a ponta no chão da escola. Dessa forma, entendo, junto a Rosa (2022, p.131), que “[...] a pandemia trouxe à tona questões importantes que devem ser debatidas, como: a importância da escola pública e dos professores para a sociedade”.

Cada rede buscou desenvolver ações de acordo com sua realidade. As vivências ocasionadas pelo distanciamento físico gerado pela pandemia do coronavírus, a interrupção do ensino na modalidade “[...] presencial e a adoção de medidas remotas emergenciais, ocasionou diferentes ações a depender de cada instituto e situação da região em que ele se localiza.” (Bueno; Leite; Vilaronga; Mendes, 2022, p.17). Como relatado anteriormente, em uma das redes municipais na qual atuo, havia uma pressão para o retorno do trabalho presencial em um dos piores momentos da pandemia no país, isto é, todos da comunidade estavam em estado de incertezas, com um turbilhão de emoções que se faziam presentes, e com uma série de protocolos, difíceis de serem seguidos até por adultos, imaginem pelas crianças e adolescentes.

Com toda a certeza, eu, assim como muitos outros docentes, preocupava-me com os efeitos na aprendizagem dos educandos, apostava no melhor que eu podia oferecer perante os atravessamentos do momento, e desejava muito o retorno presencial com segurança. A partir das condições de retorno que se apresentavam, eu temia pela minha vida, pela vida dos estudantes, principalmente pelas vidas das pessoas que tinham a saúde vulnerável. A vida estava em jogo e o futuro também. O direito à educação de qualidade estava sendo ameaçado. A escola e as aulas nunca pararam, mas não estavam ao alcance de todos.

Nesse sentido, como professora da rede pública, ciente das condições dos estudantes, relacionadas também à disponibilidade de suas famílias, não estabelecia horário para interagir com os estudantes e suas famílias, dialogava, organizava as interações por vias das tecnologias, de acordo com as possibilidades de cada estudante. Lamentável que nem todos tinham acesso às tecnologias, entre os quais, os estudantes público-alvo da educação especial. A busca por solução para os estudantes, que viviam “quarentenas simultâneas”, tornou-se essencial, não só para reparar os danos da pandemia, mas, também, para reparar os danos históricos.

Foram esforços além das nossas atribuições, trabalho fora da escala de efetividade. Professores indo até as residências dos estudantes, desembolsando materiais com recursos próprios. Muitos professores enfrentaram dificuldades causadas pela falta ou insuficiência de acesso e recursos de acessibilidade para os educandos. Recursos tecnológicos como computadores, tablets e celulares com acesso à internet, “[...] para frequentar as aulas, ficavam sem contato e, quando os docentes encaminhavam as atividades impressas, muitas vezes, estas não eram realizadas e devolvidas como deveriam” (Santos, 2023, p.69).

O estudo citado no parágrafo anterior me remeteu a uma memória, a qual compartilho neste estudo. Fui buscar as atividades dos meus estudantes e, ao chegar na escola, fui recebida pela coordenadora pedagógica com a frase: “Que bom que vieste! Tem muitas atividades da tua turma!”. Meu coração vibrou de alegria e voltei para casa com a sensação de paz e de “dever cumprido” diante das adversidades do momento. Ao realizar o olhar dinâmico geral para quem havia entregado os trabalhos, deparei-me com as atividades, de um estudante, realizadas com uma letra que não se parecia com a escrita dele. A atividade estava flexibilizada, levando em consideração que esse era um dos estudantes que enfrentava muitas dificuldades no seu processo de alfabetização e letramento. O estudante em questão era público-alvo da educação especial, e eu como professora buscava medidas de acessibilidade para melhor atendê-lo, e mesmo com a tarefa personalizada para ele, não obtive o retorno que esperava, muito menos uma sinalização para saber como construir as próximas tarefas, igualmente, personalizadas para esse estudante, mas, de certa forma, alguém ter feito a tarefa por ele também revelou um pedido de ajuda não dito, que se manifestou através da forma de entrega das tarefas. Com isso, um sentimento de

frustração me invadiu, despi-me da sensação de paz gerada pela falsa sensação de dever cumprido.

O desejo de dar conta e a frustração de não contribuir para a aprendizagem de todos os estudantes geravam as mais variadas ações dos docentes, alguns trabalharam na modalidade remota até quando estavam doentes. Eu fui uma das que trabalhei quando estava doente. Presenciei dois professores participando de reuniões, por vias tecnológicas, hospitalizados. Em uma das redes, passaram a excluir os professores com atestado médico dos grupos de trabalho após presenciarem uma dessas cenas. Cena lamentável e impactante, entre outros esforços que ninguém via, mas “apedrejavam” os professores com indiretas nos grupos, nas redes sociais. E, em uma das redes, recebíamos até do próprio prefeito da época (2020-2021), deliberações que, diante das adversidades do momento, interpretava como uma ameaça. Ameaça às nossas vidas, principalmente aos mais vulneráveis.

Em 2020, com o fechamento das escolas, havia a impressão que toda a crise sanitária seria resolvida em algumas semanas. Os decretos municipais seguiram prorrogando as semanas e os meses. Em uma das redes, na qual eu atuo, os docentes retornaram ainda em 2020, organizaram as escolas, realizaram reunião com os pais e prepararam seus planejamentos, salas e corações para receber os estudantes, porém, o retorno dos estudantes não ocorreu por falta dos serviços de preparação da alimentação e de limpeza das dependências escolares.

Não imaginávamos que o fechamento das escolas se alastraria até os primeiros meses letivos de 2021, e, realmente, prolongou-se. Em 2021, foi diferente. A experiência do ano anterior serviu de suporte para posteriores ações. Novamente, foram necessárias ações remotas, o que ainda não era fácil. Nesse ano de 2021, o coronavírus mostrou a sua real face, e a educação seguiu a jornada de reinvenção no contexto educacional pandêmico. Continuação das mudanças da escola presencial para um espaço em que a interação entre as pessoas as quais dependiam da tecnologia, mesmo não estando ao alcance da população mais vulnerável, “[...] ocasionaram a necessidade profissional de se reinventar, de se adequar a essa nova realidade, o chamado “novo normal”, a busca por aprender a utilizar novas tecnologias [...]” (Junior, 2021, p.117). Dito de outro modo, a busca por encontrar outras formas de acesso à escolarização nas camadas sociais que mais precisam. A busca de soluções, a reinvenção nas suas mais diversas formas.

Reinvenção diferente de todas as outras que já havíamos presenciado no território educacional durante todos os meus anos de docência, levou-me a profundas reflexões sobre as minhas práticas naquele contexto tão incerto e duvidoso. Maturana e Varela (1983) enfatizam sobre a importância de nos permitir refletir sobre as nossas experiências como passo fundamental para mudarmos a visão de mundo.

E, como foi importante conhecer “o mundo” dos estudantes durante a pandemia. Antes do fechamento das escolas não existia essa proximidade com algumas famílias, o contato ocorria quando era necessário, principalmente por questões importantes que envolviam o estudante, nas entregas de avaliações, nas reuniões e nas assembleias. Nunca estivemos tão próximos aos lares e ao dia a dia dos estudantes, e, por muitas vezes, o trabalho do professor foi afetado em função da rotina familiar, pois o cotidiano laboral e os afazeres do lar foram algumas das barreiras que impossibilitaram aos cuidadores e aos pais acompanharem, no decorrer das aulas, as atividades remotas, principalmente, aqueles relacionados aos estudantes que necessitavam de um maior auxílio para terem acesso aos recursos tecnológicos ou na “realização das atividades impressas” (Lima, 2022, p.105).

Era possível ver protestos de grupos que reivindicavam o retorno presencial, pois a rotina e o trabalho de muitas famílias sofreram efeitos significativos, e auxiliar o processo diário de escolarização dos estudantes, para muitos responsáveis, foi uma sobrecarga extra. Nas redes sociais, ecoavam frases tais como “eu não sou professor”, “O teu direito termina quando atinge o meu”, “Se pararem de pagar os professores, logo retornarão ao trabalho presencial”. Cabe ressaltar sobre os direitos à educação e de quem são os deveres previstos na Constituição Federal de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à *saúde*, à alimentação, à *educação*, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, Art. 227, grifo próprio).

De acordo com o Parecer CNE/CP nº 16/2020, “[...] nesse contexto, vale ressaltar que não existe hierarquia entre princípios constitucionais, de modo que o dever de se evitar ‘riscos à saúde’ e ‘riscos à educação’ estão sensivelmente no mesmo patamar” (Brasil, 2020f, p. 2). De acordo com Santos (2023, p.32), “[...] a saúde é o primeiro marco com que se preocupar, porque, no momento da pandemia,

todos os envolvidos – crianças, professores e família – estavam correndo o perigo”. O direito à vida está na preservação da saúde, para a qual as medidas de isolamento tiveram esse objetivo, o desconhecido e o mortal estavam no ar, afetando a vida da população. “De repente o coronavírus provocou a irrupção, no imediato da vida cotidiana, da morte pessoal até então postergada para o futuro. A ciência biológica e a arte médica viram-se desarmadas diante do misterioso vírus mortífero” (Morin, 2021, 26).

Nesse cenário, a comunidade escolar mobilizou-se para assegurar a ampliação do acesso, contando com a colaboração do grupo de apoio dos estudantes. Parte das famílias e cuidadores auxiliavam como podiam, dentro de suas possibilidades, muitos davam o seu melhor diante das condições havidas. Também, enfrentamos, por parte de alguns cuidadores, a negação total em contribuir com o processo de inclusão, ensino e aprendizagem dos estudantes. Por outro lado, também, tivemos famílias que caminharam conosco lado a lado, assim como faziam na modalidade presencial, acompanhando o estudante, auxiliando no que fosse necessário e, por vezes, modificando suas rotinas para melhor acompanhar o estudante. “O aumento do vínculo com as famílias no ano de 2020 foi considerado também como um legado da pandemia [...]” (Alves, 2022, p.118).

A interação e, conseqüentemente, o vínculo entre família e escola sempre foram e seguem sendo indispensáveis. Essa interação refletiu de forma positiva na formação dos estudantes e contribuiu para o processo de ensino e de aprendizagem. No período de isolamento social, esta parceria ocupou um lugar importante na escolarização dos estudantes e nas ações docentes “[...] Além de compartilharem o desenvolvimento do aprendizado desses estudantes, o professor passa a conhecer a realidade das famílias, podendo, dessa forma, conduzir suas orientações de modo a contemplar a rotina familiar” (Lima, 2022, p.105 e 106).

Foram experiências marcantes. Posso afirmar que o retorno presencial foi muito esperado. Esperado e temido, queríamos o retorno, mas temíamos pela saúde de nossos entes queridos assim como pela saúde dos estudantes e de seus familiares, que contavam com o acesso à política pública de saúde extremamente precária e com risco de colapso. O retorno presencial ocorreu em 2021, não obrigatório a todos os estudantes, apenas aos quais as famílias sentissem seguras para enviar seus filhos à escola. Um grupo de estudantes retornou, outro permaneceu na modalidade remota.

Enfrentamos todos os receios e medos em prol do futuro dos estudantes, principalmente, àqueles que permaneciam a mais de um ano na modalidade remota. Convivemos com a necessidade intensa de repensar as nossas práticas em um contexto de escolarização diferente, sendo assim, os docentes tiveram que realizar ações docentes tanto para o grupo que retornou na modalidade presencial como para o grupo que permaneceu na modalidade remota.

[...] repensar práticas a fim de relacioná-las com propostas de processos vitais, em termos de propor atividades mobilizadoras que sirvam para pôr em movimento processos de autoconstrução. Assim, precisamos pensar em estratégias pedagógicas como dispositivos de desencadeamento de situações internas aos sujeitos estudantes, proporcionando então ambientes de autoexperimentação (Pellanda, 2009, p. 43).

De modo geral, “[...] a educação precisa estar sensível às condições dos alunos e entender que os estudantes que aparecem nas telas digitais não são os mesmos que estavam sentados nas carteiras das escolas” (Camizão; Conde; Victor, 2020. p14).

Dessa forma, com o retorno híbrido e a sala de aula na escola, dentro das casas nossas e dos estudantes, no “[...] tempo de pandemia nos mostrou o quanto é importante termos humildade para aceitar o novo, compreender que não temos controle de tudo e que juntos somos capazes de fazer melhor” (Tonocchi, 2021 p.106).

O ensino na modalidade remota e híbrida possibilitou não só repensar sobre necessárias transformações de políticas educacionais inclusivas, como também para analisar as ações inclusivas dos professores e os demais atuantes da escola. “[...] O ensino colaborativo é um dos caminhos primordiais para que as barreiras do cotidiano escolar dos alunos em situação de inclusão não sejam multiplicadas pelo formato remoto” (Cunha, 2021, p.37).

Dessa forma, no que compreende o ensino colaborativo, a parceria vai além da troca de ideias e sugestões, é necessário que haja uma relação estreita, com planejamento, ações e com perspectivas de um currículo que contemple a todos, que seja diverso, com múltiplas formas e possibilidades contemplando os alunos com e sem deficiência (Cunha, 2021, p.77).

O ensino colaborativo se fez visível em alguns alinhavos presentes no período pandêmico. Na minha realidade de escola pública, nunca tivemos tantas oportunidades de dialogar com os nossos pares para analisarmos ações pedagógicas e, assim, pensarmos em melhores intervenções aos nossos estudantes. As ideias de

alguns mobilizavam outras. O conhecimento e as práticas compartilhadas nos mobilizam para novos saberes. Nossas práticas pedagógicas se reconstituíram a partir da oportunidade de conhecer as práticas dos nossos pares, foi uma oportunidade ímpar de entrar em contato com o conhecimento do outro, pois, no isolamento, planejávamos, diariamente, de forma coletiva.

O conhecimento do conhecimento obriga. Obriga-nos a assumir uma atitude de permanente vigília contra a tentação da certeza, a reconhecer que as nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um vê fosse o mundo e não um mundo que construímos juntamente com os outros (Maturana; Varela, 2001, p. 267).

Como produzir conhecimento sem estar junto de nossos estudantes? A construção do conhecimento se deve a muitas variáveis, e continuo questionando: como construir em um momento que o acesso à interação por vias tecnológicas estava disponível para alguns, mas não a todos? Os/as professores/as buscaram formas.

Isso fez com que os professores buscassem insistentemente outras maneiras de disponibilizar atividades e conteúdos aos alunos, de forma assíncrona e muitas vezes em material impresso (Lokmann; Klein; 2022, p.11).

Sob esse viés, tal formato configura-se muito precário para a grande maioria dos estudantes quando se apresentam dificuldades, com necessidades de interação e de práticas pedagógicas potentes para a evolução do processo de escolarização. “Talvez justamente por isso, identificamos uma insistência dos professores em manter contato com as famílias, mesmo diante de todas as dificuldades acentuadas pela pandemia covídica” (Lokmann; Klein; 2022, p.11).

Entendendo uma pandemia como um fenômeno sanitário, sociocultural e ambiental extremamente complexo, mutável e situado num patamar epistemológico acima das raízes que lhe dão origem e o alimentam, ela é irreduzível a qualquer uma das muitas variáveis que dela participam. De modo a clarificar tal complexidade [...] (Veiga -Neto, 2020, p.15).

Em nosso país, muitos estudantes, principalmente, em situação de vulnerabilidade social, não tiveram oportunidades de interagir com seus respectivos colegas e professores através dos ambientes virtuais proporcionados pela tecnologia. “Apesar de a era virtual e tecnológica invadir o mundo de uma forma substancial, essa não é a realidade para todas as pessoas, famílias, escolas e profissionais que atuam nela” (Cunha, 2021, p.32).

No entanto, isso não implica que a educação tecnológica não seja relevante, ao contrário, o contexto de pandemia mostrou que as tecnologias são indispensáveis e estão presentes na vida das pessoas em várias áreas. Importa problematizar o acesso à internet e a dispositivos tecnológicos em condições de uso, porquanto, muitas vezes, as pessoas da casa se utilizavam do mesmo dispositivo em horários diferentes e o professor deveria disponibilizar horários de acordo com a disponibilidade do dispositivo da família do estudante para esse poder interagir. Outros fatores necessários de serem citados são: “[...] localização geográfica ausente de tecnologias, a falta de letramento digital, a afinidade de práticas pedagógicas atreladas às tecnologias e os ambientes virtuais, entre outros” (Cunha, 2021, p.32).

O formato remoto não fazia parte do cotidiano nem dos estudantes nem dos educadores, mesmo àqueles com condição de acesso. A nova realidade não proporcionou o tempo e os espaços favoráveis à imediata transição, a rotina escolar de todos apresentou significativas mudanças, tanto nas ações docentes, quanto nas trajetórias de aprendizagem dos estudantes. O que era suficiente tornou-se insuficiente,

Se antes um computador – para aqueles que o possuíam – era suficiente, em uma casa com dois adultos e duas crianças, já não é mais: cada um terá necessidade de um, em seus respectivos horários, para atender às demandas de trabalho, escola e socialização. Como adquirir, de imediato, mais três computadores? Como aumentar, de imediato, o pacote de dados da internet? Como arranjar, na casa, espaço adequado para trabalhos e estudos individualizados, já que a inexistência do silêncio com as video calls impede que uma mesa de jantar, quando caso ela exista, seja simultaneamente utilizada por todos? (Assis, 2021, p.5).

4.2 ORIENTAÇÕES SOBRE O RETORNO

O Parecer CNE/CP N^o 11/2020, aprovado em 07/07/2020, tratou das orientações educacionais para conduzir aulas e atividades pedagógicas, tanto presenciais quanto não presenciais, durante a pandemia. Em relação às diretrizes para o atendimento ao público-alvo da Educação Especial, estabeleceu o seguinte:

Compete à área da Educação Especial, especificamente, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), assim, o retorno à escola do público da Educação Especial deve seguir as mesmas orientações gerais, de acordo com o poder regulatório próprio dos sistemas de ensino federal, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios que possuem a liberdade de organização do fazer pedagógico. Enquanto durar a situação de pandemia, somente deverão retornar às aulas presenciais ou ao Atendimento Educacional

Especializado por indicação da equipe técnica da escola, ou quando os riscos de contaminação estiverem em curva descendente (Brasil, 2020, p. 25).

A citação acima, além de excludente, capacitista, remete à exclusão histórica, protagonizada pelo público-alvo da educação especial. Mais uma vez, vivenciamos um retrocesso direcionado aos sujeitos com deficiência ou autismo, pois havia a necessidade de uma indicação da equipe técnica da escola, enquanto os outros estudantes podiam voltar sem nenhuma indicação ou avaliação prévia especializada.

O CNE recomenda que o Atendimento Educacional Especializado aos estudantes de Educação Especial, incluídos aqueles com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades ou superdotação, seja oferecido de acordo com as seguintes orientações: O atendimento deve ser ofertado, pelos sistemas de ensino, em atividades não presenciais ou presenciais, a partir de uma avaliação do estudante pela equipe técnica da escola. O estudante e suas famílias devem ser contatados para informar as possibilidades de acesso aos meios e tecnologias de informação e comunicação; Os Professores do Atendimento Educacional Especializado (PAEE), deverão elaborar com apoio da equipe escolar, um Plano de Ensino Individual (PEI), para cada aluno, de acordo com suas singularidades; As orientações e atividades não presenciais deverão ocorrer através de ações articuladas entre o professor do AEE e o acompanhante (mediador presencial) no domicílio, ou com o próprio estudante quando possível, por meio de tecnologias de comunicação; Deverão ser previstas ações de apoio aos familiares ou mediadores, na realização de atividades remotas, avaliações e acompanhamento; Brasil, 2020, p. 25-26).

No Artigo 13 do mesmo parecer, está disposto que, ao retomar às atividades presenciais, os sistemas de ensino, as secretarias de educação e as instituições escolares devem garantir, de acordo com as necessidades individuais, o apoio aos estudantes e à promoção do bem-estar emocional de todos os professores, outros profissionais da educação e funcionários. Isso se faz necessário para lidar com situações excepcionais ao atender aos estudantes e suas famílias (Brasil, 2020e, p. 9). Em resumo, o parecer enfatiza a importância do cuidado com o bem-estar emocional de todos os envolvidos na educação e a necessidade de preparação para lidar com desafios específicos associados ao retorno às atividades presenciais em meio à pandemia.

Não esqueço das respostas de alguns responsáveis na época do retorno híbrido. Um responsável de um estudante enviou mensagem que seu neto só retornaria às aulas presenciais quando os professores estivessem imunizados. Outros justificavam o não retorno à modalidade híbrida em função do estudante ou de outros moradores da residência pertencer aos grupos de risco, então, para evitar a exposição

do estudante e com isso diminuir os riscos de contágio no grupo familiar, alguns responsáveis optaram pela permanência da escolarização na modalidade remota. Nesse contexto, atender a grupos na modalidade remota e a grupos na modalidade presencial se tornou desafiador.

O parecer do CNE 11/2020 evocou de forma muito clara o capacitismo, o retrocesso histórico. Ao mesmo tempo, nosso país era governado por um presidente que tentava instituir uma “nova” Política Nacional de Educação Especial através do decreto 10.502/2020. Nova que não inovava, apenas retrocedia os avanços que os estudantes público alvo da educação especial alcançaram ao longo da história, fruto de muita luta. Como se não bastasse o retrocesso do parecer CNE 11/ 2020, foi publicado o parecer CNE 15/2020, trazendo os termos relacionados à privação de interações presenciais, especificando os motivos dos processos de exclusão nos tempos de pandemia. Com isso, gerando a esses estudantes e a suas famílias as mais diversas indignações, pois generalizava: trazia questões que não contemplavam a diversidade, apenas rotulava o público-alvo da educação especial.

4.3 O CAPACITISMO ESTAMPADO NO PARECER CNE/CP nº 11 e 15/2020

Os estudantes da Educação Especial devem ser privados de interações presenciais, considerando questões como: Os alunos surdos sinalizantes não podem usar máscaras, pois as expressões faciais são elementos linguísticos da LIBRAS, e os estudantes com deficiência auditiva que se beneficiam de oralidade precisam fazer leitura labial; [...] Os estudantes cegos precisam de contatos diretos para locomoção, seja com pessoas ou objetos como bengalas, corrimões, maçanetas etc.[...] (Brasil, 2020, p.26).

Privar um estudante com deficiência sensorial de interações com seus pares, mesmo que em um contexto incerto de risco à saúde, faz-nos refletir sobre onde erramos e acertamos, como professores/pesquisadores, especialmente como sociedade. O ambiente escolar não tem o preparo adequado para acolher as diferenças e em um momento de crise gerado pela pandemia evidenciou-se que, mesmo reconhecendo que muito avançamos, ainda temos muito que avançar - o legado da pandemia foi evidenciar, potencializar o que precisava ser visto, mas era ocultado.

Outro público também privado das interações na modalidade presencial se constituiu de: “Os estudantes que necessitam do profissional de apoio escolar para

alimentação, higiene e locomoção ficam em risco, pela exigência de contato físico direto” (Brasil, 2020, p. 26).

Os estudantes com Deficiência Intelectual (DI), igualmente, foram privados das interações com seus pares na modalidade presencial sobre a justificativa de que poderiam “[...] apresentar dificuldades em atendimento de regras sobre as recomendações de higiene e cuidados gerais para evitar contágio” (Brasil, 2020, p. 26).

Os estudantes com comprometimento na área intelectual podem apresentar dificuldades de compreensão e o atendimento das normas e recomendações de afastamento social e prevenção de contaminação, por isto, o contato deverá ser revestido de todos os cuidados possíveis, inclusive com a exigência de equipamentos de proteção individual para ambos (Brasil, 2020, p.26).

Mais generalista que a especificação/justificativa da privação de interações educacionais presenciais aos estudantes com DI, foi a justificativa da segregação referente aos sujeitos com TEA: “Os estudantes com autismo têm dificuldades nas rotinas e de obediência de regras, tocam sempre olhos e boca, além de exigirem acompanhamentos nas atividades de vida diária” (Brasil, 2020, p.26). Pode-se dizer que o intuito do parecer era conscientizar a sociedade do porquê das privações de interações, com justificativas generalistas, rotulantes, desconsiderando a diversidade dos sujeitos.

O parecer CNE 15/2020, do mesmo modo, traz algumas especificações direcionadas ao público com deficiência física.

Aos estudantes com deficiência física por lesão medular ou encefalopatia crônica como paralisia cerebral, hemiplegias, paraplegias e tetraplegias e outras, e aos que estão suscetíveis à contaminação pelo uso de sondas, bolsas coletoras, fraldas e manuseios físicos para a higiene, alimentação e locomoção, recomenda-se não apenas o uso de equipamento de proteção individual, mas extrema limpeza do ambiente físico (Brasil, 2020, p.26).

O mesmo parecer traz especificações aos estudantes considerados grupos de risco, com termos relacionados a revestimento de todos os cuidados possíveis, não observado esse cuidado quando se refere ao público-alvo da educação especial, pois a privação de interações é considerada a principal ação de “cuidado”.

Os estudantes com síndromes e/ou os que apresentam disfunções da imunidade, cardiopatias congênitas, doenças respiratórias e outras podem

ser suscetíveis a maior risco de contaminação, por isto o contato deverá ser revestido de todos os cuidados possíveis, inclusive com a exigência de equipamentos de proteção individual para ambos (Brasil, 2020, p.26).

Além de todo capacitismo e do retrocesso expresso nas citações do documento, o parecer CNE/CP Nº: 11/ 2020 ainda ressalta o educando com transtorno do espectro autista e ou deficiências por razões citadas no documento, assim como maior vulnerabilidades “[...] não devem retornar às aulas presenciais ou Atendimento Educacional Especializado, enquanto perdurarem os riscos de contaminação com o coronavírus” (Brasil, 2020, p.2020, p.27).

O parecer CNE/CP Nº: 15/2020 retoma os mesmos itens citados no parecer CNE/CP Nº: 11 /2020 e destaca que “Enquanto durar a situação de pandemia, somente deverão retornar às aulas [...] ao atendimento educacional especializado por indicação da equipe técnica da escola, ou quando os riscos de contaminação estiverem em curva descendente” (Brasil, 2020, p.10). A realidade que levou à criação do parecer CNE/CP Nº: 16/2020 volta-se às preocupações com as desigualdades em relação ao acesso à educação, principalmente para os estudantes público-alvo da educação especial. O objetivo principal foi retratar-se frente à exclusão percebida nos pareceres anteriores e propor medidas, garantindo o acesso igualitário e inclusivo aos estudantes público alvo da educação especial.

Apenas no CNE/CP Nº: 16/2020 é apresentado o reexame do item 8 sobre as orientações para o atendimento ao público-alvo da Educação Especial, contidas no parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020, que trata de orientações educacionais à realização de aulas e de atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da pandemia, apresentando “Orientações aos Sistemas que definirem o retorno do atendimento educacional presencial para todos os estudantes, incluindo o público da Educação Especial, no contexto da pandemia” (Brasil,2020, p.8).

Nos casos dos sistemas de ensino que optarem pelo retorno das atividades escolares e de Atendimento Educacional Especializado presencial, a oferta destes serviços deve considerar as seguintes orientações: - Os estudantes com deficiência devem ter o direito de retornar às escolas no mesmo momento que os demais, já que não existe correlação entre deficiência e risco aumentado para a COVID-19 (Brasil, 2020, p.8).

O mesmo parecer destaca que estudantes com deficiência considerada severa, durante o “[...] período de pandemia, precisarão ser acompanhados de forma

mais intensa, como numa tutoria individual, tanto no processo de escolarização, quanto nas atividades de avaliação realizadas pela equipe do AEE” (Brasil, 2020f, p. 7). A individualização em relação à escolarização do estudante com deficiência não se apresenta como características específicas desse período. Historicamente, a escolarização do estudante com deficiência se apresentou e segue, em alguns contextos, apresentando-se de forma não inclusiva. De várias formas, “[...] esta condição seja direcionando este estudante para espaços segregados, seja direcionando para o Atendimento Educacional Especializado” (Alves, 2022, p.108) e, a partir desse direcionamento, o estudante é visto de outra perspectiva.

Carta aberta aos estudantes!

Caros estudantes!

Este capítulo é sobre as suas trajetórias de aprendizagem. Espero que você (estudante) tenha aprendido comigo, assim como eu-docente aprendi com você. Cada ação que propus foi pensando nas particularidades principalmente de acesso de cada um.

Mesmo muitas vezes não sendo as melhores ações, foi com as melhores intenções. Intencionalidade pedagógica que move nossas práticas docentes, em um espaço de aprendizagem diferente, contribuiu para repensar as minhas práticas e para o meu processo de tornar-me professora em um contexto diferente e de incertezas.

Espero que, no decorrer dos anos, você consiga recuperar as aprendizagens e as interações que o período de isolamento lhe tirou; também, desejo que compreenda ter sido necessário para salvar vidas!

Foi um orgulho imenso ter sido sua professora em dias tão difíceis. Foi uma trajetória diferente e, até agora, única. Espero que não tenhamos que passar por outros momentos semelhantes. Almejo que o construído contigo possa servir de base às aprendizagens futuras.

As suas aprendizagens futuras são as motivações que me mobilizam a analisar as trajetórias de aprendizagem de quem, assim como vocês, esteve do lado de lá. Destaco que não dependeu só de você a participação e a construção dessa importante trajetória. Muitos atores nos bastidores. E por que será que focamos nas suas trajetórias de aprendizagens?

A aposta é pensando no seu futuro e quem sabe no que, como docentes, podemos fazer para minimizar os danos na sua aprendizagem; essa marca importante deixada pela pandemia no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Gostaria de expressar meu reconhecimento da sua força. Mantenha-se motivado, confiante e aberto a novos caminhos, pois o futuro é seu!

Com respeito e apoio contínuo,

5 TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES

5.1 REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DURANTE O ENSINO REMOTO

Segundo nosso entendimento, a Educação pode ser vista como uma prática social que tem como objetivo o desenvolvimento do ser humano, das suas competências e de suas potencialidades. Também pode ser vista como um direito, um direito fundamental que permeia e interfere no desenvolvimento humano por meio do Ensino e da aprendizagem, buscando potencializar a capacidade intelectual do ser humano. Ou ainda, a Educação pode ser vista como um processo, um processo único de aprendizagem associado à escola, à família e à sociedade. (Dias; Ramos, 2022, p. 859).

Este capítulo tem como objetivo analisar as trajetórias de aprendizagem dos estudantes, ampliando o olhar para suas redes e barreiras enfrentadas. A abordagem para essa análise é baseada na complexidade, compreendendo os sistemas por meio de suas interações, ampliando o escopo de observação, reconhecendo que nossa perspectiva é responsável pela criação de uma realidade estabelecida.

De acordo com Senkevics e Alcantâra (2023), a literatura nacional tem explorado os efeitos da pandemia no Brasil por meio de diversas fontes de informação, como documentos, dados demográficos e educacionais, utilizando diferentes abordagens metodológicas. Ao realizar estimativas descritivas sobre o efeito da pandemia, os pesquisadores têm destacado uma realidade preocupante, especialmente quando comparada internacionalmente.

Para atenuar os efeitos deixados pela pandemia nas aprendizagens escolares e combater o aumento das desigualdades, especialmente, no contexto brasileiro, o Conselho Nacional de Educação (CNE) propôs uma série de medidas (Brasil, 2021). Entre essas medidas, destaca-se a iniciativa de trabalhar no âmbito de uma continuidade curricular para os anos de 2020-2022. O CNE reconhece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma ferramenta crucial para orientar as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas por todas as escolas, sejam públicas ou privadas. Dessa forma, a BNCC assume um papel estratégico na recomposição das aprendizagens.

É importante notar que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2022, recomendou a todos os países do mundo um esforço significativo de cooperação e de colaboração para garantir o sucesso desse processo de recomposição e para enfrentar as desigualdades educacionais.

Importante, ao abordar a trajetória de aprendizagem dos estudantes, articular com a pedagogia diferenciada de Meirieu (1998), que desafia o método tradicional tão criticado entre as concepções de aprendizagem, no entanto, segue sendo o método mais utilizado no território escolar. O tradicional conceito criticado por Meirieu que “[...] os conhecimentos são coisas e de que, como todas as coisas, são adquiridos e possuídos, são acumulados e deles é feito o inventário” (Meirieu, 1998, p. 50). De acordo com o autor, a aprendizagem é algo que acontece nas relações e está diretamente relacionada à experiência singular de cada pessoa.

As experiências relacionadas ao processo de escolarização foram diferenciadas e restritas no período de pandemia. Cabe ressaltar que se escancarou as desigualdades nas questões de acesso. O público em vulnerabilidade social, com dificuldade ou sem acesso aos meios tecnológicos, pessoas com deficiência, foi o que apresentou grandes limitações nas experiências de aprendizagem.

A aprendizagem é um processo complexo. “A complexidade do aprender não se resume a uma circulação de informações que devem ser adquiridas pelo sujeito, mas sim a perturbações do meio que serão relacionadas e incorporadas pelos seres humanos à sua estrutura” (Rosa, 2022 p.78). A escola é o espaço que muito contribui para esse processo, porém, do dia para noite, ela teve suas portas fechadas e interações restritas para segurança da comunidade escolar, causando grande afetação nas ações docentes e trajetórias de aprendizagem dos discentes.

Justamente porque a aprendizagem requer uma disjunção com as aquisições anteriores, ela só pode realizar-se em articulação com “uma base de apoio” que assegure ao sujeito um mínimo de continuidade e de segurança: “só pode fazer com”. Com aquilo que é, a partir daquilo a que se aspira, agarrando-se a fragmentos de habilidades existentes, partindo de algo que se reconhece, de um elemento um pouco mais familiar, dentro daquilo que, para nós, é, de início, um objeto opaco, sempre um pouco misterioso e inquietante. É assim que se aprende o que se ignora..., mas sempre a partir do que já se sabe (Meirieu, 2005, p. 90).

Com o decorrer dos meses das escolas fechadas, tornou-se cada vez mais complexo mapear as aquisições de aprendizagens anteriores dos educandos. Em parte dos casos, as bases de apoio eram frágeis, desde as físicas até as humanas, sendo isso, em muitos casos, barreiras que dificultaram o trabalho educativo e, até, impossibilitaram que se ocorressem qualquer aprendizagem.

Diante das barreiras e (im)possibilidades, o que foi possível construir? Como foram as trajetórias dos estudantes público alvo da educação especial? A

acessibilidade esteve presente nas ações docentes? Durante o período de isolamento físico-social foram realizadas muitas práticas pedagógicas admiráveis e potentes que chegaram até um público e fizeram a diferença. Por outro lado, as trajetórias de aprendizagens para os mais vulneráveis apresentaram-se excludentes, a acessibilidade muito relacionada às possibilidades de acesso e à disponibilidade da família e cuidadores no acompanhamento do educando. Para muitas famílias, a tarefa de auxiliar de acordo com as necessidades dos educandos era inviável por múltiplas questões.

Percebi, durante a pandemia, muitas publicações de estudantes dentro das suas casas. Por momentos, refleti sobre as autorizações das famílias que geralmente assinam na matrícula: assinam a autorização do uso de imagem, mas acredito que não imaginavam que as fotos que encaminhavam aos professores confirmando a realização das atividades em casa podiam ser expostas nas redes sociais. No caso, fazia-se necessária nova autorização com as particularidades do momento ou, no mínimo, o consentimento dos responsáveis em relação ao novo cenário de escolarização.

Recursos pedagógicos acessíveis são importantes, mas o ponto crucial na inclusão são os recursos humanos que articulam as ações e realizam intervenções a partir de outros recursos. Vivemos um momento em que a escola muito precisou da família para a interação do estudante. Nesse sentido, o processo de “[...] aprendizagem põe frente a frente, em uma interação que nunca é uma simples circulação de informações, um sujeito e um mundo, um aprendiz que já sabe sempre alguma coisa e um saber que só existe porque é reconstruído” (Meirieu, 1998, p. 79). A família e os cuidadores foram atores essenciais nesse processo. Apenas com a parceria deles ocorreu o processo de aprendizagem no período pandêmico. Nesse contexto, a família foi um recurso de acessibilidade atitudinal. A acessibilidade atitudinal pode ser descrita como um conjunto de práticas, posturas e comportamentos que favorecem a plena participação de pessoas com deficiência na vida em sociedade, em equidade de condições em relação às demais pessoas que compõem o seu tecido social.

Nesse sentido, podemos afirmar que o “momento pedagógico” não dependeu apenas da permissão do estudante, também dependeu do elo com a família que pôde

ou esteve disposta a facilitar o processo de ensino e aprendizagem com ações de acessibilidade atitudinal.

De acordo com Meirieu (2002), educar não é uma tarefa fácil, no entanto, é um compromisso ético com a formação humana. E esse compromisso com a ética deve acompanhar as ações docentes. Escola inclusiva é a que potencializa os diferentes itinerários de aprendizagem, tendo como lema que todos têm o direito de aprender. Embora no período de isolamento nem todos tiveram esse direito garantido, cabe à escola recompor as aprendizagens não alcançadas no contexto pandêmico e ter olhar diferente aos que tiveram sua escolarização afetada neste período.

Meirieu (2002, p. 58) destaca que “[...] apesar de todos os seus esforços para prever e programar suas sequências de aprendizagem, jamais conseguem prever-se contra essa resistência que recusa, ignora, contesta, rejeita o que lhe é proposto”. No período de distanciamento, tornou-se complexo mapear as resistências. O período mostrou-se conturbado. Pensar no aluno como um ser que também tem suas demandas psicológicas, as quais, muitas vezes, apresentam-se através de diferentes comportamentos, entre eles, incluem-se as resistências.

5.2 O INÍCIO DAS ATIVIDADES REMOTAS

De acordo com o parecer CNE/CP nº 05/2020, “A realização de atividades pedagógicas não presenciais visa, em primeiro lugar, que se evite retrocesso de aprendizagem por parte dos estudantes e a perda do vínculo com a escola, o que pode levar à evasão e abandono” (Brasil, 2020c, p. 6). Como já dito, um ponto importante que marcou o início das trajetórias de aprendizagem foi manter o vínculo e evitar danos maiores. O risco de evasão escolar apresentava-se de forma eminente, além de outros riscos que, no primeiro momento, as ações visavam evitar, assim como minimizar eventuais perdas.

No sentido de contribuir para minimização das eventuais perdas para as crianças, sugere-se que as escolas possam desenvolver alguns materiais de orientações aos pais ou responsáveis com atividades educativas de caráter eminentemente lúdico, recreativo, criativo e interativo, para realizarem com as crianças em casa, enquanto durar o período de emergência, garantindo, assim, atendimento essencial às crianças pequenas e evitando retrocessos cognitivos, corporais (ou físicos) e socioemocionais (Brasil, 2020c, p. 9).

Acima, há um parágrafo do parecer CNE/CP nº 05/2020 com orientações para as escolas para os primeiros dias de isolamento social. O que não se sabia era que outros pareceres viriam. O parágrafo citado sugere a importância de as escolas fornecerem orientações e materiais educativos aos pais ou aos responsáveis de crianças durante um período de emergência a fim de minimizar eventuais perdas no desenvolvimento das crianças.

Inicialmente, a preocupação central era evitar que as crianças sofressem retrocessos em seu desenvolvimento durante a situação de ensino emergencial gerado pela pandemia. Essa situação alterou a rotina educacional regular das crianças, podendo afetar seu crescimento cognitivo, físico e socioemocional. A minimização das perdas e a evitação do retrocesso foram os principais objetivos do início do ensino remoto.

As escolas desempenham um papel importante na educação dos estudantes, mas, em emergências, quando as aulas podem ser interrompidas ou realizadas de forma diferente, é também a escola que deve oferecer orientações claras e materiais que os pais e os cuidadores possam entender e orientar os estudantes. É necessário planejar pensando que os pais e cuidadores não são professores, e que as intervenções remotas diferem das presenciais.

Nesse sentido, o caráter eminentemente lúdico, recreativo, criativo e interativo das atividades e das propostas dos primeiros dias de isolamento deveriam ser atraentes às crianças de modo a tornar o aprendizado mais envolvente e motivador. O uso de abordagens lúdicas, recreativas, criativas e interativas é fundamental para manter o interesse das crianças e tornar o aprendizado mais significativo.

O parecer do CNE/CP nº 05/2020 cita a necessidade de evitar retrocessos cognitivos, corporais e socioemocionais: o objetivo principal é evitar que as crianças regridem em seu desenvolvimento devido a interrupções na educação. Retrocessos cognitivos relacionados ao isolamento que causou a perda de oportunidades de aprendizados escolares ou sociais, retrocessos corporais podem envolver falta de atividade física, causando retrocessos psicomotores e retrocessos socioemocionais, os quais se referem a problemas no desenvolvimento das habilidades emocionais e sociais.

5.3 A COMPLEXIDADE DE MAPEAR AS TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES

As atividades, em tempos pandêmicos, são ofertadas pelas escolas em diferentes níveis de ensino, que exigem tempo e dedicação, não somente dos professores e das crianças, mas também de adultos que auxiliem as crianças com desenvolvimentos tanto típicos como atípicos. Isso, de alguma forma, provoca inquietações e inseguranças dos atores envolvidos no âmbito educacional (Esper; Araújo; Santos; Nascimento, 2022, p.236).

Para Capra (1996), é importante visualizar a teia da vida como sistemas vivos (redes) interagindo à maneira de rede com outros sistemas, ou seja, como cada sistema escolar se organizou? Como cada sistema familiar ou de cuidados se organizou? À vista disso, ampliamos a análise ao refletir que a aprendizagem dos estudantes esteve diretamente influenciada pelo seu sistema de apoio e suporte.

Ao analisarmos as trajetórias de aprendizagens dos estudantes é extremamente importante pensarmos em suas redes de apoio e cuidado. A aprendizagem do estudante dependeu de seu sistema de ensinagem, do professor, da organização escolar, familiar e social entre outros sistemas envolvidos no seu processo de aprendizagem durante a pandemia.

A partir de narrativas de meu cotidiano junto aos estudantes, é possível identificar vários membros da família, empenhados no processo de aprendizagem dos estudantes

Quando tinha a pandemia, eu estudava com meu pai, matemática e português, e lá na minha tia, ela também me ajudava a escrever, e quando eu ia com a minha mãe ela falava para eu fazer matemática e eu fazia, e as vezes eu até saía do meu pai para a gente estudar. (relato oral do estudante A)

Na época da pandemia, meu pai me puxava e a minha mãe também para aprender português e matemática também, o que a gente fazia mais era em matemática por isso eu sou tão bom em matemática assim, em português eu não sou muito bom! (relato oral do estudante B)

Eu adorei o período de aulas em casa! Minha família ajudava nas atividades e fizemos muitas coisas legais juntos: Atividades, brincadeiras, bolo, massa de modelar e brinquedos com sucatas! Amei a atividade que era para a família realizar algumas brincadeiras da época que eram crianças com a gente. Eu nem imaginava que até a minha avó brincou de algumas brincadeiras que eu gosto (relato oral do estudante B)

A partir das memórias dos estudantes, é possível perceber a dinâmica das redes de apoio dos estudantes. Além das aprendizagens oferecidas pelo processo de

escolarização, mediadas pelas famílias e cuidadores, ocorreram outras aprendizagens “[...] saberes que a convivência familiar trouxe, com o excesso de compromissos externos, o simples pode ser recuperado, o partilhar com os irmãos, idosos também traz ganhos e saberes para a vida” (Palavissini, 2022, p.97).

Inquestionavelmente, além de saberes específicos proporcionados no ambiente familiar, a situação incomum ocasionada pela pandemia nos demonstrou a importância do ensino presencial para o desenvolvimento da prática pedagógica do professor de educação especial para seus alunos. “O período excepcional evidenciou, ainda, o quanto o direito equitativo de todos a uma educação inclusiva e de qualidade necessita ser priorizado pelos nossos governantes” (Rosa, 2022, p. 131).

De acordo com Moreira (2021), a pandemia da doença coronavírus causou sérias afetações na vida de toda a população do mundo. No entanto, sem dúvida, seu efeito foi mais acentuado entre sujeitos em desenvolvimento público-alvo da educação especial. Efeitos na aprendizagem, no processo de escolarização, “[...] a suspensão das aulas devido a pandemia do novo coronavírus COVID-19, causará consequências na aprendizagem de crianças com e sem transtornos do neurodesenvolvimento” (Barboza; Anjos; Azoni, 2022, p.6).

As trajetórias de aprendizagem de estudantes com transtorno do neurodesenvolvimento apesar da massiva presença de tecnologias digitais no cotidiano contemporâneo, os resultados de um determinado estudo demonstraram que as redes públicas ainda apoiavam suas atividades remotas “[...] predominantemente no uso do material impresso, cujos recursos de acessibilidade ficavam, em geral, a cargo das professoras e dos professores” (Pagaiame; Kumada; Drago; Prieto; Melo; Artes, 2022, p.18). As tecnologias para estudantes em situação de vulnerabilidade social são um recurso distante do cotidiano destes, infelizmente “[...] ainda é uma realidade pouco presente e, o ensino remoto acabou expondo ainda mais as mazelas educacionais, comprovando as fragilidades e rupturas, especialmente nos sistemas de ensino público (Rosa, 2022, p. 130).

De acordo com os estudos de Stein (2021), alguns estudantes atendidos pelo AEE gostaram do sistema on-line “[...] mas preferem o retorno presencial, mesmo apontando que achavam interessante a manutenção de alguns aspectos, como o uso dos jogos, de materiais interativos, entre outros” (Stein, 2021, p.86).

5.4 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DIGITAL

Desde os primeiros dias de isolamento, nos primórdios do ensino remoto, tornou-se visível que a realidade de muitos estudantes é distante das tecnologias. “As aprendizagens mediadas pelas tecnologias demandam um custo no qual nem todos possuem condições de sustentar” (Rosa, 2022, p. 126). Frente a essa realidade, a citação do parágrafo anterior, remeteu-me uma memória, a qual compartilho neste estudo. Lembro-me de várias situações, mas compartilho o relato de uma avó:

“Professora, minha neta não pode participar da aula pelo Google Meet, porque não temos computador com internet, tenho um celular de cartão e se entrar na aula *online* em poucos minutos termina o cartão. Pode seguir enviando as tarefas pelo WhatsApp, nem sempre tenho passagem para buscar as atividades impressas na escola, como pode ver temos copiado as tarefas para ela, pois também não temos impressora” (áudio via whatsapp de uma avó).

De acordo com o parecer CNE/CP nº 11/2020, “Não há como negar a importância do acesso as tecnologias [...] para assegurar maior equidade na formação integral de todas as crianças e jovens para o enfrentamento dos desafios do nosso século” (Brasil, 2020d, p. 27). Muitos faziam esforços humanos grandiosos, conforme o relato da avó de uma estudante dentro de suas condições financeiras, que também se tornaram difíceis para muitos no período de distanciamento físico. Não há um contexto que não foi afetado ou influenciado pela pandemia. “No contexto educacional, as aulas, tanto ministradas quanto assistidas, bem como os atendimentos ocorreram nas residências dos alunos e professores. Entretanto, nem todos estavam preparados e com recursos tecnológicos para o acesso” (Palavissini, 2022, p.93). De acordo com o parecer CNE/CP nº 16/2020,

No mundo todo, inclusive no Brasil, o acesso à internet é ponto nevrálgico para o auxílio a muitos estudantes, incluindo aqueles com deficiências, considerados presumidamente vulneráveis. Deve-se considerar, ainda, que para a citada acessibilidade, há necessidade de suporte para difusão dos dados educacionais, de uso adequado de processos e de metodologias, além dos equipamentos que nem sempre estão disponíveis aos alunos, por se encontrarem em sociedade que padece de reconhecido desaparecimento tecnológico, sobretudo como omissão aos mais carentes (Brasil, 2020f, p. 5).

O público-alvo da Educação Especial e inclusiva teve que “[...] utilizar das tecnologias digitais de informação e comunicação, aulas por plataformas digitais e

atividades enviadas por e-mail, os processos de exclusão foram reativados” (Correa, 2022, p.35). Os profissionais da educação trabalharam na busca do melhor suporte para os estudantes, apesar do caos de uma pandemia. O que ficou evidente foram as fortes influências dos fatores socioeconômicos que influenciaram diretamente “[...] no ensino-aprendizagem, no período de isolamento social. Infelizmente, em muitos casos, o recurso de ensino remoto emergencial trouxe prejuízos que precisarão ser dirimidos ao longo dos próximos anos para a recuperação” (Palavassini, 2022, p.97).

Direcionar os esforços à recuperação dos prejuízos do ensino aprendizagem, é o desafio para os próximos anos. “Nesse sentido, compreende-se que é preciso investir em políticas públicas que insiram as tecnologias digitais na educação brasileira a fim de acompanhar os anseios de uma sociedade cada vez mais tecnológica” (Rosa, 2022, p. 131). A exigência mundial é de uma educação que inove, que diminua até acabar com as desigualdades, que seja inclusiva, que ofereça letramento e inclusão no mundo digital. “[...] Assim, é urgente que pensemos e façamos movimentos em busca de uma escola que aborde a educação como único caminho para a justiça social que tanto buscamos” (Rosa, 2022, p. 131).

Antes do momento pandêmico, já havia grandes disparidades sociais, porém, a maioria dos brasileiros ainda tinha acesso a direitos básicos, como a educação pública de qualidade. Com a chegada da pandemia, até mesmo esses direitos foram negligenciados haja vista dependerem de outros direitos para se manterem presentes, como, por exemplo, o direito ao acesso a equipamentos tecnológicos e ao acesso à internet. “Como esses direitos nunca foram garantidos no Brasil, a falta de democratização da internet, por exemplo, produziu a falta de democratização da própria educação” (Lokmann; Klein; 2022, p.11).

A falta da democratização da internet, conseqüentemente, repercutiu na falta da democratização da educação, e, mais uma vez, os direitos fundamentais dos estudantes público-alvo da educação especial foram inviabilizados. “Cotidianamente pessoas com deficiência e/ ou sofrimento psíquico enfrentam barreiras que lhes inviabilizam o exercício dos seus direitos fundamentais. É como se a sociedade lhes dissesse ‘não’” (Amorim; Gertner; Costa; Feminella, 2022, p.50). Mais um não diante de tantos “nãos”, mais uma barreira diante de tantas barreiras. Cabe ressaltar que nem tudo é culpa do coronavírus, porquanto

As diferenças sociais foram criadas pela pandemia? As deficiências? As pessoas com deficiência já eram atendidas adequadamente? Não havia diferença entre os países e seus sistemas de saúde antes da pandemia? O Brasil é um país em que todos têm acesso à internet, possuem celulares e notebooks? O Brasil é um país em que todos em idade escolar estão na escola? É como se os problemas fossem criados pela pandemia quando, em verdade, isso só demonstra o quanto eles sofrem uma tentativa de serem naturalizados. Eles estavam lá, empurrados para debaixo de vários tapetes da mente de muitos mais do que se gostaria de admitir (Assis, 2021, p.7).

Os estudos encontrados, até o momento, indicam que a Covid-19 no Brasil agravou as desigualdades educacionais e sociais já existentes. As oportunidades, suportes necessários e as condições de acesso de cada um repercutiram no processo de aprendizagem. “Enquanto alguns estudantes têm condições de realizar todas as atividades com apoio dos responsáveis, outras famílias nem sequer têm condições de se manter neste período” (Alves, 2022, p.65).

A exclusão dos estudantes público-alvo da educação especial e inclusiva, principalmente daqueles que compõem os grupos de maior vulnerabilidade social e educacional, é evidenciada. “O isolamento serviu de lente de aumento para as desigualdades sociais: a pandemia acentuou dramaticamente as desigualdades socioespaciais” (Morin, 2021, p.29).

Destacamos que as exclusões presentes nos discursos de simplicidade evidenciam total desconhecimento da situação anterior à pandemia no país por parte daqueles que se utilizam desses discursos. “Há uma generalização descompromissada com a realidade nos discursos proferidos nesta categoria. É como se tudo estivesse à mão, basta pegar. E, mesmo que estivessem, por si só, não bastariam” (Assis, 2021, p.6). Olhar para os sistemas ajuda a compreender a verdade absoluta de cada um, desde os que defendiam o retorno sem olhar para a precariedade e as péssimas condições sanitárias de algumas escolas públicas

Em um contexto que não isentava a espécie humana de um quadro de extermínio em massa, ocasionado por um vírus “invisível”, a pandemia deixou em transparência as vulnerabilidades sociais que já existiam, pontualmente, no Brasil, permitindo que ficassem de forma mais evidente, sem disfarces ou camuflagens das escassas políticas públicas e da gestão atual do país. O isolamento social atrelado a outras medidas de segurança foi a saída para evitar que o número de contágio e mortes aumentasse (Cunha, 2021, p. 30).

Enquanto a sociedade lutava para evitar o contágio, a escolarização, principalmente a do público-alvo da educação especial, sofria as consequências do isolamento. O processo de escolarização de deficientes auditivos foi afetado

negativamente. “Fatores socioeconômicos nacionais e individuais, no entanto, moldam a intensidade desse impacto” (Lima; Novato; Carvalho, 2022, p.612).

Estudantes com deficiência múltipla sensorial visual vivenciam desafios diariamente para transmitir, através de alguma forma de comunicação, as suas áreas de interesses, as suas necessidades e para entender, de forma adequada, o que o professor almeja construir juntamente com o estudante. “Um dos grandes obstáculos para iniciar uma intervenção eficaz⁹ com essas crianças consiste em identificar suas preferências e fornecer estratégias de ensino e oportunidades de aprendizagem específicas que valorizem os seus pontos fortes” (Moreira, 2021, p. 729). Como identificar preferências e potencialidades em crianças sem acesso aos recursos tecnológicos no período remoto?

Durante o ensino remoto, além das impossibilidades e das possibilidades fragilizadas para o público em idade escolar, principalmente estudantes com alguma(s) deficiência sensorial, intelectual, física ou altas habilidades/superdotação, as aprendizagens foram prejudicadas. Estudantes com TEA, do mesmo modo, tiveram suas trajetórias de aprendizagens impactadas, “[...] a pandemia de covid-19 trouxe inseguranças no que tange à qualidade da educação destinada a crianças e adolescentes com TEA” (Costa; Picharillo; Elias, 2023, p.308).

5.5 A AVALIAÇÃO

O planejamento da volta às aulas ocorre em três frentes principais: acolhimento; avaliações diagnósticas para identificar os níveis de aprendizagem dos estudantes e, a partir disso, estabelecer intervenções; a reorganização do espaço físico e a adoção das medidas de higiene necessárias para evitar a contaminação da COVID-19 (Brasil, 2020d, p. 6, grifo próprio).

O parecer CNE/CP nº 11/2020 sinalizou a necessidade da avaliação diagnóstica no retorno às aulas. Um dos grandes desafios foi avaliar no contexto remoto, que deveria ampliar o olhar para todo o contexto do estudante além das oportunidades a ele oferecidas diante desse processo.

Avalia-se a qualidade da educação e as trajetórias de aprendizagem dos estudantes principalmente através do processo avaliativo que, além disso, “[...] é

⁹ Utilizou-se do termo “intervenção eficaz” para preservar a citação literal do autor

considerar os vários contextos em que se vai atuar, a exemplo do ensino remoto, na qual a avaliação se tornou um desafio ainda maior devido às implicações da pandemia e as vulnerabilidades sociais, no tocante a escolares” (Cunha, 2021, p.36).

No entanto, problematizar sobre a importância do processo avaliativo em um contexto que não ocorreu a democratização da educação não indica a romantização desse processo, todavia faz-se necessário para pensar em transformações. Pode ser um indicador para construir caminhos a partir das incertezas apresentadas durante e após o isolamento social e o ensino na modalidade remota. Importante destacar fatores que dificultaram a promoção dos processos avaliativos e inclusivos “[...] mediante o silenciamento dos alunos do outro lado das telas, das folhas de atividades, da falta de tecnologias devida às situações socioeconômicas do país, que, no caso de muitas famílias, não é uma opção de prioridade” (Cunha, 2021, p.47).

De acordo com Vasconcellos (2014, p. 30), “a avaliação é uma prática fundamental do ser humano. Ao analisarmos a atividade humana como um todo”. Na educação, é por meio de “avaliações” que se atribuem conceitos de sucesso e de fracasso. Vasconcellos (2014) relacionou o fracasso escolar à “[...] exclusão dos incluídos”. Em tempos de pandemia, a avaliação, que levava em conta a participação, a entrega de atividades, retratou, como muitas outras vezes no processo histórico da escolarização, a exclusão daqueles que, de alguma forma, já haviam sido incluídos.

À vista disso, sair da perspectiva classificatória e excludente implica romper os excessivos usos de provas e de exames, quase impossíveis de serem aplicados durante a pandemia. No entanto, não significa que “acabar com esses instrumentos” possa ser o caminho para um processo avaliativo de maior contribuição para as trajetórias de aprendizagens do estudante, porquanto a intencionalidade desses instrumentos deve ser pensada para avaliar a aprendizagem de todos os estudantes e, a partir desse ponto, pensar em propostas pedagógicas específicas, rever os modos de ensinar e aprender de cada um. Não está nesses instrumentos o problema, porém cabe destacar a ênfase direcionada a eles “[...] sobretudo, no que pedagogicamente é realizado posteriormente aos seus resultados. Os instrumentos avaliativos, independentemente do seu formato, precisam estar atrelados aos objetivos para a aprendizagem do aluno” (Cunha, 2021, p.43).

Muitas barreiras, os estudantes enfrentaram mesmo com os docentes criando e desenvolvendo diferentes recursos pedagógicos, objetivando conseguir que todos

os estudantes tivessem acesso ao processo de escolarização remoto. A falta de suporte dos responsáveis pelos estudantes e a falta de acesso às tecnologias e à internet apresentaram o desafio de como avaliar os estudantes “[...] pois se encontravam longe e, por isso, ficava difícil de entender se os estudantes tinham realmente aprendido e desenvolvido as atividades, ou se seus responsáveis as faziam para que seu filho entregasse (Santos, 2023, p.69).

5.6 PONTOS IMPORTANTES PARA DESTACAR SOBRE OS ESTUDANTES

As trajetórias de aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial, durante a pandemia, foram afetadas de maneira significativa, apresentando desafios que requeriam respostas inclusivas. Aqui estão alguns dos principais aspectos que caracterizaram essas trajetórias permeadas por barreiras:

O contexto de distanciamento físico apresentou desafios de acesso à tecnologia e conectividade: muitos estudantes enfrentaram dificuldades relacionadas ao acesso a dispositivos eletrônicos e à internet. Isso impediu sua participação nas aulas online, limitando seu acesso a materiais de ensino, comunicação e intervenções pedagógicas com professores e interação com colegas.

A flexibilização de materiais e métodos de ensino: Professores tiveram que adaptar materiais de ensino e métodos para atender às necessidades individuais dos estudantes com ou sem deficiência. Isso incluiu a criação de versões acessíveis de materiais, a oferta de suporte adicional e a implementação de estratégias de ensino personalizadas. O desafio foi grande em relação ao público sem acesso às intervenções pedagógicas proporcionadas por vias tecnológicas.

Reafirmo, a pandemia teve efeito significativo na saúde mental de muitos estudantes, incluindo aqueles público-alvo da educação especial. Professores e escolas priorizaram o acolhimento emocional e manutenção do vínculo, oferecendo atividades pedagógicas para trabalhar as habilidades socioemocionais através de recursos e de estratégias para lidar com o estresse, tristeza, ansiedade e luto, com isso, promovendo o apoio emocional e bem-estar mental.

A comunicação entre escolas, professores, famílias e cuidadores tornou-se mais essencial do que nunca. Essa aproximação desempenhou um papel fundamental no apoio às trajetórias de aprendizagem de estudantes público-alvo da educação especial. O grupo de apoio dos estudantes foi constituído pelos mediadores e

facilitadores da educação em casa. “[...]a forma remota de ensino fez uma aproximação das famílias com a professora da sala de recursos, pois há um tempo maior de conexão aluno- professor sem limitação” (Correa, 2022, p.79)

A avaliação dos estudantes público-alvo da educação especial ou não, foi flexibilizada levando em consideração as circunstâncias da pandemia. Métodos de avaliação diferenciados foram implementados para garantir que os alunos tivessem oportunidades justas de demonstrar seu conhecimento, e, a partir disso, avançar em suas trajetórias de aprendizagens.

Em resumo, as trajetórias de aprendizagens dos estudantes público-alvo da educação especial durante a pandemia foram marcadas não somente por desafios, mas também por esforços significativos por parte de educadores, famílias e instituições para garantir a continuidade da educação inclusiva e o bem-estar desses alunos. A pandemia destacou a necessidade contínua de políticas e de práticas inclusivas na educação para atender às necessidades diversificadas de todos os estudantes.

Vida

*Vida é legal
Para quem tem alto astral
Mas pode ser ruim
Para quem faz o mal.*

*Vida é estudar, amar, brincar,
Aprender, entender, ver,
Viajar, se apaixonar,
Querer, vencer e crer.*

*Vida também é sorrir
Às vezes é chorar.
Nem sempre há motivos para sorrir
Mas sempre há motivos para sonhar.*

*E se a vida lhe der
Muitos motivos para chorar.
Tente encontrar motivos
Para amar e sonhar.*

*Amar a família
De coração.
Colegas e amigos
Que sejam como irmãos.*

*Sonhar com uma vida melhor
Vida é esperança
Sempre encontramos, menor ou maior
Até no sorriso de uma criança.*

*Desde o primeiro sopro de vida
Até o final, na angústia de morte
Sempre existe um pingo de vida
Ufa! Essa é nossa sorte!*

(Poema coletivo, construído com 3º ano do ensino fundamental, EMEF... professora Lucilene Luz)

6 CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

Estudantes e professores são agentes ativos na construção do conhecimento. Docentes são agentes mediadores que constroem o conhecimento juntamente com os discentes. “Há todo um processo de mobilização interna disparado pelo que dizemos que depende da percepção de cada um, o que, por sua vez, depende do historial de acoplamento estrutural de cada ser humano” (Pellanda, 2009, p. 48). Durante o distanciamento físico gerado pela pandemia, as interações e as intervenções entre educadores e educandos tiveram alterações abruptas, sendo as condições de acesso um dos pontos cruciais de todo o processo.

Os estudantes com condições de acesso para realizar as propostas pedagógicas durante o período de isolamento já tiveram oportunidades de escolarização reduzidas, mais complexa ainda é a situação dos estudantes sem condições de acesso e do suporte necessário, pois “[...] a desigualdade educacional no país é ampliada em tempos de pandemia” (Alves, 2022, p.121).

No início da pandemia, durante o ensino remoto, em relação aos estudantes do atendimento educacional especializado, foi possível obter um olhar diferenciado em relação ao uso das tecnologias pelos estudantes “[...] dessa forma, não foram obtidos os resultados esperados, pois esses alunos apresentaram resistência ao processo de ensino e aprendizagem remoto” (Stein, 2021, p.85). Após um ano do início do ensino não presencial, é possível observar uma resistência menor, pois, em aspectos gerais, tanto as famílias quanto os estudantes já estavam mais familiarizados com o uso da tecnologia.

O atendimento na modalidade remota foi desafiador, tanto aos docentes quanto aos estudantes e seu grupo de apoio. “Uma experiência que, embora tenha ocorrido de modo inesperado, promoveu reflexões sobre a prática educativa, processos formativos, bem como sobre o uso de tecnologias digitais como inclusão social dos alunos [...]” (Stein, 2021, p.86).

No decorrer dos anos, avançamos em relação à inclusão, porém temos muito a avançar. A busca pelo direito à educação de qualidade e os desafios para vencer as diferentes barreiras sempre existiram. “Antes mesmo da pandemia, podíamos observar que o processo de inclusão escolar ainda é uma batalha sem fim, que, aos

poucos, foi ganhando seu espaço, mas que ainda há muito o que conquistar” (Santos, 2023, p.32).

O ensino remoto trouxe importantes aprendizados aos docentes. Esses aprendizados valiosos devem continuar a moldar as práticas educacionais e o papel dos educadores na formação das futuras gerações, apontando para a necessidade de uma abordagem mais inclusiva no sistema educacional. À medida que avançamos em direção a um cenário pós-pandêmico, é fundamental reconhecer que a resiliência e a adaptabilidade demonstradas pelos professores foram características valiosas que podem ser aproveitadas para criar um ambiente de aprendizado mais significativo e equitativo. Isso requer investimentos contínuos em formação de professores, na tecnologia educacional e em políticas que promovam a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas circunstâncias individuais.

A trajetória de aprendizagem docente durante a pandemia é uma chamada para a transformação na educação, e os professores estão no centro dessa transformação, desempenhando um papel fundamental na construção de um futuro mais inclusivo.

Cabe destacar que “[...] o contexto social, político e econômico do Brasil, durante o ano de 2020, sendo esse atravessado pela pandemia da COVID-19 é marcado pelo ataque às classes subalternas” (Alves, 2022, p.144). Somado às adversidades enfrentadas mundialmente, no Brasil, tínhamos um presidente negacionista, que não atribuía a real importância à grave ameaça à saúde e à vida da população, uma pessoa que não estava nem um pouco preocupada com a preservação da vida dos outros, muito menos se preocupou com a educação e com o futuro do país. “A palavra negacionismo denota a prática de negar sistematicamente realidades ou verdades que, embora evidentes, causam algum medo ou desconforto” (Veiga, 2020, p.7). O possível medo ou desconforto nessa situação estava mais relacionado à situação econômica do país, que corria sérios riscos. Não aparentava existir alguma preocupação ao que urgia por solução: no presente, a preservação da vida, e, no futuro, a escolarização.

As ações docentes inclusivas, durante a pandemia, variaram amplamente de acordo com a região, os recursos disponíveis, as necessidades dos alunos e a capacidade das escolas de se adaptarem a um ambiente virtual. No entanto, alguns padrões gerais emergiram. Na transição do ensino presencial para o ensino online ou

remoto, muitos professores tiveram que adaptar rapidamente suas práticas de ensino para um ambiente virtual. Como já explicitado, isso envolveu o uso de plataformas de aprendizado online, videoconferências e materiais digitais. Para tornar essas transições inclusivas, os educadores precisaram considerar a acessibilidade digital, como a disponibilidade de dispositivos e conectividade à internet para todos os alunos.

Em relação à comunicação e ao apoio, professores reconheceram a importância da comunicação aberta e do apoio constante. Grande parte dos professores entrou em contato com os estudantes e suas famílias para entender suas necessidades e fornecer atividades personalizadas. Ações indispensáveis para estudantes público-alvo da educação especial ou com dificuldades de aprendizado. “A maioria dos pais, por sua vez, relatou apresentar dificuldades de lidar com a questão técnica; porém, por meio do contato constante com a professora, conseguiram suporte para os filhos” (Stein, 2021, p.86).

A flexibilidade no ensino tornou-se um fator relevante, muitos educadores adotaram uma abordagem mais flexível ao ensino, reconhecendo que a pandemia afetou os estudantes de maneiras diferentes. Isso incluiu a gravação de aulas para permitir que os alunos as assistissem em seu próprio ritmo, a redução da carga e o volume de trabalho para os estudantes e a adaptação de atividades pedagógicas para atender às necessidades individuais dos alunos.

A necessidade de avaliação diferenciada também se tornou uma das ações recomendadas. Professores repensaram seus métodos de avaliação para acomodar as circunstâncias da pandemia. Exploraram formas alternativas de avaliar o aprendizado dos alunos, como projetos, apresentações, discussões online e portfólios, garantindo que os alunos tivessem oportunidades justas de demonstrar seu conhecimento.

O apoio à saúde mental também se tornou uma ação emergente. Conscientes do efeito psicológico da pandemia, muitos educadores dedicaram esforços para apoiar a saúde mental dos estudantes e, para tal fim, colocaram em práticas ações de promoção à empatia, incentivando a comunicação aberta sobre o bem-estar e conexão dos alunos a recursos pedagógicos especificamente pensados para promoção da saúde mental.

Cabe ressaltar que um dos pontos fortes da pandemia foi a colaboração e treinamento que algumas redes de ensino dispuseram de maior espaço para que tais

ações ocorressem. Professores participaram de treinamentos e colaboraram com colegas para compartilhar práticas bem-sucedidas. Isso ajudou a desenvolver habilidades para o ensino online e remoto inclusivo e a criar um ambiente de apoio entre os educadores. Considerações para estudante público-alvo da educação especial: para esses estudantes, foram enfatizadas as necessárias flexibilizações específicas, como a disponibilização de recursos de acessibilidade e o AEE no formato remoto.

Durante o período de ensino não presencial evidenciou-se “[...]a precariedade do trabalho e da formação dos docentes da Educação Especial. Por isso, é fundamental que as pesquisas aprofundem esses estudos e as Universidades dirijam ações para fomentar o debate da formação desses profissionais” (Lima, 2022, p.103). Esse mesmo estudo ainda nos presenteia com importantes reflexões que podem seguir reverberando sobre a importância do professor do atendimento educacional especializado

[...] compreendeu-se a importância de conhecer melhor os professores que atuaram na Sala de Recursos durante o modelo de ensino emergencial no ano de 2020 para compreender como aconteceram as relações entre professores da Sala de Recursos, Famílias, estudantes público-alvo da Educação Especial, professores do ensino comum e equipe gestora. Entendeu-se que as orientações gerais do Parecer CNE/CP n.º 5/2020 expressaram aspectos gerais de como realizar o ensino não presencial para os estudantes[...] mas que a estruturação para a continuidade das atividades escolares ficou sob a responsabilidade das escolas, mais precisamente dos professores (Lima, 2022, p.76).

Ainda sobre o estudo de Lima (2022) em sua análise de dados, os docentes do atendimento educacional especializado afirmaram “[...] que as propostas para o trabalho no ensino não presencial não diferiram das funções que realizavam no ensino presencial” (Lima, 2022, p.104). Acredito que a confirmação vá no sentido do conteúdo das propostas, pois a abordagem e as intervenções não presenciais foram extremamente afetadas, ou seja, embora alguns docentes tenham seguido o seu plano de atendimento, a modalidade imposta pela pandemia trouxe uma nova realidade ao contexto de escolarização. Além disso, foram identificadas, nesse estudo, várias outras carências que afetaram o processo de ensino e aprendizagem. “Identificou-se que a carência de recursos para organização e elaboração (de atividades que contemplassem a necessidade do estudante público-alvo da Educação Especial[...])” (Lima, 2022, p.105).

Até hoje, já estando no terceiro ano de retorno presencial obrigatória a todos os estudantes, ainda presenciemos, no cotidiano, efeitos da pandemia na escolarização dos estudantes em função da dificuldade de acesso de muitos, pois “[...] o ensino mostrou-se ineficiente, pois não representou uma alternativa para o trabalho dos professores das Salas de Recursos. Entende-se que as ações que conseguiram desenvolver foram sobretudo advindas dos esforços dos professores” (Lima, 2022, p.105).

Em resumo, as ações docentes inclusivas durante a pandemia foram caracterizadas por flexibilizações, empatia e esforços para garantir que todos os estudantes tivessem a oportunidade de continuar seu processo de aprendizado, independentemente das circunstâncias desafiadoras. Essas ações variaram de acordo com as necessidades individuais dos estudantes e destacaram a importância da inclusão em todos os espaços e tempos como um princípio fundamental da educação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Suelen Priscila Ferreira. **Política de educação especial em tempos de pandemia da covid-19 (2020)**. 2022. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Educação do Indivíduo Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16461>. Acesso em: fev. 2023.
- AMORIM, Annibal Coelho de *et al.* Sobre o viver em uma cidade capacitista: antes, durante e depois da pandemia da COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. [s.l.], v. 27, n. 01, pp. 49-56. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19842021>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19842021>. Acesso em abril de 2013.
- ASSIS, A. E. S. Q.. (2021). Educação e pandemia: outras ou refinadas formas de exclusão. **Educação Em Revista**, [s.l.], 37 (Educ. rev., 2021 37). <https://doi.org/10.1590/0102-469825112>. Acesso em abril de 2023.
- BAGATINI, B. **Covid 19: impactos na oportunidade de participação em lazer de crianças com paralisia cerebral**. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Educação do Indivíduo Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14175>. Acesso em: fev. 2023.
- BARBOSA, Lucas de Araújo; ANJOS, Ana Beatriz Leite dos; AZONI, Cíntia Alves Salgado. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. **Codas**, [s.l.], v. 34, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373>. Acesso em: fev. 2023.
- BATESON, Gregory. **Mente e natureza**. Tradução de Cláudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: fev. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional da Educação. **Parecer CNE/CPN no 6/2021**. Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, [2017.]. [Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 15 jan. 2024» <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>
- BRASIL. Ministério da Educação. **PARECER CNE/CP Nº: 11/2020**. Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e

Não Presenciais no contexto da pandemia. Aprovado em: 07/07/2020. Disponível em:

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN112020.pdf?query=BNCC%20EI%20EF. Acesso em: 11 de outubro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARECER CNE/CP Nº: 15/2020**. Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Aprovado em: 06/10/2020. Disponível em:

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN152020.pdf?query=2020. Acesso em: 11 de outubro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARECER CNE/CP Nº: 16/2020**. Reexame do item 8 (orientações para o atendimento ao público da Educação Especial) do Parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020, que trata de Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da pandemia. Aprovado em: 09/10/2020. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=165251-pcp016-20&category_slug=novembro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 11 de outubro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia de COVID-19. Aprovado em: 28/04/2020. Disponível em:

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECPN52020.pdf. Acesso em: 11 de outubro de 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP. Brasília: 2009.

BUENO, Melina Brandt.; LEITE, Graciliana Garcia.; VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Enicéia Gonçalves. Ensino remoto para estudantes do público-alvo da educação especial nos institutos federais. **Educação em Revista**, [s.l.], v. 38, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469833814>. Acesso em: fev. 2023.

BUTLER, Judith. *et al.* **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [s.l.], 2020. 188 p. Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>. Acesso em: fev. 2023.

CAMIZÃO, Amanda Costa.; CONDE, Patrícia Santos.; VICTOR, Sonia Lopes. (2021). A implementação do ensino remoto na pandemia: qual o lugar da educação especial?. **Educação E Pesquisa**, [s.l.], 47 (Educ. Pesqui., 2021 47).

<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147245165>. Acesso em abril de 2023.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996. 256p. Original inglês.

CARVALHO, Bianca Retes.; FINAMORI, Sabrina Deise. As temporalidades do cuidado: autismo, parentesco e pandemia. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 28, n. 64, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000300007>. Acesso em: fev. 2023.

CORREA, Rosimere da Rosa. **Professoras inumeráveis: a educação inclusiva no revés da pandemia**. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249161>. Acesso em: fev. 2023.

COSTA, A. B. da., PICHARILLO, A. D. M., & ELIAS, N. C.. (2023). Efeitos da Pandemia de Covid-19 na Educação de Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira De Educação Especial**, [s.l.], 29, e0226. <https://doi.org/10.1590/1980-54702023v29e0226>

CUNHA, Suenia Roberta Ferreira de Carvalho. **Processos avaliativos em uma classe do ensino fundamental e no atendimento educacional especializado durante a pandemia**. 2021. undefined f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23323?locale=pt_BR. Acesso em: fev. 2023.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, Salamanca-Espanha, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIAS, É.; RAMOS, M. N. (2022). **A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação**, [s.l.], 30(117), 859–870. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362022004000001>

ESPER, Marcos Venício; ARAÚJO, Jeferson Santos; SANTOS, Manoel Antônio dos; NASCIMENTO, Lucila Castanheira (2022). **Atuação do Professor de Educação Especial no Cenário da Pandemia de Covid-19**. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 28 (Rev. bras. educ. espec., 2022 28). <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0092>. Acesso em: fev. 2023.

GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento.; SILVA, Raquel Souza.; MENEZES, Edênia da Cunha.; SANTANA, João Rafael Santos.; TEIXEIRA, Clayne Mirelle Pereira. **Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 24, n.3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p618.8>. Acesso em: fev. 2023.

JUNIOR, Alberto Mota Barbosa. **O Desenho Universal para Aprendizagem e o ensino remoto de Produtos Notáveis em uma aula inclusiva**. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Anhanguera, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/38674>. Acesso em: fev. 2023. Acesso em abril de 2023.

LIMA, Alyne Cristine Domene Martins de. **O trabalho do professor de sala de recursos multifuncional e o ensino não presencial no Brasil (2020)**. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Educação do Indivíduo Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022: Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16469>. Acesso em: fev.2023.

LIMA, Isabela Barreiros Pinheiro.; ANGELO, Rita di Cássia de Oliveira. (2022). **Percepção do professor do atendimento educacional especializado sobre as características clínicas do transtorno do espectro do autismo e sua influência na aprendizagem**. SciELO Preprints. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4499>. Acesso em: fev. 2023.

LIMA, Placiano Viana de; NOVATO, Tiago da Silva e CARVALHO, Marcos Pavani de. **Desafios e Medidas de Enfrentamento na Educação dos Surdos e Deficientes Auditivos em Tempos de Pandemia**. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2022, vol.28, e0055. Epub 09-Nov-2022. ISSN 1980-5470. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0055>. Acesso em abril de 2023.

LOCKMANN, Kamila; KLEIN, Rejane Ramos. **Processos de in/exclusão de alunos com deficiência em tempos de sindemia covídica**. *Ciência & Educação, Bauru, v.28, 2022*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320220048>. Acesso em: fev. 2023.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**, disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: mai. 2022.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEIRIEU, P. **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELO, Douglas Christian Ferrari de., SIQUEIRA, Priscila Carminati., MACIEL, Ethel Leonor Noia., DELCARRO, Jessica Cristina Silva., ROBAINA, Igor Martins Medeiros, Pablo Medeiros, JUNIOR, Etereldes GonCalves, ZANDONADE, Eliana. (2022). **Pessoas com Deficiência e COVID-19 no estado do Espírito Santo, Brasil: entre a invisibilidade e a falta de Políticas Públicas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(Ciênc. saúde coletiva, 2022 27(11)). <https://doi.org/10.1590/1413-812320222711.08232022>. Acesso em maio de 2023.

MOREIRA, F. D. dos S. Ensinando Conceitos sobre a Pandemia com Símbolos Tangíveis. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0013>. Acesso em: fev. 2023.

MORIN, E. **É hora de mudar de via: lições do coronavírus**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PAGAIME, Adriana; KUMADA, Kate Mamhy Oliveira; DRAGO, Silvana Lucena dos Santos; PRIETO, Rosângela Gavioli; MELO, Douglas Christian Ferrari de; ARTES, Amélia (2022). **Educação especial na pandemia: estratégias e desafios no ensino fundamental**. *Cadernos De Pesquisa*, 52, e09665. <https://doi.org/10.1590/198053149665>. Acesso em abril de 2023.

PALAVISSINI, Clarice Fabiano Costa. **Perspectivas e estratégias realizadas por docentes durante a pandemia de covid-19 no atendimento educacional especializado de estudantes surdos**. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6094>. Acesso em: fev. 2023.

PELLANDA, N. M. C. **Maturana e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ROSA, Alexsandra dos Santos. **Aprendizagem docente em tempos de pandemia: a produção de práticas pedagógicas em educação especial'** 15/12/2022 165 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central. Acesso em: jul.2023.

ROSA, Maiandra Pavanello da. **Práticas pedagógicas articuladas entre ensino comum e educação especial: possibilidade de acesso ao currículo**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). 2022

SALDANHA, Jorge Henrique Santos.; PEREIRA, Ana Paula Medeiros.; SANTOS, Amanda Oliveira Costa dos; MIRANDA, Beatriz Santos.; CARVALHO, Hercília Kayla Santos de.; NASCIMENTO, Lilia Campos.; AMARAL, Mariana Santos.; MACEDO, Mariana Silva.; CATRINI, Catrini.; ALMEIDA, Maria Cordeiro de Almeida. **Pessoas com deficiência na pandemia da COVID-19: garantia de direitos fundamentais e equidade no cuidado**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00291720>. Acesso em: fev. 2023.

SANTOS, RENATA ARAUJO DOS. **Desafios dos professores com o público-alvo da educação especial na pandemia da Covid-19'** 30/03/2023 88 f. Mestrado em **Psicologia do Desenvolvimento E Aprendizagem** Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (BAURU), Bauru Biblioteca Depositária: Repositório Institucional UNESP.UNESCO. Comissão Internacional

sobre os Futuros da Educação. Reimaginar nosso futuro juntos: um novo contrato social para a educação. Brasília, DF, 2022. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115> Acesso em: 15 set. 2023.
» <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>

SANTOS. Boa Ventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almeida, 2020.

SILVA, Mayara Costa da. **Conhecer o conhecer na formação de professores em educação especial no Brasil: tendências e desafios** (Tese – 2020). 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216873> Acesso em: jun. 2023.

STEIN, Daniela Von. **Reflexões de uma experiência com uso da ferramenta classroom para atendimento dos alunos na sala de recursos multifuncionais no período de isolamento social ocasionado pela pandemia covid-19**. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias) – Universidade Pitágoras UNOPAR, Londrina. 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10694998. Acesso em: fev. 2023.

TAVARES, Douglas Brum. **A experiência pedagógica e a transformação do cotidiano docente ocasionado pela Pandemia da COVID – 19** 22/09/2022 89 f. Mestrado Profissional em Educação Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, Bagé Biblioteca Depositária: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/rii/7796>. Acesso em abril de 2023.

TONOCCHI, Monica Diva Barddal. **A sala de aula na sala de estar – as percepções da criança e sua família nos processos de inclusão e aprendizagem, em tempos de pandemia do Covid 19**. 2021. 139 f. Mestrado Profissional em Gestão Educacional. – Universidade do Rio dos Sinos, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10675>. Acesso em: fev. 2023.

VALE, P. R. L. F. do; SILVA, E. S. da; COSTA, J. S. P.; CARVALHO, R. C. de; CARVALHO, E. S. de S. Repercussões da pandemia da COVID-19 em mães-crianças com síndrome congênita do Zika. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO03123>. Acesso em: fev. 2023.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 10. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2013.

VEIGA -NETO, A.. (2020). **Mais uma Lição: sindemia covídica e educação**. *Educação & Realidade*, 45 (4), e109337. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109337>

VERZTMAN, J.; ROMÃO-DIAS, D. (2020). Catástrofe, luto e esperança: o trabalho VERZTMAN, J.; ROMÃO-DIAS, D. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 11 ed. Campinas: Papirus, 2018.

VERZTMAN, J.; ROMÃO-DIAS, D. (2020). Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 23 (2), 269-290. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>.

ZANDONADE, Eliana. (2022). **Pessoas com Deficiência e COVID-19 no estado do Espírito Santo, Brasil: entre a invisibilidade e a falta de Políticas Públicas.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(Ciênc. saúde coletiva, 2022 27(11)). <https://doi.org/10.1590/1413-812320222711.08232022>. Acesso em maio de 2023.

ZIZEK, S. *et al.* **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.** 2020. 188 p. Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>. Acesso em: fev. 2023. Acesso em janeiro de 2023.

APÊNDICE A: DISSERTAÇÕES CAPES

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>ALVES, SUELEN PRISCILA FERREIRA. POLÍTICA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 (2020)' 24/06/2022 171 f. Mestrado em EDUCAÇÃO ESPECIAL (EDUCAÇÃO DO INDIVÍDUO ESPECIAL) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: Repositório Institucional da UFSCar: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16461</p>	<p>Políticas de Educação Especial, contexto social, político econômico em tempos de pandemia.</p>	<p>Objetivo geral analisar as políticas de Educação Especial no Brasil em face das alterações justificadas pela vigência da pandemia da COVID-19 (2020). E objetivos específicos: a. Analisar o contexto social, político e econômico do Brasil em tempos de pandemia da COVID-19; b. Caracterizar as alterações propostas à educação especial no período investigado; c. Expor os argumentos de formulação de consensos apresentados por grupos que disputam as políticas de Educação Especial no Brasil.</p>	<p>Gramsci (1999 e 2017) Ferraro (2012) Paulo Netto (2011)</p>	<p>Pesquisa amparada no Materialismo Histórico-Dialético tem como procedimento metodológico a análise documental. A coleta de dados foi realizada no site do Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Todos Pela Educação e Instituto Rodrigo Mendes. Os documentos oficiais foram salvos em pastas e a busca detalhada foi descrita em um documento do Word. O software Iramuteq foi utilizado como apoio para o processamento dos dados. Foi realizada uma análise do discurso por meio da categoria de Estado Integral a partir de Antonio Gramsci. Foram analisados os seguintes documento: Parecer CNE/CP nº 5/2020; Parecer CNE/CP nº 11/2020; Parecer CNE/CP nº 15/2020; Parecer CNE/CP nº 16/2020; Decreto nº 10.502; Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19: um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais; Nota técnica: o retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da COVID-19; Nota técnica: ensino a distância na educação básica frente à pandemia da COVID-19.</p>	<p>Os resultados da análise apontam para ampliação das possibilidades de privatização da Educação Especial, ampliação da Educação a Distância, envolvimento dos aparelhos privados de hegemonia e empresas na formulação das políticas, proposta de formação de professores para competências socioemocionais e ensino híbrido, proposta de educação reduzida a atividades e distante de uma perspectiva de humanização, ampliação da desigualdade escolar e da exclusão de estudantes com deficiência. Os resultados apontaram que as políticas propostas para Educação Especial neste período de 2020, este de pandemia, não inovam em relação ao que já era proposto, no entanto, aprofunda relações históricas da área como a privatização e segregação dos estudantes atendidos por essa política. Condições que apontam a necessidade da luta pela escola pública.</p>

Autor/ano Título/link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>LIMA, ALYNE CRISTINE DOMENE MARTINS DE. O TRABALHO DO PROFESSOR DE SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL E O ENSINO NÃO PRESENCIAL NO BRASIL (2020) 31/05/2022 135 f. Mestrado em EDUCAÇÃO ESPECIAL (EDUCAÇÃO DO INDIVÍDUO ESPECIAL) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: Biblioteca Comunitária da UFSCar: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16469</p>	<p>Funcionamento do trabalho do professor da Sala de Recursos, documentos nacionais e direcionamentos externos que nortearam o ensino não presencial.</p>	<p>Objetivo geral: identificar e analisar a organização e o funcionamento do trabalho do professor da Sala de Recursos na Educação Básica do sistema público brasileiro no ano de 2020. E como objetivos específicos:</p> <p>a) identificar e analisar documentos oficiais nacionais e direcionamentos externos que nortearam o ensino não presencial neste ano;</p> <p>b) caracterizar as</p>	<p>Não informado</p>	<p>A presente pesquisa, de caráter qualitativo, caracteriza-se como um estudo descritivo. A coleta de dados deu-se a partir de um questionário on-line com perguntas abertas e fechadas. A partir da participação de 55 professores da Sala de Recursos que atuaram no ensino não presencial no ano de 2020, foi possível identificar três eixos de análise: 1) planejamento e recursos digitais–formação para o ensino não presencial; 2) o contato com os estudantes: a participação da família; 3) a articulação do trabalho do professor da Sala de Recursos junto aos professores do ensino comum e gestão escolar.</p>	<p>Os resultados desse estudo mostraram que a carência de recursos, a falta de acesso à rede de internet e de formação para a utilização desses recursos, por parte dos professores e das famílias dos estudantes elegíveis da Educação Especial, caracterizaram-se como fatores que desfavoreceram o desenvolvimento do trabalho do professor na Sala de Recursos. Os resultados também evidenciaram que a articulação com as famílias (apoio) e com os professores do ensino comum contribuíram expressivamente para o trabalho do professor da Sala de Recursos no modelo emergencial de ensino.</p>

		<p>propostas para o trabalho do professor da Sala de Recursos no ensino não presencial; c) indicar e analisar a proposta do ensino não presencial, no ano de 2020, na prática pedagógica dos professores da Sala de Recursos.</p>			
--	--	---	--	--	--

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>PALAVISSINI, CLARICE FABIANO Costa. Perspectivas e estratégias realizadas por docentes durante a pandemia de covid-19 no atendimento educacional especializado de estudantes surdos' 07/05/2022 124 f. Mestrado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Cascavel Biblioteca Depositária: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6094</p>	<p>Estratégias docentes acerca da educação bilíngue de alunos surdos</p>	<p>Analisar as perspectivas e estratégias docentes acerca da educação bilíngue de alunos surdos, no contraturno, ofertada por professores do Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), no período pandêmico de Covid-19, no momento de migração para o Ensino Remoto Emergencial (ERE).</p>	<p>Vygotsky</p>	<p>Pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, propõe-se a analisar as perspectivas e estratégias docentes acerca da educação bilíngue de alunos surdos, no contraturno, ofertada por professores do Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), no período pandêmico de Covid-19, no momento de migração para o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Refletindo a respeito da surdez de escolares, emerge a dicotomia educação e saúde, suscitando questões não pacificadas sobre essa reciprocidade. Para contribuir com esse debate, amparados na literatura vigente, apresenta-se para refletir como as tecnologias se incorporam nesse cenário dicotômico. Nessa lógica, este estudo se ocupou em analisar as estratégias utilizadas no atendimento educacional especializado bilíngue, bem como as perspectivas docentes dos profissionais do CAS municipal, de Cascavel, no estado do Paraná. A revisão narrativa da literatura contribuiu para a fundamentação teórica do estudo e para estabelecer o estado da arte sobre o tópico em relevo. Nessa revisão, não se buscou esgotar as fontes de informações ou aplicar estratégias de busca sofisticadas e exaustivas</p>	<p>A investigação evidencia progressos na qualidade de vida das pessoas surdas, seja da área clínica (material/ instrumental), seja da área educacional (estratégico/ pedagógico), paralelos ao avanço das tecnologias. A revisão da literatura auxiliou compreender que os alunos do CAS ingressam no apoio ainda em fase de aquisição da Língua de Sinais (LS), somando essa atribuição ao aprendizado escolar. O trabalho desenvolvido no CAS se apresenta acertado para assistir aos alunos surdos em concomitância com a escola para solidificar a apropriação de conhecimentos. A adequação da LS na ampliação cognitiva do aluno surdo, asso-ciada à utilização de materiais adaptados ao processo de alfabetização e letramento, parece articulada com as políticas públicas de educação de surdos. Nesse sentido, tão logo o diagnóstico da surdez infantil seja revelado, independentemente do acesso que a criança surda tenha às novas tecnologias, entendemos acertado que os pais recebam instruções qualificadas para estimular o uso da LS aos filhos surdos, dando-lhes a oportunidade de construir um saber linguístico no tempo apropriado, mitigando atrasos educacionais costumeiramente observados nas crianças surdas. Observa-se ser propício um repensar sobre as diferenças linguísticas, sociais, culturais e econômicas que possam interferir na vida escolar de crianças surdas e suas famílias.</p>

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>CORREA, ROSIMERE DA ROSA. Professoras Inumeráveis: A Educação Inclusiva no Revés da Pandemia' 16/02/2022 102 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL UFRGS</p>	<p>Medidas tomadas por professoras do AEE para assegurar acesso à Educação Especial no período pandêmico.</p>	<p>Conhecer e compreender medidas tomadas por professoras do AEE para assegurar acesso à Educação Especial.</p>	<p>Edson Pavoni</p>	<p>A escolha metodológica foi a de um estudo de caso, abrangendo a totalidade de professores do AEE de um município. Como na cartografia, não se tratou de uma pesquisa de representação, mas de sensações. A pesquisa delineou, então, paisagens: o "estado da arte" (perfil da informação científica, conceitual e tecnológica publicada no Brasil), conversações iniciais (na forma de um formulário eletrônico para aqueles que estavam em casa, com perguntas exploratórias abertas, livres à narrativa), encontro on-line na forma de roda de conversa, a escrita de excertos narrativos e de narrativas com origem na "vontade de contar" das professoras (uma sensação, um aprendizado, uma confiança). O relatório de pesquisa foi um organizador de informações,</p>	<p>Foram detectados três grandes acidentes na paisagem psicossocial educativa em Educação Especial: solidão e superação individual das professoras; risco e exposição à saúde mental dos alunos; e perdas e ganhos: os esperados e os inesperados da Educação Especial em meio à pandemia. O ensino mediado por tecnologias foi interpretado às vezes como "a grande preocupação"; às vezes, "a grande salvação"; e, às vezes, "o despertar de interesses para práticas pedagógicas inéditas". Com o desafio de um "conta pra nós", chegou-se ao final apresentando memórias de professoras com projetos de vida na Educação Especial. Os acidentes psicossociais da paisagem traçaram uma cartografia que já se desmanchou ao escrever a dissertação. É apenas como cartografia que esta dissertação porta seu valor.</p>

				trazendo paisagens: da educação inclusiva e do atendimento educacional especializado em meio à pandemia, tomando o cenário de uma cidade	
--	--	--	--	--	--

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>BAGATINI, BEATRIZ. COVID 19: IMPACTOS NA OPORTUNIDADE DE PARTICIPAÇÃO EM LAZER DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL' 26/02/2021 106 f. Mestrado em EDUCAÇÃO ESPECIAL (EDUCAÇÃO DO INDIVÍDUO ESPECIAL) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: Biblioteca Comunitária da UFSCar:https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14175</p>	<p>Impactos no lazer de crianças com paralisia cerebral antes e durante o período de isolamento social</p>	<p>Comparar as atividades de lazer de crianças com paralisia cerebral antes e durante o período de isolamento social, através de objetivos específicos: a) mapear as atividades de lazer de crianças com paralisia cerebral antes e depois da pandemia da Covid-19; b) identificar a participação das crianças com paralisia cerebral em atividades de lazer; c) identificar possíveis mudanças na rotina das crianças com paralisia cerebral causadas pelo isolamento social.</p>	<p>Marcelino e CIF</p>	<p>Participaram do estudo três mães/responsáveis de crianças com paralisia cerebral, com idades de 33 a 70 anos, que já haviam se envolvido em estudo realizado em 2018, para o qual responderam uma entrevista, o questionário PEM-CY e o PEDI. Com exceção do PEDI, todos os instrumentos foram reaplicados em 2020, com adaptações e, ainda, com acréscimo de um questionário socioeconômico. O método se caracterizou como descritivo longitudinal, os dados das entrevistas foram analisados a partir da análise temática do conteúdo e os instrumentos seguiram suas próprias instruções. Obteve-se das entrevistas duas classificações iniciais, derivando em 13 núcleos de sentido até alcançar 14 temas apresentados e discutidos.</p>	<p>Os resultados indicaram que as crianças com paralisia cerebral tiveram alterações nas atividades de lazer, participação e rotina devido à pandemia da Covid-19. Tiveram as atividades comunitárias prejudicadas; nas atividades em domicílio, não houve diferença antes e durante o isolamento social, no entanto, as crianças passaram mais tempo em casa e sentiram falta de frequentar a escola e da diversão que o espaço oferece. A pandemia também acarretou mudanças na rotina, alteração de humor e convivência familiar. Com isso, o estudo conclui que a pandemia da Covid-19 impactou nas atividades de lazer de crianças com paralisia cerebral também em outros aspectos da rotina a convivência social além da condição de saúde física em si. Pode-se concluir que os impactos do isolamento social foram significativos para as crianças do estudo, o que requer atenção tendo em vista as oportunidades na área de lazer que as crianças com PC têm em comparação às crianças com desenvolvimento típico.</p>

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>TONOCCHI, MONICA DIVA BARDDAL. A SALA DE AULA NA SALA DE ESTAR – As percepções da criança e sua família nos processos de inclusão e aprendizagem, em tempos de pandemia do Covid 19 ' 15/09/2021 139 f. Mestrado Profissional em Gestão Educacional Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: UNISINOS</p>	<p>Aprendizagens construídas num contexto de inclusão em tempos de pandemia, considerando as potencialidades e dificuldades de cada sujeito.</p>	<p>Analisar, a partir da perspectiva das crianças e suas famílias, quais as aprendizagens construídas num contexto de inclusão em tempos de pandemia, considerando as potencialidades e dificuldades de cada sujeito.</p>	<p>Carvalho, Kassar, Lopes, Klein, Pacheco, Vygotsky, Lima, Macedo.</p>	<p>Para coleta de dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas com doze sujeitos, entre eles foram cinco crianças com deficiência e seus pais (sete adultos).</p>	<p>Os resultados mostram que as famílias foram fortemente impactadas com a mudança de rotina imposta pela pandemia, expondo as dificuldades de pais, filhos e escola no processo de inclusão e aprendizagem, pois enquanto os primeiros não sabiam como ajudar, ao mesmo tempo percebiam as dificuldades apresentadas pelos seus filhos em comparação com os colegas de turma, enquanto a escola ainda está na busca de uma inclusão efetiva. Essa dificuldade dos pais evidenciou a importância da parceria família escola, pois a troca entre o que os pais conhecem de seus filhos, só tem a contribuir para a aprendizagem das crianças na escola. Assim, a presente pesquisa apresenta como projeto de intervenção um espaço de escuta entre famílias com filhos com deficiência, aprimorando a relação família/escola, contribuindo para as aprendizagens dos estudantes. Por fim, esse estudo faz uma reflexão sobre o impacto da pandemia na rotina das famílias e da escola, mostrando o quanto esse período foi importante para que pudéssemos nos rever enquanto comunidade educativa na relação com a inclusão.</p>

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>CUNHA, SUENIA ROBERTA FERREIRA DE CARVALHO. PROCESSOS AVALIATIVOS EM UMA CLASSE DO ENSINO FUNDAMENTAL E NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DURANTE A PANDEMIA' 16/12/2021 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: undefined</p>	<p>Atuação dos professores do Atendimento Educacional Especializado e do ensino comum quanto ao processo avaliativo do aluno público-alvo da Educação Especial no modelo de ensino remoto.</p>	<p>Analisar as concepções e a atuação dos professores do Atendimento Educacional Especializado e do ensino comum quanto ao processo avaliativo do aluno público-alvo da Educação Especial no modelo de ensino remoto.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>A pesquisa consistiu em um Estudo de Caso, com uma abordagem qualitativa, realizada com duas professoras, uma do ensino comum e a outra do atendimento educacional especializado, de uma escola pública municipal de uma cidade de grande porte do Estado da Paraíba. Os dados foram coletados por meio de observações realizadas no grupo de WhatsApp de uma turma de 5º ano, por trocas de mensagens, ligações telefônicas e entrevista semi-estruturada com as participantes. Para tratar os dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo, a qual possibilitou elementos para a discussão e a construção das categorias de análises, viabilizando apreciação das mensagens das professoras por meio dos discursos sobre o processo avaliativo dos alunos público-alvo da Educação Especial.</p>	<p>Os resultados revelaram percalços e desafios tanto para as professoras quanto para os alunos devido à falta de acesso tecnológico e suporte por parte da família, ocasionando implicações ao processo avaliativo dos alunos. Os dados ainda denotaram que, mesmo em um cenário de ensino remoto, a parceria entre as duas professoras se restringiu em comunicações pontuais, trocas de ideias acerca da construção de atividades para os alunos, evidenciando, assim, a não existência de perspectivas de um ensino colaborativo consistente que englobasse planejamento, estratégias, formas de avaliação e flexibilização curricular. Da mesma forma, percebeu-se que, apesar de o ensino remoto trazer à tona várias dificuldades e vulnerabilidades, as concepções das professoras são limitadas e restritas ao modelo médico acerca da deficiência, o que gera estereótipos e restrições para a formação de elementos que flexibilizem o currículo, ações e avaliações à aprendizagem dos alunos público-alvo da Educação Especial. Partindo das ponderações apresentadas, faz-se necessário refletir sobre a implementação de debates referentes às práticas avaliativas inclusivas, com o intuito de romper com concepções avaliativas vinculadas ao viés médico e à mensuração do conhecimento. Além disso, propõe-se a adoção do ensino colaborativo entre as professoras do ensino comum e do atendimento educacional especializado, com o intuito de promover práticas inclusivas, independente do cenário escolar, remoto ou presencial.</p>

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia instrumentos	Principais resultados
<p>JUNIOR, ALBERTO MOTA BARBOSA. O Desenho Universal para Aprendizagem e o ensino remoto de Produtos Notáveis em uma aula inclusiva' 24/03/2021 155 f. Mestrado em EDUCAÇÃO MATEMÁTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/38674</p>	<p>Desenho Universal da Aprendizagem em e o ensino remoto</p>	<p>Descrever a percepção de uma professora que atua em sala de aula inclusiva sobre a inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de Matemática e o papel do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) nesse processo, e identificar as contribuições da aplicação das diretrizes do DUA para o ensino em uma aula sobre Produtos Notáveis para um aluno com deficiência visual.</p>	<p>UTSUMI; CAZORLA; VENDRAMINI; MENDES, 2007,</p>	<p>Seguiram-se três etapas: fundamentação teórica e revisão bibliográfica; intervenção, dividida em quatro fases; e análise dos dados. Parte-se do pressuposto de que ensinar cegos exige constantes mudanças, que devem incluir posturas pedagógicas adequadas; o DUA pode ser utilizado para essa finalidade, criando oportunidades para o desenvolvimento de estratégias acessíveis a todos os discentes dentro de uma sala de aula. Considerando a possibilidade de o DUA ser empregado no ensino remoto de Produtos Notáveis em uma aula inclusiva, procura-se responder à seguinte questão: quais são as contribuições do DUA na atuação de uma professora ao ensinar Produtos Notáveis a um aluno com deficiência visual? No</p>	<p>Algumas diretrizes do DUA foram contempladas na proposta da professora; porém, as contribuições desse modelo foram poucas, já que sua aplicação foi muito fragilizada, principalmente devido à pandemia. Considera-se que os objetivos do estudo foram atingidos em sua totalidade, mesmo que as contribuições da aplicação do DUA tenham ficado aquém das expectativas. Vislumbra-se que os resultados obtidos nesta investigação se-jam um ponto de partida importante para futuras pesquisas. Mostrou-se, ainda, a relevância do conhecimento sobre o DUA para os professores, de forma a proporcionar avanços na prática docente dentro da perspectiva da inclusão escolar.</p>

				<p>desenvolvimento do estudo, parte-se da visão da Educação Especial e Inclusiva baseada nos Direitos Humanos, na igualdade e nas diferenças como princípios inseparáveis. Participou do estudo uma professora que atua na Educação Básica, possui experiência em ensinar alunos do público-alvo da Educação Especial e tinha um aluno com deficiência visual em uma de suas turmas. No tocante à coleta de dados, utilizaram-se diferentes instrumentos, entre eles: um questionário inicial e outro final, o plano da aula, a videoaula e o áudio disponibilizado pela docente.</p>	
--	--	--	--	---	--

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>ROSA, ALEXSANDRA DOS SANTOS. APRENDIZAGEM DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: A PRODUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL' 15/12/2022 165 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central</p>	<p>Efeitos do ensino remoto nas práticas pedagógicas do professor de educação especial durante a pandemia da Covid-19</p>	<p>Compreender os efeitos do ensino remoto nas práticas pedagógicas do professor de educação especial durante a pandemia da Covid-19, considerando o período de distanciamento social e o retorno ao ensino presencial.</p>	<p>Morin (2000, 2021), Santos (2020), Freire (1978a, 1978b, 1983, 1996, 2016), Tardif (2002), Meirieu (1998, 2002, 2005), Capellini; Zanata; Pereira (2008), Capellini; Zerbato (2019), Nóvoa (1991, 1995, 2020, 2022), Moran (2010).</p>	<p>Trata-se de Pesquisa qualitativa de cunho descritiva: os dados foram produzidos em entrevistas semiestruturadas. Fizeram parte da pesquisa dez professores de educação especial da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria, que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A produção analítica do material empírico foi a análise de conteúdo de Bardin (2016). A análise foi realizada a partir de quatro categorias: Desafios na prática pedagógica: do ensino remoto à presencialidade; AEE, Ensino Comum e Família: Ações Colaborativas; O Atendimento Educacional Especializado no ensino remoto emergencial: recursos e estratégias necessárias para composição da prática; e Processos reflexivos sobre a prática pedagógica.</p>	<p>Constatou-se que os desafios no ERE estiveram ligados: à dimensão de acesso aos recursos tecnológicos, à imperícia para uso destas ferramentas e em acompanhar a trajetória de aprendizagem do aluno; no retorno presencial o desafio foi o aluno retomar a rotina escolar; as ações colaborativas que houveram no ensino remoto, entre o AEE e professor da sala comum não se consolidaram no retorno presencial; o apoio mútuo, que houve no ensino remoto entre o AEE e as famílias, se mantiveram no retorno das atividades presenciais; foi consenso que as tecnologias, enquanto ferramentas de ensino, podem agregar significativamente ao processo de aprendizagem, neste aspecto, declararam que pretendem acessá-las com mais regularidade à sua prática pedagógica.</p>

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>SANTOS, RENATA ARAUJOS. DESAFIOS DOS PROFESSORES COM O PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PANDEMIA DA COVID-19' 30/03/2023 88 f. Mestrado em PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (BAURU), Bauru Biblioteca Depositária: Repositório Institucional UNESP</p>	<p>Processos de aprendizagem do PAEE no ensino remoto e desafios dos professores</p>	<p>identificar a percepção dos professores, da educação infantil ao ensino médio, sobre o processo de ensino-aprendizagem do PAEE, no ensino remoto, durante a pandemia da COVID-19. Especificamente, pretendeu-se examinar os conhecimentos e a formação dos professores sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC); identificar o planejamento e adaptações feitas pelos professores, com o PAEE, antes da pandemia e no decorrer do ensino remoto emergencial; e detectar as facilidades, dificuldades e desafios do ensino remoto emergencial, em relação ao PAEE.</p>	<p>Não informados</p>	<p>A pesquisa caracterizou-se como quanti-qualitativa e contou com 108 professores das redes pública e particular que atuaram com estudantes do PAEE, na modalidade do ensino remoto, durante o período pandêmico. Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário on-line. Os dados obtidos foram analisados com base em categorias temáticas e nos pressupostos da análise de conteúdo.</p>	<p>Os resultados nos mostraram que os professores conseguiram se adaptar, de diversas formas, aprendendo a utilizar as TDIC e adotando outros recursos, como materiais impressos, para ajudar na aprendizagem de seus estudantes. Percebeu-se, também que os professores acabaram desenvolvendo e criando seus próprios materiais e recursos pedagógicos, a fim de tentar atingir todos os estudantes, porém, a falta de acompanhamento dos pais nas atividades escolares e a dificuldade de avaliar o processo de ensino-aprendizagem foram dificultadores apontados por eles. Espera-se, com os resultados, contribuir para a elaboração de propostas futuras, no âmbito da formação de professores, tecnologias digitais e educação inclusiva.</p>

utor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>STEIN, DANIELA VON. REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA COM USO DA FERRAMENTA CLASSROOM PARA ATENDIMENTO DOS ALUNOS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS NO PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL OCACIONADO PELA PANDEMIA COVID-19' 10/03/2021 106 f. Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PITÁGORAS UNOPAR, Londrina Biblioteca Depositária: UNOPAR</p>	<p>Percepções dos docentes, dos alunos da SRM e de seus pais (responsáveis) em relação à experiência de realizar atividades online durante o período de distanciamento do espaço físico da escola, professor e colegas.</p>	<p>Analisar as percepções dos docentes, dos alunos da SRM e de seus pais (responsáveis) em relação à experiência de realizar atividades online durante o período de distanciamento do espaço físico da escola, professor e colegas.</p>	<p>Não informados</p>	<p>O presente trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa, um estudo de caso, apresentado ao Programa de Mestrado em Metodologias para o ensino de Linguagens e suas Tecnologias – Pitágoras Unopar. O estudo partiu de uma situação em que o sistema educacional precisou se adaptar em razão do isolamento social e do distanciamento, impostos pela pandemia da Covid-19. Assim, instituições de ensino de todos os níveis precisaram se adequar às aulas remotas, inclusive os atendimentos especializados aos alunos com necessidades educacionais especiais. Diante desta situação, surgiram os seguintes questionamentos: Como os alunos realizaram as atividades sem o apoio presencial do professor? Os alunos tinham hábitos que envolviam o uso de tecnologias digitais em ambientes virtuais de aprendizagem? Quais as percepções dos alunos, de seus responsáveis e do professor da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), sobre a realização das atividades remotas deste período? Para análise qualitativa dos dados foram elaborados três eixos, sendo eles: a) Conhecendo os hábitos digitais dos alunos da SRM por meio da ficha de interesse social; b) Relato do atendimento remoto e o uso de outras tecnologias para auxiliar na realização das atividades com os alunos; c) O que pensam pais e alunos sobre as atividades remotas realizadas no período de isolamento social.</p>	<p>Como resultado, destaca-se que: a) anterior ao atendimento remoto os alunos tinham o hábito de acesso à internet para lazer, mas não para aquisição de conhecimento; b) sobre o atendimento remoto, a docente considera que a ferramenta utilizada era uma novidade para todos, e, muitas vezes, a dificuldade dos alunos não estava no entendimento do conteúdo, e sim nas questões relacionadas ao manuseio das ferramentas. Em sua perspectiva, o apoio da família foi fundamental para a organização da rotina de estudos, que deixou de ser presencial; c) alguns alunos gostaram do sistema on-line, mas preferem o retorno presencial, mesmo apontando que acham interessante a manutenção de alguns aspectos, como o uso dos jogos, de materiais interativos e outros. Foi possível concluir que o atendimento remoto apresentou desafios tanto para a docente, quanto para alunos e responsáveis. Esta experiência de atendimento remoto ocorreu de modo inesperado; porém, promoveu reflexões sobre a prática educativa, processos formativos, bem como sobre o uso de tecnologias digitais como inclusão social dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE).</p>

Autor/ano Título/ link	Objeto	Objetivos	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>TAVARES, DOUGLAS BRUM. A experiência pedagógica e a transformação do cotidiano docente ocasionado pela Pandemia da COVID – 19' 22/09/2022 89 f. Mestrado Profissional em Educação Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, Bagé Biblioteca Depositária: https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/7796</p>	<p>Educação, Pandemia, Docentes.</p>	<p>Propor a reflexão sobre o significado e a experiência adquirida pelos professores no ensino remoto a partir de encontros reflexivos. Analisar os impactos da pandemia no processo pedagógico de sujeitos em vulnerabilidade, através das reflexões promovidas nos encontros com educadores e educadoras.</p>	<p>Santos (2007 e 2020)</p>	<p>Relatório reflexivo apresenta uma pesquisa – ação de caráter qualitativo, realizada com educadores e educadoras da Escola Estadual de Ensino Básico Professor Gentil Viegas Cardoso, localizada em Alvorada – RS. O estudo discorre sobre as compreensões acerca da experiência pedagógica e a transformação do cotidiano dos professores na pandemia. Realizou-se a intervenção observação participante, e pelos relatos e estudos verificou-se que foram frágeis as políticas públicas durante a pandemia, o que causou situações vulnerabilidade de alunos, educadores e educadoras.</p>	<p>As reflexões promoveram a interpretação das experiências dos professores e professoras na pandemia do COVID - 19, como também as transformações de seus cotidianos. Assim, este trabalho proporcionou um novo olhar para o retorno das aulas presenciais na escola, onde evidenciou-se a reflexão crítica sobre as políticas públicas educacionais, através da experiência de cada participante.</p>

APÊNDICE B: ARTIGOS SCIELO

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>ESPER, M. V., ARAÚJO, J. S., SANTOS, M. A. dos ., & NASCIMENTO, L. C.. (2022). Atuação do Professor de Educação Especial no Cenário da Pandemia de Covid-19. <i>Revista Brasileira De Educação Especial</i>, 28(Rev. bras. educ. espec., 2022 28). https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0092</p>	<p>Atuação do Professor de Educação Especial no Cenário da Pandemia de Covid-19</p> <p>ESPER, M. V.,</p>	<p>Compreender a subjetividade dos sujeitos bem como a temática em estudo de forma detalhada a partir de seu contexto de vida.</p>	<p>Borges & Santos, (2005) Abreu et al. (2009)</p>	<p>O pesquisador que utiliza o método qualitativo busca compreender a subjetividade dos sujeitos bem como a temática em estudo de forma detalhada a partir de seu contexto de vida. A pesquisa qualitativa pode ser conduzida por meio de abordagem individual ou grupal. A interação em grupo produz um contexto dialógico no qual a opinião de um participante incentiva outros a se posicionarem concordando ou discordando, o que colabora para o mapeamento dos pontos de consenso e de dissenso, além de possibilitar a ampliação do escopo da discussão sobre o tema.</p>	<p>Quanto às implicações para a prática educacional, ressaltamos a necessidade de oferecer constante incentivo aos professores de Educação Especial, sobretudo em tempos pandêmicos. Esse apoio pode estimular, seguramente, grupos de profissionais da educação que ainda não conseguem integrar, em sua atuação cotidiana, ações, processos e sensibilidade diante dos alunos PAEE. Assim sendo, esperamos que este estudo colabore com a discussão sobre a relevância do papel do professor de Educação Especial no campo educacional e na vida do PAEE, contribuindo para que a escola cumpra seu desafio de educar na e para a diversidade. Todavia, consideramos que o contexto investigado apresenta limitações referentes às perspectivas de um grupo específico de educadoras de uma região brasileira, necessitando, portanto, de futuras pesquisas, que poderão agregar novas contribuições, abarcando práticas vivenciadas em diferentes contextos educacionais, de modo a suprir as lacunas existentes sobre a temática.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>LIMA, P. V. de ., NOVATO, T. da S., & CARVALHO, M. P. de .. (2022). Desafios e Medidas de Enfrentamento na Educação dos Surdos e Deficientes Auditivos em Tempos de Pandemia. <i>Revista Brasileira De Educação Especial, 28</i>(Rev. bras. educ. espec., 2022 28). https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0055</p>	<p>Estratégias metodológicas;</p>	<p>Traçar as principais potencialidades e fragilidades de ações e de estratégias educacionais no ensino desses indivíduos (surdos) no período pandêmico em 2020 e 2021.</p>	<p>Abou-Abdallah, M., & Lamymman, A. (2021). Arantes, A. C. F. F. de S., & Pires, E. M. (2012). Araújo, M. S. O., Carvalho, M. M., & Sousa, R. S. N. (2021) Azevedo, J. P., Hasan, A., Goldemberg, D., Geven, K., & Iqbal, S. A. (2021)</p>	<p>Foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados disponíveis no acervo de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), utilizando o Portal Acesso da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) com a busca por assunto e pelas palavras-chave “education”, “pandemic” e “deaf”, simultaneamente unidas a partir do operador booleano “and”. O Portal CAFe foi escolhido por possuir uma grande relevância ao fornecer acesso às informações científicas internacionais às universidades e aos Institutos Federais de todo o país. Por isso, é considerada a melhor ferramenta para a realização de um panorama mundial referente à produção científica na problemática do ensino de pessoas com surdez e deficiência auditiva no período pandêmico</p>	<p>A partir das metodologias adotadas e da análise dos resultados, conclui-se que a educação dos surdos foi impactada negativamente durante a pandemia. Fatores socioeconômicos nacionais e individuais, no entanto, moldam a intensidade desse impacto. Mais recursos financeiros disponíveis resultam em menores danos educacionais diretos na vida escolar, técnica e acadêmica desses alunos. As tecnologias de assistência empregadas em cada instituição devem ser formuladas a partir das preferências e das necessidades individuais dos alunos surdos para serem ofertadas ao mesmo tempo com os alunos não surdos. Essas estratégias devem estar inseridas nos Planos Políticos Pedagógicos das instituições para que professores e intérpretes estejam preparados para dar assistência aos estudantes. O diálogo entre discentes, docentes e familiares, nesse sentido, é indispensável para aperfeiçoamentos metodológicos, seja na modalidade remota, híbrida, seja na presencial.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>BUENO, M. B., LEITE, G. G., VILARONGA, C. A. R., & MENDES, E. G.. (2022). ENSINO REMOTO PARA ESTUDANTES DO PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS. <i>Educação Em Revista</i>, 38(Educ. rev., 2022 38). https://doi.org/10.1590/0102-469833814</p>	<p>Analisar como foi o ensino para os estudantes público-alvo da educação especial no período remoto.</p>	<p>Analisar como ficou o ensino para os estudantes público-alvo da educação especial (PAEE) nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs)</p>	<p>Arruda (2015) FUSARI, (1989) (SANTOS, 2020)</p>	<p>A abordagem exploratória e descritiva, do tipo pesquisa de levantamento, foi realizada junto a 156 docentes de diferentes <i>campi</i> dos IFs. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário. Os dados obtidos foram sistematizados, organizados e analisados quantitativa e qualitativamente em categorias temáticas, acompanhando as variáveis do instrumento.</p>	<p>Os resultados evidenciaram que os docentes buscaram diferentes alternativas no ensino remoto, tais como: planejar colaborativamente; adotar procedimentos diferenciados no planejamento específico; prever modificações na prática pedagógica; utilizar material didático e avaliações adaptadas etc. As tecnologias e o ambiente virtual foram considerados tanto em aspectos positivos quanto desafiadores. Conclui-se que a demanda para atender às necessidades educacionais dos estudantes PAEE no ensino remoto exigiu o replanejamento dos processos pedagógicos com diferentes ações que variaram a depender de cada instituto. Contudo, faltaram diretrizes para elaborar o plano de ensino individualizado, assim como maior articulação com os professores de educação especial, o que pode impactar a qualidade do ensino e a aprendizagem do PAEE. Sugere-se que outras pesquisas sejam desenvolvidas, buscando maior aprofundamento e a avaliação das experiências docentes durante o ensino remoto no contexto da pandemia.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>AMORIM, A. C. DE ., GERTNER, S. R. DA C. B., COSTA, L. S., & FEMINELLA, A. P.. (2022). Sobre o viver em uma cidade capacitista: antes, durante e depois da pandemia da COVID-19. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i>, 27(Ciênc. saúde coletiva, 2022 27(1)). https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19842021</p>	<p>Pessoas com deficiência antes e durante a COVID-19 e o capacitismo</p>	<p>Tematizar sobre o viver as diferentes inacessibilidades cotidianas nas cidades tangenciam e suscitam discussões no plano ético-estético dos territórios existenciais das pessoas com deficiência e sofrimento psíquico. Refletir sobre como o viver em cidades capacitistas hostiliza a existência de pessoas com deficiência, segmento que segundo a ONU representa cerca de 15% da população mundial.</p>	<p>Foucault 2005 e 2013</p>	<p>Ensaio que propõe análise sobre ser, estar, habitar, ganha contornos dramáticos quando além da pandemia da COVID-19 e suas implicações sanitárias, sobrepõe-se temas ligados ao planejamento urbano. Impactos pandêmicos se fizeram sentir em diferentes segmentos populacionais, particularmente entre os que habitam em territórios vulnerabilizados, notadamente pessoas com deficiências e/ou sofrimento psíquico.</p>	<p>O ensaio optou pela coletivização ao refletir que, o ser, estar e habitar uma cidade se dá ocupando prédios e ruas insuficientemente acessíveis; bloqueando vias de acesso pela via "crip-campiana", fazendo circular corpos ruidosos no centro das cidades como parte de uma "instalação artista" - de cadeiras de rodas, próteses, órteses -, onde o signo da liberdade da opressão se manifeste. Se nos vêm somente da forma "idealizada", daqui por diante passarão a enxergar "obstáculos políticos" de carne e osso, como (re)existências em que sujeitos de direitos sanitários lutam pela efetividade de políticas públicas anticapacitistas. Logo, as dimensões de acessibilidade e inclusão não são concessões do Estado, mas ora se manifestam sob a forma de questões de princípio das quais não se abre mão em forma de luta e (re)existência.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>ASSIS, A. E. S. Q.. (2021), EDUCAÇÃO E PANDEMIA: OUTRAS OU REFINADAS FORMAS DE EXCLUSÃO. <i>Educação Em Revista</i>, 37(Educ. rev., 2021 37). https://doi.org/10.1590/0102-469825112</p>	<p>Exclusão na educação durante a pandemia.</p>	<p>Problematizar discursos proferidos por professores e estudantes no âmbito dos órgãos de gestão democrática educacionais públicos, enfatizando aspectos excludentes que tendem a destacar perspectivas de inovação, proatividade e/ou sucesso.</p>	<p>Teoria Crítica e Pós-Modernismo</p>	<p>Recorre-se à argumentação conceitual, de forma a explorar as categorias analíticas que emergiram desse processo especulativo, quais sejam: necessidade, tranquilidade e facilidade. A categoria discursiva de “necessidade” é sustentada tanto a partir de discursos individualistas, como “preciso me formar”, quanto coletivistas: “importante fazer o que for possível”. Já a categoria de “tranquilidade” vem acompanhada de um discurso que pressupõe familiaridade com as ferramentas e o modelo remoto: “é intuitivo”; “é só usar”; “sempre existiu a plataforma, todos deveriam usar e saber usar”. E, por fim, a categoria da “facilidade” se pauta na generalização sem conhecimento de causa, traduzida em frases como: “mas todo mundo tem um celular hoje em dia”</p>	<p>O momento atual tem permitido desconsiderar a realidade, que encontra cada vez mais dificuldade em se fazer entender ou em ser compreendida – independente da corrente teórica que se use para com ela dialogar. É um momento em que as ciências, em especial as humanas, estão rodeadas de discursos de que elas para nada servem. Ao alcance estão: o conhecimento, o estudo, a familiaridade com os objetos de trabalho, para a realização de análises que poderiam minimizar o impacto deste momento. Se as Ciências Biológicas e Exatas estão na linha de frente do combate à Covid-19, é indubitável que o suporte fica por conta das Ciências Humanas, são elas que discutem o contexto e apontam questões a ser co-nsideradas em planejamentos para a manutenção das vidas e da sociedade, desmascara-ndo os discursos excludentes e também os economicamente duais: trabalhar ou morrer? Ainda que não sejam as respostas que se quer, são as respostas da ciência, e, com elas, é possível construir o cenário que se deseja. Conclui-se questionando a validade dos argumentos ao exasperarem fatores de exclusão em lugar de mitigá-los.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>GIVIGI, R. C. DO N., SILVA, R. S., MENEZES, E. DA C., SANTANA, J. R. S., & TEIXEIRA, C. M. P.. (2021). Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo. <i>Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental</i>, 24(Rév. latinoam. psicopatol. fundam., 2021 24(3)), https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p618.8</p>	<p>Efeitos do isolamento no comportamento de crianças e adolescentes com autismo.</p>	<p>2Analisar os efeitos do isolamento no comportamento de crianças e adolescentes com autismo.</p>	<p>(Amaral & Vries, 2020; Santos & Lemes, 2020; American Psychiatric Association, 2013; Viana, Furtado & Vieira, 2020).</p>	<p>Trata-se de um estudo descritivo, de caráter transversal, no qual pais ou responsáveis responderam um questionário online. O questionário foi feito a partir do Formulário Google e compartilhado por meio da divulgação de um hiperlink. A pesquisa ficou disponível online de 3 de julho a 11 de agosto de 2020. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento, no próprio formulário eletrônico, que continha informações sobre o objetivo do estudo, seus procedimentos, sobre a participação voluntária e informações de contato dos pesquisadores.</p>	<p>Os resultados da pesquisa apontaram que o confinamento acentuou os sintomas do autismo. Conclui-se que são necessárias medidas de intervenções com os sujeitos e suas famílias. Dentre as limitações do presente estudo estão questões como: relação entre idades das crianças e efeitos da pandemia; a possibilidade da ocorrência de viés nas respostas a algumas questões; efetividade dos teleatendimentos; e efeitos da pandemia a longo prazo, já que a situação ainda não se normalizou e dá sinais de que ainda irá perdurar. Apesar dessas limitações, o estudo refere-se a um público em situação de vulnerabilidade, e por isso entende-se que é relevante para que sejam implementadas medidas de reparação dos problemas. Para concluir, a pandemia da COVID-19 nos trouxe dor e sofrimento, provocado pelas mudanças, pela falta de estabilidade (Verztman & Dias, 2020). Como pesquisadores preocupados com a situação de vulnerabilidade de grupos como das crianças e adolescentes com autismo, a situação provocada pela pandemia nos convocou a refletir sobre outras possibilidades de exercício das práticas clínicas, educacionais, sociais e familiares, e a utilizar a pesquisa para elucidar caminhos que contribuam para a formação de uma comunidade mais inclusiva.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>CARVALHO, B. R., & FINAMORI, S. D.. (2022). As temporalidades do cuidado: autismo, parentesco e pandemia. <i>Horizontes Antropológicos</i>, 28(Horiz. antropol., 2022 28(64)). https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000300007</p>	<p>Entrelaçamentos entre deficiência, cuidado e parentesco.</p>	<p>Analisar os entrelaçamentos entre deficiência, cuidado e parentesco.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>A pesquisa da primeira autora é resultado de uma etnografia, realizada desde 2019, acompanhando mães e pais de pessoas com autismo e o envolvimento desses familiares em associações e esferas do poder público, apontando para as complexas articulações entre diagnóstico, deficiência e a experiência familiar na efetivação de direitos. A segunda autora se aprofundou no debate acadêmico e político sobre deficiência por meio da orientação da pesquisa da primeira autora, embora pessoalmente já tivesse adentrado essas discussões por conviver, em sua família, com pessoas com deficiência, o que a levou, em muitos momentos, a refletir sobre a reciprocidade de cuidados intergeracionais. De modo mais direto, contudo, foi a partir da realização de uma história de família</p>	<p>Nessa direção, é fundamental sublinhar que, longe de haver uma homogeneidade no modo como esses eventos e transições do curso da vida são vivenciados, há uma multiplicidade de fatores que se interseccionam e afetam as percepções e práticas, inclusive marcadores sociais, como raça, classe, gênero, sexualidade, geração e religião. No entanto, que os aspectos íntimos dessas histórias estão também conectados a contextos mais amplos, relacionados às variadas concepções históricas, sociais, políticas e biomédicas sobre deficiência em geral, e autismo em particular, bem como às dimensões mais estruturais em torno da relação cuidado, gênero e família. Diante desse evento disruptivo, que produziu consequências econômicas, políticas e sociais mais amplas, apontamos que, longe de os efeitos da pandemia na temporalidade do cotidiano terem sido intrinsecamente bons ou ruins, eles enfatizaram aspectos complexos das relações de cuidado no contexto da deficiência, trazendo à tona reordena-mentos possíveis da vida coti-diana tanto quanto salientando aspectos estruturais de desigualdades preexistentes.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>MELO, D. C. F. DE ., SIQUEIRA, P. C., MACIEL, E. L. N., DELCARRO, J. C. S., ROBAINA, I. M. M., JABOR, P. M., GONCALVES JUNIOR, E., & ZANDONADE, E.. (2022). Pessoas com Deficiência e COVID-19 no estado do Espírito Santo, Brasil: entre a invisibilidade e a falta de Políticas Públicas. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i>, 27(Ciênc. saúde coletiva, 2022 27(11)). https://doi.org/10.1590/1413-812320222711.08232022</p>	<p>3Pessoas com Deficiência e COVID-19 no estado do Espírito Santo, Brasil: estudo sobre a invisibilidade e a falta de Políticas Públicas</p>	<p>analisar o perfil das pessoas com deficiência dentre os casos notificados pelo painel COVID-19 do Espírito Santo e possíveis associações com o resultado positivo do teste COVID-19.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>Estudo Transversal descritivo entre as pessoas com deficiência com testes positivos e negativos para o diagnóstico de COVID-19. Foram realizadas associações das variáveis epidemiológicas e clínicas, utilizando o teste qui-quadrado e modelos de regressão logística para se estimar o odds ratio.</p>	<p>A letalidade por COVID-19 foi de 4,9% (175 casos) no grupo das pessoas com deficiência, e 3% (3.016) no grupo sem deficiência. Pessoas com deficiência do sexo masculino (OR=1,34; IC95% 1,22-1,47), raça/cor preta (OR=1,55; IC95% 1,09-2,20), e as que ficaram internadas (OR=2,27; IC95% 1,71-3,02) apresentaram associação com testes positivos para COVID-19. A pandemia enfatiza a necessidade de criar mecanismos legais e políticas públicas focalizadas para essa população. Diante dos resultados do presente estudo, é importante salientar o impacto das desigualdades em saúde na população com deficiência, considerando que se trata de um setor que apresenta mais dificuldades tanto para a realização do autocuidado quanto para o acesso aos serviços de saúde e ações educativas devendo esses serviços serem considerados como atividades essenciais. A pandemia enfatiza a necessidade de contar com mecanismos que garantam a efetivação dos direitos das PcDs principalmente, nos cenários de crises sanitárias.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
LOCKMANN, K., & KLEIN, R. R.. (2022). Processos de in/exclusão de alunos com deficiência em tempos de sindemia covídica. <i>Ciência & Educação (bauru)</i> , 28(Ciênc. educ. (Bauru), 2022 28). https://doi.org/10.1590/1516-731320220048	Processos de inclusão e exclusão	Analisar os processos de in/exclusão vivenciados por alunos com deficiência durante o distanciamento social causado pela Covid-19, a partir de respostas a 214 questionários aplicados com docentes e gestores, atuantes em diferentes etapas da Educação Básica.	Foucault	Análise do discurso de orientação foucaultiana.	<p>Evidenciaram-se dois eixos de discussão: o primeiro aponta para um acirramento das desigualdades escolares e um enfraquecimento da democracia; e o segundo diz respeito a práticas de in/exclusão desenvolvidas por meio da individualização das atividades docentes e a outras elaboradas colaborativamente. Por fim, considera-se a escola como espaço comum na produção de práticas mais incluídas.</p> <p>As desigualdades de acesso às tecnologias evidenciam os poucos investimentos no campo da educação e em políticas públicas para atender às necessidades escolares. Cabe-nos apontar que, em decorrência desse pouco investimento, o comprometimento com a atuação pedagógica escolar precisa ser considerado quando se pretende discutir sobre a atuação docente.</p> <p>Primeiramente, apontamos que houve e continua havendo, neste ano de 2021, em que continuamos a conviver com a sindemia covídica, a negação ao atendimento dos alunos com deficiência.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>MOREIRA, F. D. dos S.. (2021). Ensinando Conceitos sobre a Pandemia com Símbolos Tangíveis. <i>Revista Brasileira De Educação Especial</i>, 27(Rev. bras. educ. espec., 2021 (27)). https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0013</p>	<p>4Conceitos sobre a Pandemia com Símbolos Tangíveis</p>	<p>Apresentar cinco cartões de símbolos tangíveis como recurso para ensinar conceitos sobre a pandemia da COVID-19 para crianças que apresentam deficiência múltipla sensorial visual.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>Ensaio teórico coloca em evidência a importância dos símbolos tangíveis como valiosos recursos da comunicação alternativa tátil, capazes de favorecer a comunicação, a antecipação de atividades, a compreensão de conceitos, e como opções de escolhas a serem feitas por estas crianças.</p>	<p>Destaca-se a importância das interações táteis exploratórias por meio da modalidade háptica e do distanciamento entre o eu, os outros, os objetos e as representações. Por tratar-se de um assunto pouco explorado no cenário nacional, considera-se relevante apresentá-lo para que outros professores e pesquisadores o conheçam e o utilizem com seus alunos.</p> <p>Os símbolos tangíveis são um dos recursos da comunicação alternativa tátil. Podem ser utilizados para favorecer a comunicação, para incentivar as crianças a fazerem escolhas e contribuem para a formação de conceitos. Não são padronizados, mas devem ser utilizados obedecendo uma sequência instrucional de forma consistente. A elaboração dos símbolos tangíveis emprega materiais de baixo custo. São objetos reais ou parte de objetos que se relacionam claramente com seus referentes. Esses recursos configuram-se como essenciais para a compreensão de conceitos por parte de crianças com deficiência múltipla sensorial visual. Eles devem ser utilizados pela criança de forma contínua, de modo que haja uma integração entre o ambiente doméstico e a escola. Ressalta-se a importância dos parceiros de comunicação para compartilharem experiências e estabelecerem atenção conjunta a essas crianças, bem como a importância do contexto social para a compreensão de conceitos.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>VALE, P. R. L. F. DO ., SILVA, E. S. DA ., COSTA, J. S. P., CARVALHO, R. C. DE ., & CARVALHO, E. S. DE S.. (2021). Repercussões da pandemia da COVID-19 em mães-crianças com síndrome congênita do Zika. <i>Acta Paulista De Enfermagem</i>, 34(Acta paul. enferm., 2021 34). https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO03123</p>	<p>Repercussões da pandemia da COVID-19 em mães-crianças com síndrome congênita do vírus Zika.</p>	<p>Analisar as repercussões da pandemia da COVID-19 em mães-crianças com síndrome congênita do vírus Zika.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>Estudo misto sequencial exploratório (QUAL->QUAN), realizado com 44 mães de crianças com SCZ respondentes de questionário online aplicado entre abril e maio de 2020. Os dados qualitativos foram submetidos à análise de conteúdo temática e os quantitativos à estatística descritiva, com aplicação do teste t de <i>Student</i> emparelhado. A integração dos dados foi realizada de acordo com a técnica <i>joint display</i> . As participantes foram recrutadas inicialmente nos grupos de <i>WhatsApp</i> da Associação de Pais de Anjos da Bahia (APAB), fundada em 2017, e da Associação aBRAÇO a Microcefalia (aBRAÇO) fundada em 2016, ambas com sede em Salvador, Bahia, Brasil. O contato inicial com as associações foi realizado através do canal de teleatendimento oficial median-te conversa no aplicativo <i>WhatsApp</i> .</p>	<p>A pandemia da COVID-19 repercutiu no incremento de novas tarefas de cuidado com a criança e ambiente doméstico, bem como elevou os níveis de sobrecarga de cuidado das mães, o que pode resultar em alterações importantes na saúde física e mental delas. Além disso, conviver com dificuldades financeiras, desorganização da rotina e má qualidade do sono pode culminar em desequilíbrio do processo saúde-doença. Os resultados apontam para a implementação de Planos de Cuidados de Enfermagem que diminuam a sobrecarga de cuidado materno, auxiliem na reorganização da rotina diária, estimulem o compartilhamento de tarefas entre familiares e rede de apoio social, beneficiem a qualidade do sono e fomentem ações de sociabilidade da criança. Cabe sugerir que estudos científicos investiguem as atividades que sobrecarregam a mãe nesse período, assim como as prováveis consequências sobre desenvolvimento motor, intelectual e social da criança, resultantes da descontinuidade da assistência decorridas da pandemia.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>SALDANHA, J. H. S., PEREIRA, A. P. M., SANTOS, A. O. C. DOS., MIRANDA, B. S., CARVALHO, H. K. S. DE., NASCIMENTO, L. C., AMARAL, M. S., MACEDO, M. S., CATRINI, M., & ALMEIDA, M. M. C. DE .. (2021). Pessoas com deficiência na pandemia da COVID-19: garantia de direitos fundamentais e equidade no cuidado. <i>Cadernos De Saúde Pública</i>, 37(Cad. Saúde Pública, 2021 37(9)). https://doi.org/10.1590/0102-311X00291720</p>	<p>Equidade no cuidado a pessoas com deficiência</p>	<p>Identificar e sistematizar a literatura sobre a situação das pessoas com deficiência nos primeiros meses da pandemia da COVID-19.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>Revisão de escopo realizada nas bases de dados PubMed, Scopus, BIREME, SciELO e Web of Science, que incluiu publicações de dezembro de 2019 a maio de 2020. A revisão foi orientada para a busca de artigos originais, publicados em revistas indexadas e revisados por pares, além de literatura cinzenta especializada. Foram revisados 386 textos e incluídos no estudo 33 artigos e documentos.</p>	<p>O resultado da revisão apontou três categorias temáticas que refletem as principais discussões apresentadas na literatura sobre o tema: vulnerabilidades das pessoas com deficiência diante da pandemia; direitos das pessoas com deficiência nesse contexto; e medidas de proteção e acesso à informação sobre COVID-19 voltadas para pessoas com deficiência. No contexto de emergência em saúde pública, comunidades historicamente marginalizadas, como as pessoas com deficiência, correm o risco de se sentirem mais vulneráveis, bem como sofrerem privações e discriminação nos planos de triagem de atendimento, além de preconceitos e estigmas que influenciam nas tomadas de decisão na assistência em saúde e intensificam desigualdades preexistentes, tornando esse grupo mais suscetível ao adoecimento e à desproteção social. Embora as pessoas com deficiência tenham sido reconhecidas como grupo de risco para COVID-19, houve um atraso, por parte dos governos, na construção de planos de enfrentamento à doença para essa população. São escassos estudos para a compreensão dos efeitos da pandemia da COVID-19 nas pessoas com deficiência, especialmente no sentido da efetivação de medidas de prevenção, controle e proteção que garantam a equidade no cuidado</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>BARBOSA, A. L. DE A., ANJOS, A. B. L. DOS., & AZONI, C. A. S.. (2022). Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. <i>Codas</i>, 34(CoDAS, 2022 34(4)). https://doi.org/10.1590/2317-1782/202120203731</p>	<p>Impactos deste isolamento na aprendizagem de crianças e adolescentes da educação básica.</p>	<p>Identificar na literatura mundial artigos que relatam os impactos deste isolamento na aprendizagem de crianças e adolescentes da educação básica.</p>	<p>Não foram informados</p>	<p>Esta pesquisa foi realizada nas bases de dados PubMed, <i>Education Resources Information Center</i> (ERIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), ScienceDirect, PsycINFO e Scopus. As palavras-chave foram selecionadas por meio do <i>Medical Subject Headings</i> (MeSH), Thesaurus, Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Open Grey (literatura cinzenta), utilizando os operadores booleanos AND e OR em combinação com os seguintes des-critores. Foram traçadas múltiplas buscas, a fim de obter o maior número de artigos acerca do assunto, visto ainda ser um tema recente: "COVID-19 OR pandemics" AND "learning OR education"; "COVID-19 OR pandemics" AND "child OR children"; "COVID-19 OR pandemics" AND "preschool OR preschool children"; "COVID-19 OR pandemias" AND "aprendizagem OR educação"; "COVID-19" AND "estudantes OR criança OR pré-escolar". Para a administração das referências e seleção dos artigos com cegamento entre os autores, foi utilizada a ferramenta <i>Rayyan QCRI</i>.</p>	<p>Os resultados evidenciaram que, dentre os quatorze estudos analisados, há um alerta para os estudantes em situação de vulnerabilidade social, com pior repercussão em meninas em situação de risco para gestação precoce e sobrecarga de trabalho doméstico, assim como prejuízos acadêmicos em virtude da ausência da alimentação no contexto escolar daqueles que dependem da escola para sobrevivência. Ainda há poucos estudos que direcionam a atenção para estudantes com necessidades educacionais especiais e, no Brasil, não há estudos relacionados à aprendizagem com estudantes da educação básica durante a pandemia da COVID-19.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>LIMA, IBP, & ANGELO, R. DI C. DE O. (2022). PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM. Em <i>SciELO Preprints</i>. https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4499</p>	<p>Percepção do professor do atendimento educacional especializado sobre as características do transtorno do espectro autista</p>	<p>Analisar a percepção dos professores do Atendimento Educacional Especializado sobre as características clínicas do Transtorno do Espectro Autista e sua influência na aprendizagem.</p>	<p>Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição e segundo as Diretrizes da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na educação básica, regulamentadas pelo Decreto nº 6.571/2008.</p>	<p>O estudo de corte transversal foi realizado em duas etapas, sendo a primeira descritiva, com análise exploratória de dados, e a segunda, com delineamento quase experimental do tipo pré e pós-teste. Participaram 65 professores do Atendimento Educacional Especializado, ambos os sexos, em efetivo exercício nas escolas da rede estadual de Pernambuco da região do Sertão do Médio São Francisco. O instrumento aplicado na coleta de dados foi elaborado no formato de questionário estruturado, com base nos critérios do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição e segundo as Diretrizes da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na educação básica, regulamentadas pelo Decreto nº 6.571/2008.</p>	<p>Os resultados mostram que os docentes apresentam lacunas de conhecimento sobre as manifestações clínicas desse transtorno, além de dificuldades tais como avaliação individualizada, elaboração do plano de desenvolvimento individual e desenvolvimento de estratégias e intervenções pedagógicas. Ao delinear o perfil profissional do professor do AEE e identificar as lacunas de conhecimento, bem como as percepções e crenças a respeito das características clínicas do TEA, o presente estudo assinala para um provável comprometimento da qualidade do ensino ofertado aos estudantes com esse transtorno. Por desconhecer as manifestações clínicas do TEA que interferem nos mecanismos neurais da aprendizagem, o docente tem dificuldades na realização de avaliações direcionadas a cada estudante neuro-diverso e na elaboração do plano de desenvolvimento individual com objetivos específicos e metodologias adequadas; culminando na proposta de estratégias e intervenções pedagógicas ineficazes. Adicionalmente, os resultados demonstram um menor aproveitamento percentual do conhecimento dos professores do AEE após intervenção pedagógica, ofertada na forma de curso de atualização sobre a temática. Destaca-se a relevância e necessidade de formações contínuas e direcionadas às lacunas de conhecimento sobre tal temática.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>PAGAIME, A, KUMADA, K.M.O., Drago, S.L.dos S., Prieto, R.G., Melo, D.C. F. de., & Artes, A. (2022). EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PANDEMIA: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL. Cadernos De Oesquisa, 52, e09665.https://doi.org/10.1590/198053149665</p>	<p>Estratégias e desafios no ensino da educação especial no ensino fundamental durante a pandemia</p>	<p>Analisar estratégias e desafios identificados no início da pandemia de covid-19 para a escolarização do público-alvo da educação especial, com foco na percepção de docentes do ensino fundamental das redes públicas.</p>	<p>Não informados</p>	<p>Estudo, de natureza quantitativa, foi concebido a partir de um questionário eletrônico, desenvolvido na plataforma Survey Monkey, conforme as seguintes fases: a) elaboração e testagem piloto do questionário; b) análise dos dados coletados na testagem e ajuste do instrumento; c) tradução para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), pré-testagem do conteúdo e das condições de acessibilidade (contraste, tipo e tamanho da fonte); d) ajustes com base na testagem dos recursos de acessibilidade; e) aplicação; e f) processamento e análise dos dados</p>	<p>Dentre os resultados, observou-se que, apesar do investimento no fomento de tecnologias digitais antes da pandemia, o ensino remoto foi, predominantemente, conduzido pelo uso de material impresso, sendo o trabalho com esse alunado a distância apontado como o maior desafio. Espera-se com este estudo contribuir para o mapeamento das implicações do ensino remoto para a educação especial..</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>COSTA, A. B. da ., PICHARILLO, A. D. M., & ELIAS, N. C.. (2023). Efeitos da Pandemia de Covid-19 na Educação de Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. Revista Brasileira De Educação Especial, 29, e0226. https://doi.org/10.1590/1980-54702023v29e0226</p>	<p>Efeitos da pandemia de covid-19 para indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no contexto educacional.</p>	<p>Descrever os efeitos da pandemia de covid-19 para indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no contexto educacional, em publicações de livre acesso da literatura científica nacional e internacional.</p>	<p>Não informado</p>	<p>Como método, foi feito o levantamento sistemático no Portal de Periódicos da Capes, entre janeiro de 2020 e julho de 2021, em que os critérios de inclusão dos estudos eram a sua disponibilidade na íntegra nas bases de dados e serem estudos com entrevistas com pais/responsáveis de crianças com diagnóstico de TEA ou entrevistas com docentes ou coordenadores de escolas em que havia crianças com diagnóstico de TEA inclusas. Para análise, sete artigos foram selecionados.</p>	<p>Como resultados, foi possível observar as dificuldades com relação à educação, vivenciadas pelas famílias durante o período de isolamento. Eles também indicam que, quanto aos serviços de educação remota das crianças com TEA, existe a necessidade da atenção às especificidades desses alunos.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>VEIGA -NETO, A.. (2020). Mais uma Lição: sindemia covidica e educação. Educação & Realidade, 45(4), e109337. https://doi.org/10.1590/2175-6236109337</p>	<p>Sindemia covidica e educação</p>	<p>Articular os desdobramentos das crises geradas pela pandemia da COVID-19, com as deficiências da educação escolar, no Brasil. Levar em consideração algumas medidas educacionais que sejam úteis para o enfrentamento de situações semelhantes às atuais e que, infelizmente, venham a ocorrer daqui para diante.</p>	<p>Focault</p>	<p>o método como o caminho a trilhar para alcançar um ou mais objetivos, então se pode dizer que nesta seção trato de algumas precauções metodológicas. Ora, pensar no método e problematizá-lo implica conhecer e mapear o terreno em que nos movimentamos e, de certo modo, implica também já ir fazendo um diagnóstico do que temos na paisagem que nos rodeia e das dificuldades que temos pela frente. É feita uma revisão da nomenclatura usada pelos estudos sobre pandemias.</p>	<p>Argumenta que uma escola marcada por desigualdades, exclusões, elitismo, facilitação e superficialidade vem gerando amplos contingentes de estultos e refratários às orientações científicas de prevenção à pandemia e seu controle. Tal situação é agravada por parte das classes políticas dirigentes, cujos líderes são fiéis adeptos do negacionismo, fundamentalismo político e religioso, anticientificismo e conspiracionismo. Propõem-se alguns princípios norteadores para a educação científica com ênfase nas dimensões gnosiológica e formativa.</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>DIAS, É., & RAMOS, M. N.. (2022). A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação, 30(117), 859–870. https://doi.org/10.1590/S0104-40362022004000001</p>	<p>sobre avaliação, aprendizagem, financiamento, Educação para cidadania, Educação como direito social, políticas públicas para jovens, internacionalização do Ensino Superior, justiça social, gestão educacional e o papel da Arte na escola.</p>	<p>Refletir sobre a Educação e a aprendizagem por conta do muito que se perdeu durante o período mais crítico da Covid-19 no Brasil e no mundo e o que é preciso fazer para reverter tais perdas. Refletir sobre a Educação e a aprendizagem, por conta das perdas, que foram acentuadas durante o período pandêmico. Refletir sobre a noção de Educação, noção esta que pode ser muito ampla e que permite interpretações diversas - com práticas também diversas-, e da aprendizagem, tão necessária nesse “novo normal” quando já se é possível vislumbrar o fim da pandemia.</p>	<p>Não informado</p>	<p>Análise bibliográfica que Reflita sobre todos esses temas, o novo número da Ensaio, traz no seu bojo, artigos sobre avaliação, aprendizagem, financiamento, Educação para cidadania, Educação como direito social, políticas públicas para jovens, internacionalização do Ensino Superior, justiça social, gestão educacional e o papel da Arte na escola.</p>	<p>Esse conjunto de artigos, com uma grande variedade temática, demonstra que a pandemia não parou a produção científica no mundo e que a Educação continua a ser uma ferramenta para a transformação da sociedade. A leitura de artigos tão distintos, oriundos de quase todas as regiões do Brasil, da Argentina, do México, da Espanha e de Portugal, fará o leitor constatar que o Ensino Superior, o Ensino Fundamental, a avaliação educacional, a Cidadania e a Educação como direito social, constituíram-se como os fios condutores desse número, entrelaçando realidades nacionais e internacionais, trazendo à vista questões que são relevantes para os pesquisadores da Educação</p>

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>SENKEVICS, A.S., ALCÁNTARA, V.G. Nivelando por baixo: Impactos da pandemia na queda de aprendizado no 5º ano do ensino fundamental brasileiro</p> <p>https://doi.org/10.1590/S1980-6352202100000001</p>	<p>Desempenho escolar; Educação básica; Pandemia de Covid-19; Nível Socioeconômico.</p>	<p>Discutir as perdas de aprendizado nos anos iniciais do ensino fundamental, em âmbito nacional, antes e depois da pandemia de Covid-19, com especial atenção para a importância dos recursos técnico-pedagógicos mobilizados pelas escolas na eventual minimização da queda de desempenho. Compreender a extensão e a magnitude da queda de aprendizado no Brasil, bem como estimar o efeito da qualidade da resposta educacional à pandemia sobre a minimização da queda.</p>	<p>Não informado</p>	<p>Utilizou-se um painel de Resultados médios escolares no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), acrescido de dados do Censo da Educação Básica e outros indicadores educacionais. Utilizou-se duas bases de dados e indicadores educacionais disponibilizados pelo Inep com os quais foram desenvolvidas um painel de escolas ofertantes do 5º ano do ensino Fundamental. Para informações sobre o desempenho das escolas, foi utilizado os dados do Saeb entre 2011 e 2021. Para informações sobre características escolares e resposta educacional à pandemia, utilizou-se as bases do Censo da Educação Básica (CEB) e da pesquisa complementar Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19, apresentada às escolas via CEB nos anos de 2020 e 2021. O CEB constitui uma pesquisa anual baseada em registros administrativos que informa sobre características da escola, dos corpos docente e discente e da gestão, tais como as etapas e modalidades ofertadas, a estrutura da escola em termos de recursos humanos e materiais, os turnos de funcionamento. Os dados do CEB possibilitam a produção de indicadores do funcionamento do sistema escolar em termos de ingresso, permanência, fluxo e conclusão. Exclusivamente em 2020 e</p>	<p>Os resultados descritivos indicam que a pandemia impactou principalmente escolas de alto desempenho prévio à crise – motivo pelo qual o sistema educacional teria sido “nivelado por baixo” – e, sobretudo, aquelas que recebem um alunado de menor nível socioeconômico e que apresentam menor capacidade institucional de resposta à pandemia. Modelos lineares com efeitos fixos municipais indicam que, controlado pelo desempenho prévio e pelo nível socioeconômico, a resposta técnico-pedagógica à pandemia e o tempo de funcionamento presencial apresentaram efeitos (não causais) de baixa significância prática. Em síntese, a pesquisa identifica certa apatia das escolas e redes de ensino às ferramentas mobilizadas, o que coloca em cheque a efetividade de tais recursos no enfrentamento da crise.</p>

				<p>2021, foi aplicado o suplemento Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 com dados sobre o tempo de funcionamento presencial, remoto ou híbrido, bem como os recursos tecno-lógicos e pedagógicos mobilizados pelas escolas durante a crise sanitária. O Saeb é um conjunto de avaliações criado em 1990 para aferir a evolução da qualidade da educação e identificar os fatores que possibilitam eventuais mudanças. Para tanto, o sistema conjuga em um mesmo processo de avaliação do desempenho estudantil as seguintes dimensões: a aferição do aprendizado acompanhado da compreensão dos contextos, dos insumos e dos processos de ensino-aprendizagem. Essas dimensões são medidas pela aplicação de testes em larga escala para o fundamental e médio e de questionários para alunos, professores e diretores. Neste estudo, utilizamos os resultados médios, por escola, dos estudantes do 5o ano.</p>	
--	--	--	--	---	--

Autor/ Ano Título/ Link	Objeto	Objetivo	Referenciais teóricos fundamentais	Metodologia e instrumentos	Principais resultados
<p>CAMIZÃO, A. C., CONDE, P. S., & VICTOR, S. L.. (2021). A implementação do ensino remoto na pandemia: qual o lugar da educação especial?. <i>Educação E Pesquisa</i>, 47(Educ. Pesqui., 2021 47). https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147245165</p>	<p>A implementação do ensino remoto na pandemia e o lugar da educação especial</p>	<p>Analisar o processo de implementação do ensino remoto com vistas à garantia do atendimento educacional especializado aos estudantes público-alvo da educação especial em tempo de pandemia da covid-19.</p>	<p>Orso (2020) Praun (2020)</p>	<p>É um estudo documental, pois utiliza os registros produzidos pelas Secretarias de Educação. Diante da implementação do ensino remoto, surgiram alguns questionamentos, como: Por que as aulas precisam voltar? Quais as condições concretas de trabalho oferecidas aos professores da educação especial para a realização do ensino remoto? Como os municípios se organizaram para garantir o direito à educação do público-alvo da educação especial? Será que essas condições estão sustentando um trabalho inclusivo no contexto de pandemia?</p>	<p>A produção e análise dos dados mostraram as possibilidades e limitações da implementação da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, conforme orienta a política nacional de educação especial vigente. O estudo concluiu que a proposta de educação especial dos municípios não corresponde diretamente à proposta inclusiva prevista nas orientações anteriores ao período de pandemia. Se a proposta era estabelecer vínculos, os objetivos foram alcançados, mas, se ela se estende ao comprometimento com a aprendizagem e o desenvolvimento desses sujeitos, está bem longe de ser atingida.</p>